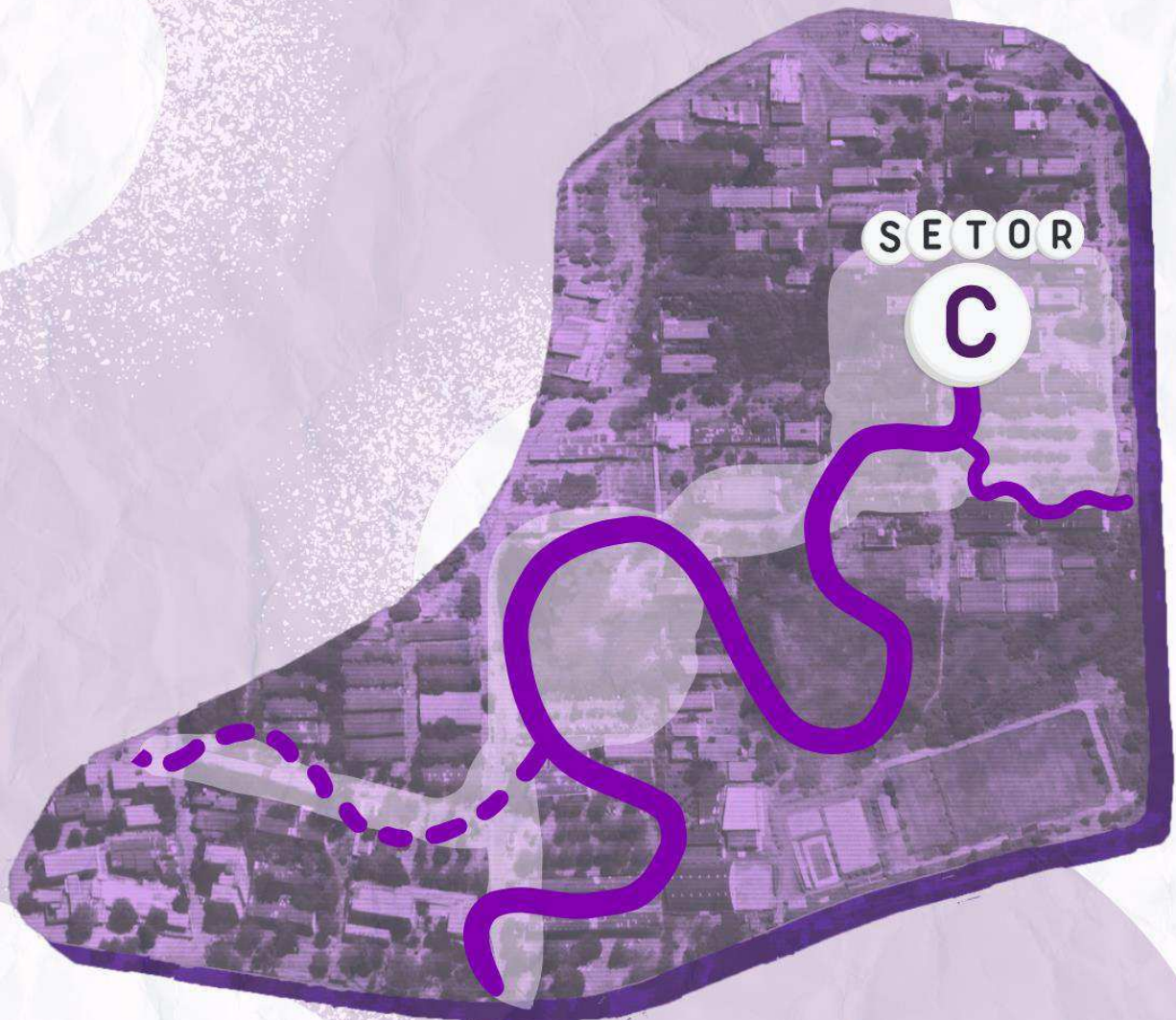




INGRID VITÓRIA PEREIRA ARAUJO

ACESSIBILIDADE NO CAMPUS SEDE UFGG:

[diagnósticos e recomendações]



CAMPINA GRANDE/PB
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS – CTRN
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL – UAEC
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO – CAU

ACESSIBILIDADE NO CAMPUS SEDE UFCG:
diagnósticos e recomendações

Discente: Ingrid Vitória Pereira Araujo

Orientadora: Taciana Lima Araujo

Coorientadora: Miriam de Farias Panet

CAMPINA GRANDE/PB

2024

INGRID VITÓRIA PEREIRA ARAUJO

ACESSIBILIDADE NO CAMPUS SEDE UFCG:

diagnósticos e recomendações

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Arquiteta e Urbanista.

Orientadora: Taciana Lima Araujo

Coorientadora: Miriam de Farias Panet

CAMPINA GRANDE/PB

2024

A663a

Araujo, Ingrid Vitória Pereira.

Acessibilidade no campus sede UFCG: diagnósticos e recomendações / Ingrid Vitória Pereira Araujo. – Campina Grande, 2024.
133 f. : il. color.

Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, 2024.

"Orientação: Profa. Dra. Taciana Lima Araujo, Profa. Dra. Miriam de Farias Panet".

Referências.

1. Acessibilidade – Universidade. 2. Acessibilidade em Instituição de Ensino Superior. 3. Avaliação Pós-Ocupação (APO). I. Araujo, Taciana Lima. II. Panet, Miriam de Farias. III. Título.

CDU 727:378.4(04)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CNPJ nº 05.055.128/0001-76
COORDENACAO DE GRADUACAO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900
Telefone: (83) 2101-1400
Site: <http://ctrn.ufcg.edu.br> - E-mail: ctrn@ufcg.edu.br

DECLARAÇÃO

Processo nº 23096.057625/2024-11

O Trabalho de Conclusão de Curso “**ACESSIBILIDADE NO CAMPUS SEDE UFCG: diagnósticos e recomendações**”, foi defendido pela(o) aluna(o): **INGRID VITORIA PEREIRA ARAUJO**, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo foi **APROVADO** em 16 de outubro de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a **TACIANA LIMA ARAUJO** (Orientadora)

Prof^a Dr^a **MIRIAM FARIAS PANET** (Coorientadora)

Prof Dr **FULVIO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA** (Examinador(a) Interna(o))

Prof. Me **HELENALDO FIRMINO DE AZEVEDO** (Examinador Externo)



Documento assinado eletronicamente por **TACIANA LIMA ARAUJO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/10/2024, às 09:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MIRIAM DE FARIAS PANET, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/10/2024, às 13:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **FULVIO TEIXEIRA DE BARROS PEREIRA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/10/2024, às 14:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **4934201** e o código CRC **DD3E4EC5**.

Agradecimentos

Antes de tudo, queria dizer que nessa jornada da graduação houve altos e baixos que me fizeram crescer de uma forma que nunca imaginei, foram muitos momentos difíceis, mas também outros em que fui muito feliz com tudo que aprendi e vivi. Com certeza, esses anos que se passaram serão sempre lembrados com muito carinho.

Dessa forma, começo agradecendo aos meus pais: *Maria*, minha mãe, que me trouxe de volta a minha querida cidade, lutou durante muitos anos para poder me oferecer o melhor e me incentivou a crescer cada vez mais. Ao meu pai, *Fernando*, que mesmo distante, esteve sempre ao meu lado, me apoiando nas decisões que tomei, além de ter cuidado de mim com muito amor durante os anos em que estive por perto. Sem vocês, com certeza eu não teria chegado a este momento de minha vida.

Ao meu companheiro, meu amigo, meu amor, *João Marques*, que esteve comigo desde o começo da minha caminhada dentro da universidade e nunca soltou a minha mão, mesmo que a distância nos atormentasse por longos períodos. Obrigada por sempre me apoiar e motivar, nunca deixando que eu duvidasse da minha capacidade de completar meus caminhos e conquistar todos os meus sonhos. Te amo imensamente!

Ainda no conjunto da família, agradeço aos meus gatinhos: *Hope*, por ter sido literalmente minha esperança e minha companheira em dias de aula online, provavelmente ela sabe mais de Arquitetura e Urbanismo do que eu. Ao meu *Pretinho*, que chegou depois, mas que deixou os nossos dias mais leves. Vocês são tudo que eu poderia sonhar em ter.

Às minhas amigas, agradeço por sempre estarem juntas a mim, durante todos esses anos. *Iale*, agradeço por ser a pessoa doce e maluca que é, por segurar a barra quando foi necessário, por ser sincera e me guiar em momentos que eu precisei. Sem você, de fato eu não seria metade do que sou. *Gabriela*, sou grata por confiar em mim, por me aturar sempre que

necessário e por ter essa luz forte dentro de si, que me proporcionou momentos de muita felicidade. Pode ter certeza que sempre que precisar, irei te segurar. *Jade*, agradeço por me aconselhar e me ouvir quando foi preciso, em muitas situações você esteve comigo e me deu palavras que me ajudaram a seguir em frente. Você nem imagina o quanto esses momentos foram importantes para mim. Enfim, minhas parceiras, aguardo os nossos reencontros após o fim dessa jornada, obrigada por tudo. Amo vocês.

A todos os amigos de curso, que tiveram muita importância em diferentes momentos e me ajudaram nessa caminhada de diversas formas. Para aqueles que estão desde o começo comigo e aos que se chegaram depois, mas que fizeram a diferença nestes anos e com muito carinho, agradeço: *Arthur Fragoso, Beatriz Souza, Carolina Tsuyuguchi, Daniel Oliveira, Ismael Nascimento, Jobson Brunno, Matteus Freitas, Maria Eduarda, Mirelly Marques, Paula Rodrigues, Tiago Victor e Yohanna Tethysy.*

Ao *EREA Parahyba 2023*, que foi um evento que me trouxe muitos momentos de conhecimento, vivência e amizade. Agradeço especialmente, pois foi onde eu tive a luz inicial sobre o que este presente trabalho se tornaria. Agradeço por aquele momento mágico e a todos que estiveram comigo nesses dias, foi uma construção e tanto!

Aos *professores do curso*, que fizeram parte da minha caminhada nestes anos, agradeço imensamente pelos ensinamentos compartilhados.

Agradeço especialmente à *Taciana e Miriam*, que aceitaram me guiar nesta reta final, mas além disso, confiaram no meu potencial e me motivaram a seguir em frente. Agradeço por todo o ensinamento durante esses anos, pelas contribuições e pelo apoio para a construção deste presente trabalho.

Por fim, *agradeço a mim mesma*, por ter feito as escolhas que fiz, pois foram o motivo de ter chegado a este momento específico da minha vida, nunca imaginei que estaria aqui, tão realizada. Aguardo ansiosamente para saber os próximos caminhos que decidirei trilhar.

RESUMO

Este trabalho busca analisar as condições de acessibilidade no *Campus Sede* da Universidade Federal de Campina Grande, de modo a abordar a importância do acesso nos espaços públicos de ensino, considerando o que a Constituição Brasileira garante: o direito à educação para todos. Embora a Lei n.º 10.098/2000 tenha estabelecido diretrizes para a promoção da acessibilidade, a realidade ainda demonstra que muitas instituições de ensino superior não atendem a essa necessidade, especialmente para Pessoas com Deficiência (PcD) e com Mobilidade Reduzida (PMR). Com o auxílio do conceito de Desenho Universal, que visa a inclusão e autonomia de todos, o estudo busca compreender a atual situação da acessibilidade nos percursos entre os Setores A e C do *campus*, por se tratar de uma área com dificuldade de acesso e infraestrutura precária, quando comparada a outros setores. Utilizando métodos de Avaliação Pós-Ocupação (APO), como questionários e observações, além de revisão bibliográfica e coleta de dados quantitativos, o trabalho identifica as principais problemáticas existentes nos percursos apresentados. Os resultados obtidos mostram uma gama de problemas encontrados em relação à adaptação do espaço quanto à acessibilidade, sendo resumidos em Quadros e Mapas de Diagnósticos e Recomendações (QDRs e MDRs), visando ressaltar a importância da aplicação das normas de acessibilidade nos espaços públicos de ensino. Espera-se que as recomendações elaboradas sirvam como um guia de avaliação, com o intuito de incentivar uma reestruturação de parte do *campus*, promovendo um ambiente mais acessível e inclusivo, além de reforçar a importância da discussão sobre este tema dentro do ambiente acadêmico.

Palavras-chave: Acessibilidade; Percursos; Instituição de Ensino Superior; Avaliação Pós-Ocupação (APO).

ABSTRACT

This study aims to analyze the accessibility conditions at the Main Campus of the Federal University of Campina Grande, addressing the importance of access in public educational spaces, considering what the Brazilian Constitution guarantees: the right to education for all. Although Law No. 10,098/2000 established guidelines for promoting accessibility, the reality still shows that many higher education institutions do not meet this need, especially for People with Disabilities (PwD) and those with Reduced Mobility (RM). With the aid of the Universal Design concept, which aims for the inclusion and autonomy of all, the study seeks to understand the current state of accessibility in the pathways between Sectors A and C of the campus, as this area has accessibility challenges and inadequate infrastructure compared to other sectors. Using Post-Occupancy Evaluation (POE) methods, such as questionnaires and observations, as well as bibliographic review and quantitative data collection, the work identifies the main existing issues in the presented pathways. The results obtained show a range of problems encountered regarding the adaptation of space in terms of accessibility, summarized in Diagnosis and Recommendation Tables and Maps, aimed at highlighting the importance of applying accessibility standards in public educational spaces. It is expected that the recommendations formulated will serve as a guide for evaluation, intending to encourage a restructuring of part of the campus, promoting a more accessible and inclusive environment, as well as reinforcing the importance of discussing this topic within the academic environment.

Keywords: Accessibility; Pathways; Higher Educational Institution; Post-Occupancy Evaluation (POE).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Objetivo Geral.....	12
Objetivos Específicos	12
Metodologia.....	12
Avaliação Pós-Ocupação	14
1 SOBRE A ACESSIBILIDADE	17
1.1 Desenho Universal	18
1.2 Contexto internacional.....	19
1.3 Contexto nacional	20
1.4 Tipos de acessibilidade.....	21
2 CAMPUS SEDE UFCG	23
2.1 História e contexto	24
2.2 Área de estudo: Setor A e Setor C	27
2.3 Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – UFCG	32
2.3.1 Dados quantitativos	32
2.3.2 Analisando os dados do Setor C	37
3 ANÁLISES E MAPEAMENTO DO SETOR C	43
3.1 Questionário.....	43
3.1.1 Resultados do questionário	45
3.2 Mapeamento dos principais percursos até o Setor C	68
3.2.1 Percurso 1	69
3.2.2 Percursos 2, 3, 4 e 5	76
3.2.3 Percursos 6, 7 e 8	82

3.2.4 Percursos 9, 10 e 11	88
3.2.5 Percursos 12, 13 e 14	94
4 DIAGNÓSTICOS E RECOMENDAÇÕES	99
4.1 QDR e MDR: Percurso 1	99
4.2 QDR e MDR: Percursos 2, 3, 4 e 5	103
4.3 QDR e MDR: Percursos 6, 7 e 8	106
4.4 QDR e MDR: Percursos 9, 10 e 11	108
4.5 QDR e MDR: Percursos 12, 13 e 14	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	120

INTRODUÇÃO

A Constituição Brasileira (1988) nos diz que a educação é um direito de todos e, com isso, há uma expectativa de que os ambientes públicos de ensino estejam prontos para receber uma diversidade de alunos e servidores. Todavia, nem todos têm a mesma oportunidade de ingressar e permanecer em Instituições de Ensino Superior (IES) quando se trata da acessibilidade no ambiente construído.

O conceito de Desenho Universal foi desenvolvido a partir dos anos 80 e se tornou importante na concepção de espaços, de modo que todos pudessem se inserir, fazer parte e ter autonomia. Dessa forma, nacionalmente, a promoção de acessibilidade foi estabelecida na Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que foi fundamental para que a sensibilidade em construir espaços acessíveis começasse a se instaurar. Porém, essa lei já completou mais de 20 anos e, mesmo em conjunto com a implementação e atualização da norma ABNT NBR 9050/2020 e outras normas complementares, até hoje a acessibilidade é negligenciada em diversos aspectos. Por exemplo, é tratada em alguns casos como uma obrigatoriedade para aprovação dos projetos, mas não pela sua importância no espaço, ou também pela falta de fiscalização na sua execução.

Algumas mudanças nos espaços são necessárias para que o acesso de Pessoas com Deficiência (PcD) e com Mobilidade Reduzida (PMR) seja garantido, tornando a acessibilidade, de fato, universal nos ambientes externos e internos, reestabelecendo o direito de acesso aos espaços públicos e ao ensino.

Com isso, a intenção deste trabalho é compreender o contexto em que o Campus Sede da Universidade Federal de Campina Grande foi instalado e como se encontra atualmente no âmbito da acessibilidade urbanística. O foco é, mais especificamente, identificar a condição da acessibilidade dos percursos inseridos em uma área de estudo selecionada, que abrange parte do Setor A e chega em parte do Setor C. Essa área foi escolhida por se tratar

de um local de difícil acesso, com topografia acentuada e que não possui uma estrutura recomendável para atender todos os usuários, aplicando métodos de Avaliação Pós-Ocupação (APO), como questionários, métodos observacionais de aspectos físicos, além da revisão bibliográfica e levantamento de dados quantitativos.

Dessa maneira, destacar a dificuldade de acesso ao Setor C, por meio de avaliações que mostrem a falta de acessibilidade nos percursos existentes, assim como a organização de diagnósticos e recomendações, traz compreensão sobre a importância do Desenho Universal e da aplicação das normas nos espaços públicos. Assim, espera-se que os resultados obtidos sirvam de guia para que as situações sejam revisitadas e readaptadas para todos, buscando um campus mais acessível e inclusivo.

Objetivo Geral

Identificar as condições de acessibilidade nos principais percursos que levam até o Setor C do *Campus* Sede da UFCG, por meio de métodos e técnicas de Avaliação Pós-Ocupação.

Objetivos Específicos

Discutir a importância de implementar o Desenho Universal nos espaços das instituições públicas de ensino superior;

Avaliar a qualidade da acessibilidade em percursos que levam ao Setor C, em conformidade com as normas vigentes, considerando também a opinião dos usuários;

Incentivar futuros projetos, que visem a importância das avaliações do espaço para uma melhoria eficaz quanto à acessibilidade urbana do *campus*.

Metodologia

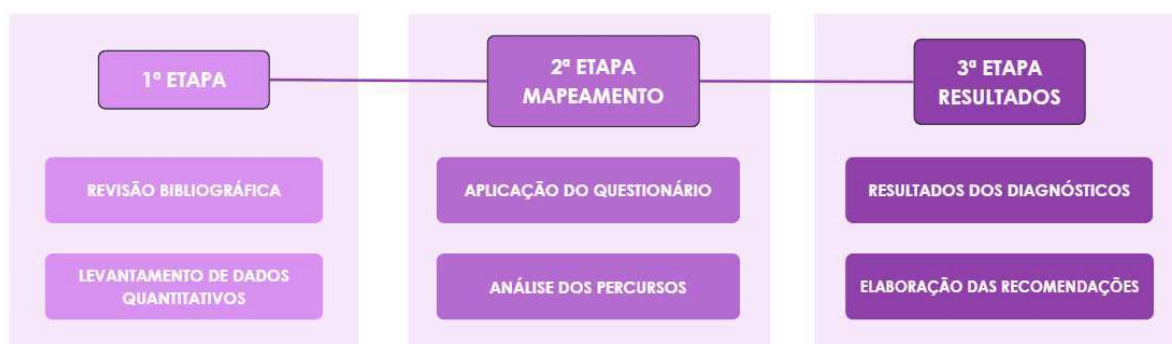
Para o desenvolvimento deste trabalho, o método utilizado foi a pesquisa quali-quantitativa (Gil, 2006). Foram propostas três etapas (Figura 1),

sendo a primeira referente à revisão bibliográfica e ao levantamento de dados quantitativos, que foram disponibilizados pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – NAI-UFCG, para que fosse possível analisar o número de alunos com deficiência que estão inseridos na universidade, mais especificamente dentro da área de estudo.

Na segunda etapa, o foco está relacionado ao mapeamento dos dados coletados em campo, usando técnicas e métodos de Avaliação Pós-Ocupação (APO). A partir disso, buscamos compreender como cada percurso da área de estudo está em relação à acessibilidade. Os métodos utilizados foram um questionário anônimo online e o mapeamento dos percursos por meio do método observacional de aspectos físicos, com auxílio de registros fotográficos e medições.

Por fim, na terceira etapa, considerando os resultados coletados, iniciou-se a fase da elaboração de Quadros-síntese de Diagnósticos e Recomendações (QDRs), assim como dos Mapas de Diagnósticos e Recomendações (MDRs) que fazem parte da metodologia de APO. Dessa forma, as recomendações foram elaboradas focando nos diagnósticos obtidos, para que sejam feitas as adaptações necessárias para esta área de estudo, considerando as irregularidades atuais, assim como as vivências e opiniões apresentadas no questionário aplicado.

Figura 1 - Etapas metodológicas



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Avaliação Pós-Ocupação

Segundo Ornstein *et al.* (2018), a avaliação pós-ocupação (APO) é um conjunto de métodos e técnicas que buscam avaliar o ambiente construído, tendo o usuário como protagonista, obtendo diagnósticos e recomendações.

Cabe destacar que a APO tem a vantagem de se valer de multimétodos e técnicas num contexto multidisciplinar, cujas principais vantagens residem na consideração dos pontos de vista dos especialistas/avaliadores e dos usuários, no tempo e na escala reais. Em contrapartida, sua possível desvantagem está na necessidade, inerente a essa abordagem, de trabalhar com inúmeras variáveis incontroláveis ou não facilmente controláveis, tais como o comportamento humano e suas relações com o ambiente construído (Ornstein *et al.*, 2018, p. 25).

A instauração do ambiente dentro da relação do indivíduo e seu comportamento se deu a partir do final da década de 40, considerando as disciplinas tradicionais da época, como Psicologia, Antropologia, Arquitetura e Sociologia, de tal forma que, ao passar dos anos e dos contextos a APO foi se consolidando (Ornstein *et al.*, 2018).

A APO busca avaliar diversos aspectos do ambiente construído, como o desempenho, a conformidade com as normas técnicas aplicáveis e a identificação de pontos críticos. Com base nessa análise, são propostas ações para solucionar os problemas identificados, sempre com o objetivo de garantir a satisfação dos usuários. Para isso, são utilizados métodos quantitativos que não dependem da opinião dos usuários, como vistorias, medições de conforto, simulações e indicadores de desempenho, além de métodos quantitativos que dependem da opinião do usuário, como o questionário, por exemplo (Ono e Ornstein, 2018).

Já os métodos qualitativos inseridos na APO são aqueles que podem ou não considerar a opinião do usuário, sendo eles: *walkthrough*, *wayfinding*, métodos observacionais, entrevistas individuais ou em grupo, grupo focal, poema dos desejos, discurso do sujeito coletivo (qualiquantitativo). Desses, os

três primeiros não consideram o ponto de vista do usuário, já os demais coletam essa percepção como parte do objetivo. Para a coleta dos dados nesses processos é possível utilizar os resultados de imagens fotográficas, filmagens, gravações, temporizador e outros meios de registros, em formulários, desenhos, entre outros (Ono *et al.*, 2018).

Especificando de forma breve, cada método da APO, segundo Ono *et al.* (2018) temos:

- **Walkthrough:** É um passeio, preferencialmente acompanhado por uma ou mais pessoas que fazem uso do espaço em questão, dialogando durante os percursos. Tendo como resultado um reconhecimento geral dos espaços e como eles são usados, além de registrar todos os aspectos apontados pelos usuários.
- **Wayfinding:** Segundo Carpman e Grant (2016 apud Ono *et al.*, 2018, p. 123) tem como objetivo compreender o comportamento dos usuários no espaço estudado e com isso identificar como se orientam em determinado trajeto. Após compreender o espaço físico, é preciso também entender as características dos usuários e como se comportam no espaço.
- **Métodos observacionais:** A observação ajuda na percepção dos comportamentos de tudo que está sendo observado no espaço, serve para validar intuições de como é este comportamento e também para suplementar com dados significativos do espaço. Podem ser observados: as atitudes dos usuários, traços físicos do espaço, fluxos, como também a simulação dos usos e situações observadas, que a partir da suposição se compreende alguns dos possíveis comportamentos.
- **Entrevistas individuais ou em grupo:** Segundo Günther (2008, apud Ono *et al.*, 2018, p.124) a entrevista é uma técnica tradicional das pesquisas em Ciências Sociais, de modo que se obtém informações que são de grande valia para compreender as interações dos usuários com o ambiente, elaborando

perguntas simples e breves. A praticidade da entrevista também se dá pelo contato do pesquisador com o entrevistado, que vai além das respostas coletadas, considerando que também há o próprio comportamento a ser percebido. A entrevista serve como uma estratégia para complementar outros métodos, trazendo uma validação ao que já foi coletado. Podem ser feitas entrevistas com pessoas chaves: sendo individual ou em grupo. Os resultados normalmente são transcritos e interpretados pelo pesquisador, gerando um resumo do que foi coletado, que deve ser revisado pelos entrevistados de modo a finalizar com a autorização para a divulgação.

- **Grupo focal:** Segundo Gatti (2005, apud Ono *et al.*, 2018, p. 126) é basicamente uma atividade em grupo, onde é discutido um tema, com o intuito de obter pensamento compartilhado pelos participantes sobre o assunto. Existe um moderador para conduzir a discussão e outra pessoa para fazer os registros da atividade, seja anotando, gravando ou de outras maneiras, quando necessário. É um instrumento usado quando a população estudada não tem grande número para aplicar outros meios de investigação, como o questionário. São selecionados de 6 a 8 participantes, para a discussão ser feita em no máximo 90 minutos. O resultado pode ser transcrito e interpretado, formando um resumo do que foi discutido.
- **Poema dos desejos:** Instrumento desenvolvido por Sanoff (2011 apud Ono *et al.*, 2018, p. 126) e foi originalmente dedicado a escolas infantis, de modo que os usuários escrevessem aquilo que desejassem ter no espaço em que estão inseridos, considerando a melhoria ou construção de um novo ambiente. Para apresentar os resultados, as principais coisas citadas podem ser categorizadas e apresentadas em gráficos ou outra forma visual.

- **Discurso do sujeito coletivo (qualiquantitativo):** este método colhe depoimentos dos usuários que podem gerar dados qualiquantitativos. É feito um discurso-síntese, onde o conjunto de relatos represente toda a opinião coletiva a respeito de um assunto. Podem ser qualitativas por se tratar de um discurso que mostra as percepções, mas também quantitativo por se referir a quantidade e representatividade das opiniões coletadas dentro de um grupo contextualizado.

Segundo Ono, França e Ornstein (2018) o meio de apresentação dos resultados obtidos nos métodos escolhidos se dá por meio do processamento ou tratamento dos dados resultantes, onde será feita a análise que mostrará os diagnósticos e com isso, conseqüentemente, serão elaboradas as recomendações para aquele ambiente estudado. Para tanto, é elaborado o Quadro-síntese de Diagnósticos e Recomendações (QDR), como também o Mapa de Diagnósticos e Recomendações (MDR).

O QDR, resumidamente, sintetiza todas as informações obtidas em um único quadro, tendo em cada situação identificada, recomendações para melhorias, sempre que possível. Esses dados resumidos em um quadro-síntese, também podem aparecer em mapas, onde podem ser usados para localizar as situações problemáticas e positivas, de forma a mostrar as análises e resultados de maneira mais visual.

1 SOBRE A ACESSIBILIDADE

A acessibilidade diz respeito a muitas características que estão presentes em nosso dia a dia. Ela é um meio de inclusão, principalmente para as Pessoas com Deficiência (PcD), mas também para que todas as pessoas tenham a possibilidade de ter autonomia nos espaços e, conseqüentemente, mais equidade. A acessibilidade é um direito que serve para garantir a vivência de forma independente, permitindo que o cidadão exerça e participe socialmente (Brasil, 2015).

Para contextualizar a acessibilidade, é bom entender o conceito do Desenho Universal, assim como os caminhos (eventos, normas e leis) que foram trilhados no mundo e no Brasil para que esse assunto fosse abordado hoje, com mais propriedade e importância.

1.1 Desenho Universal

A expressão Desenho Universal (*universal design*) foi usada pela primeira vez por Ron Mace, que conceituou que o desenho universal era responsável pela criação de ambientes ou produtos que pudessem ser usados pelo maior número de pessoas possível (Ron Mace *et al.*, 1991, apud Cambiaghi, 2012, p. 73).

Desenho universal: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva (Brasil, 2015, p. 8).

Segundo Cambiaghi (2012), o desenho universal surgiu em decorrência das reivindicações das pessoas com deficiência e de alguns arquitetos, urbanistas e designers que viam a necessidade da democratização dos ambientes projetados. Ele não é apenas uma solução voltada para pessoas com deficiência, mas para todos os usuários possíveis, para que possam ingressar, circular e utilizar de forma livre.

Há sete princípios no desenho universal, que são usados para avaliar os projetos existentes, guiar novos projetos arquitetônicos e de design, além de servir como auxílio no ensino para a área de construção civil e desenvolvimento de produtos. Estes princípios são:

- 1) Possibilidade de uso proporcional (igualitário);
- 2) Flexibilidade de uso (adaptável);
- 3) Uso simples e intuitivo (de fácil entendimento);
- 4) Informação perceptível (diferentes tipos de comunicação e visualização);
- 5) Tolerância ao erro (minimizar possíveis riscos);

- 6) Mínimo esforço físico (conforto ao usar);
- 7) Dimensionamento de espaços para acesso e uso de todos os usuários (uso abrangente).

1.2 Contexto internacional

Internacionalmente, os direitos das pessoas começaram a ser discutidos a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo Cambiaghi (2012), a discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência (PcD) surgiu mais tardiamente, em dezembro de 1975, também iniciada pela ONU. A partir disso, surgiram algumas outras declarações e convenções voltadas para a inclusão e discussão da educação inclusiva, como:

- A Declaração de Cuenca (1981);
- Declaração de Sunderberg – Unesco (1981);
- Convenção sobre os Direitos da Criança – ONU (1989);
- Conferência Mundial de Educação para Todos – Unicef, Jomtien (1990);
- XXIII Conferência Sanitária Panamericana (1990);
- Declaração de Salamanca – Espanha (1994), elaborada na Conferência Mundial sobre Educação Especial;
- Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as Pessoas “Portadoras” de Deficiência – Organização dos Estados Americanos (OEA) (1999);
- A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência - ONU (2006);
- 48ª Conferência Internacional de Educação em Genebra (2008).

Todas essas foram de grande importância para pavimentar de alguma maneira o contexto da inclusão para pessoas com deficiência em todas as partes do mundo, considerando que até os dias de hoje houve um grande avanço nessas discussões. No entanto, ainda é algo que precisa ser reforçado, principalmente quando se trata da inclusão e acessibilidade dos

espaços, seja pelas construções já realizadas ou a serem construídas, assim como no âmbito das atitudes sociais.

1.3 Contexto nacional

Já no Brasil, algumas leis, decretos e normas asseguram e promovem, em condições de igualdade, que os direitos das PcD sejam atendidos, independentemente de qual situação social esteja sendo aplicada.

- A primeira versão da ABNT NBR 9050 foi em 1985 e houve três versões revisadas (1994, 2004, 2015) até a mais atual, sendo a do ano de 2020;
- Lei n.º 10.098/2000 – Estabelece normas gerais e critério básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências;
- Decreto n.º 5.296/2004 – Regulamenta as Leis n.º 10.048/2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e n.º 10.098/2000 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas ‘portadoras de deficiência’ ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências;
- Portaria n.º 3.284/2003 - Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições;
- Decreto n.º 6.949/2009 – Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência;
- Decreto n.º 7.611/2011 – Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências;
- Lei n.º 13.146/2015 – Estatuto da Pessoa com Deficiência;

- ABNT NBR 16537/2024: Acessibilidade — Sinalização tátil no piso — Diretrizes para elaboração de projetos e instalação.

Essas e outras leis e normas foram norteadoras para uma melhor inclusão das PcD no país, em relação a todos os seus direitos, principalmente o de ter acesso à educação, que é para todos, segundo a Constituição Federal de 1988. Mas, para que tal direito seja efetivado, é importante entendermos que o acesso deve ser garantido, de modo a assegurar a permanência, participação e aprendizagem, para que todos possam ter oportunidades similares no ambiente educacional, seja ele de qualquer nível (infantil ao superior) (Brasil, 2015).

1.4 Tipos de acessibilidade

A acessibilidade tem um grande leque de situações, tanto sobre as barreiras físicas, que podem ser diversas, quanto sobre as barreiras atitudinais, que estão mais relacionadas às atitudes e preconceito enraizado nas pessoas em relação às PcD.

Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informações e comunicações, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (Brasil, 2015, p. 8).

Temos alguns tipos de acessibilidade, segundo Sasaki (2009), que serão tratados de forma breve para um entendimento mais objetivo. São eles:

- 1) **Atitudinal:** fala sobre as atitudes dos indivíduos, para que eles passem a lidar com as situações voltadas às pessoas com deficiência de forma respeitosa, sem preconceitos e estereótipos;
- 2) **Arquitetônica:** busca a melhoria nos espaços, gerando um lugar acessível, sem barreiras físicas. É o que se pretende compreender e analisar neste trabalho, em relação aos espaços da UFCG, para que sejam pensadas possíveis melhorias nos mesmos;

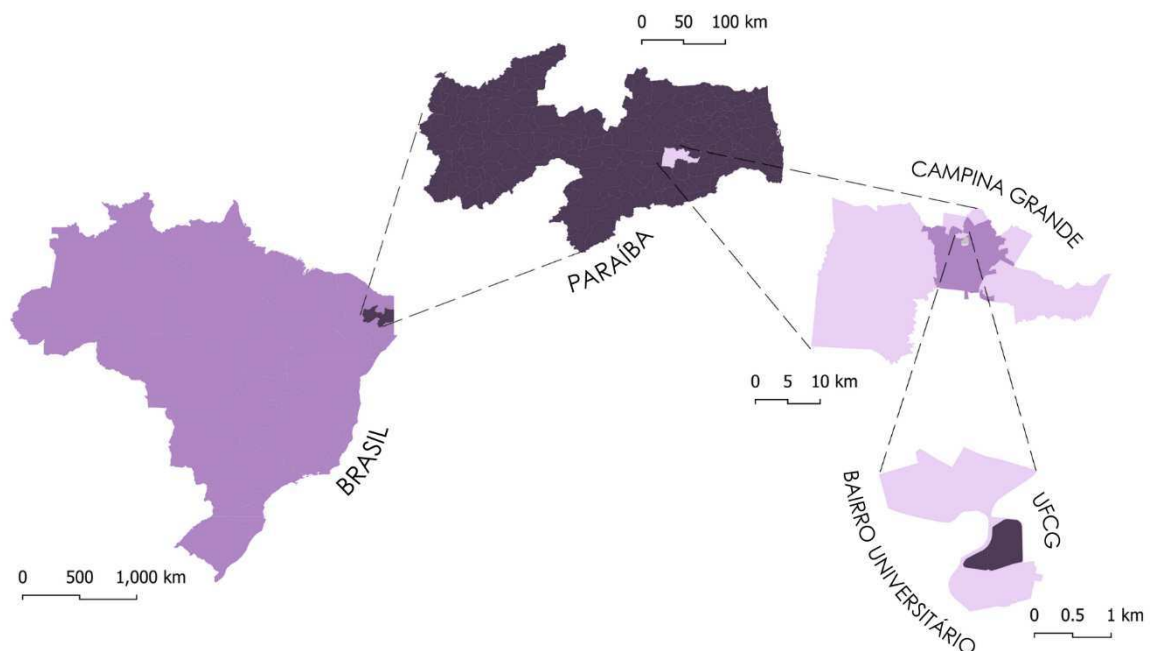
- 3) Metodológica:** diz respeito aos métodos aplicados no ensino e aprendizagem, buscando facilitar a inclusão da PcD no meio do educacional. Algo que também pode ser compreendido dentro deste trabalho de forma mais geral, no sentido de visualizar que além das barreiras físicas, há as barreiras pedagógicas, muitas vezes, geradas por professores que não fazem questão de auxiliar os alunos com deficiência, o que contribui para a falta de permanência e aprendizado nas instituições de ensino. Um exemplo de aplicação desta acessibilidade seria o uso de textos em braile ou ampliados;
- 4) Programática:** visa combater as barreiras inseridas nas políticas públicas, legislações e normas, para que se haja a devida aplicação e entendimento dessas políticas, respeitando os direitos das PcD;
- 5) Instrumental:** engloba a acessibilidade relacionada aos instrumentos e ferramentas utilizadas no dia a dia, facilitando o uso pelas PcD;
- 6) Nos transportes:** é sobre a acessibilidade nos meios de transporte, não apenas em relação a lugares preferenciais, mas de toda a logística para que a PcD tenha acesso ao transporte e garanta seu direito de ir e vir;
- 7) Nas comunicações:** se trata do acesso à comunicação entre as pessoas, de forma a fazer com o que todos possam se comunicar independentemente das dificuldades e diferenças na comunicação. Neste caso, um exemplo prático, seria a necessidade do ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) de forma obrigatória para todos, assim gerando uma maior acessibilidade nas comunicações;
- 8) Digital:** busca a acessibilidade no meio digital, em *sites* e aparelhos. Um exemplo são os textos alternativos para as imagens disponíveis em *sites* e aplicativos.

O conhecimento sobre os tipos de acessibilidade é importante para que se possa entender que um lugar acessível e inclusivo vai além do espaço físico: considera-se outros aspectos como, a comunicação, os comportamentos e preconceitos enraizados na sociedade. Não adianta estarmos em uma construção totalmente correta em relação às normas, quando não se faz questão de incluir, por outros meios, as PcD e PMR. Portanto, seria interessante pensar e agregar esses aspectos, principalmente quando falamos de um espaço de uso público, como a UFCG, que é um espaço de oportunidades, que deve atender a todos.

2 CAMPUS SEDE UFCG

Sendo o primeiro dos 7 campi atuais da Universidade Federal de Campina Grande, o *Campus Sede* é localizado no bairro Universitário, na cidade de Campina Grande, Paraíba (Figura 2).

Figura 2 - Mapa de localização: Brasil, Paraíba, Campina Grande, Bairro Universitário e Campus Sede-UFCG



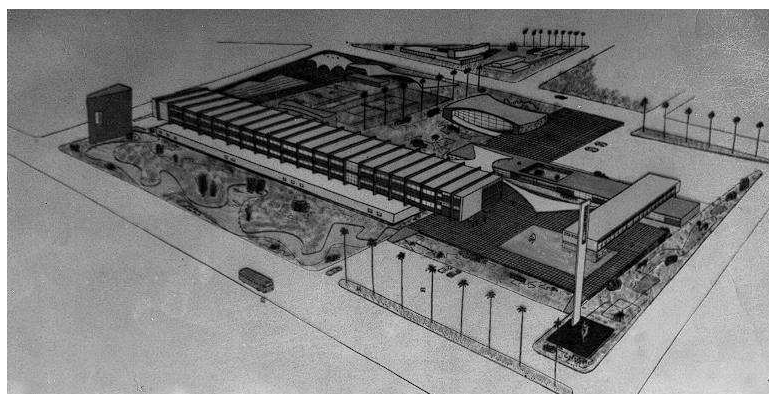
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

2.1 História e contexto

No ano de 1952, foi criada a Escola Politécnica da Paraíba, que teve como objetivo principal trazer a inovação e tecnologia para a cidade de Campina Grande, conquistando um bom reconhecimento e sendo referência regional e nacional, em relação à qualidade de formação na área de ciência e tecnologia logo nos seus primeiros anos (Montenegro *et al.*, 2018).

Passou por diversas fases até que se tornasse o atual *Campus Sede* da Universidade Federal de Campina Grande, pois nos seus anos iniciais, a sua instalação ocupou escolas de ensino médio já construídas na cidade, sendo a primeira sede, o Colégio José Américo (ou atualmente, conhecido como “Estadual da Prata”) e em seguida se instalou no prédio onde funcionava o Grupo Escolar Sólon de Lucena, para analisar as possibilidades da construção de uma possível sede, pois esses espaços provisórios não comportariam o tamanho da necessidade que uma instituição de ensino superior exige. Para a construção da sua sede definitiva, pensou-se inicialmente em um concurso para a seleção do projeto, porém não foi executado e foi decidido que seria feito por meio de um processo público de concorrência. O projeto final (Figura 3) foi feito pelo arquiteto recifense Heitor da Silva Maia Neto, durou entre os anos de 1959 e 1961, não sendo construído por completo. A sede definitiva (Figura 4) começou a ser usada no ano de 1962, no bairro de Bodocongó, atualmente bairro Universitário (Montenegro, 2018).

Figura 3 - Maquete do projeto arquitetônico original da Escola Politécnica da Paraíba



Fonte: Acervo do Projeto Memória da Ciência e Tecnologia (UFCG).

Figura 4 - Prédio da sede definitiva da Escola Politécnica



Fonte: Acervo do Projeto Memória da Ciência e Tecnologia (UFCG).

Em dezembro de 1960, a Escola Politécnica passa de uma instituição de ensino superior estadual para federal, se tornando parte da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mais especificadamente, o *campus* II, sendo denominado de Centro de Ciências e Tecnologia (CCT), dessa maneira, seguindo a estrutura e organização das instituições de ensino superior federais. E 42 anos depois, houve o desvinculo da UFPB, quando se tornou a Universidade Federal de Campina Grande (Ribeiro, 2018).

Seguindo para os dias atuais, após a criação da Universidade Federal de Campina Grande em 2002, já contava com uma estrutura *multicampi* nas cidades de Campina Grande, Patos, Sousa e Cajazeiras. E atualmente conta com 7 *campi* (adicionados nas cidades de Cuité, Pombal e Sumé) sem falar da abrangência dos 77 cursos de graduação e 47 programas de pós-graduação (Universidade Federal de Campina Grande, 2024).

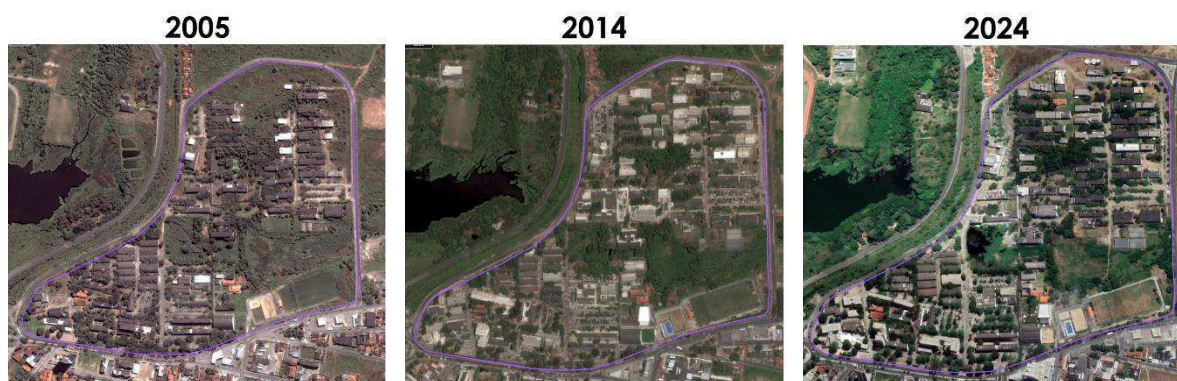
Porém, sobre sua estrutura física, continuou e continua expandindo (Figura 6) até os dias de hoje e dessa maneira, as construções internas do *Campus* Sede são datadas de anos diversos, havendo descontinuações e problemáticas relacionadas à conservação e adaptação dos mais antigos, além do urbanismo limitado do *campus*, que é agravado pela diferença de nível em sua grande topografia, o que dificulta as adequações para um melhor acesso, caminhabilidade e permanência.

Figura 5 - Linha do tempo: história do *Campus Sede-UFCG*



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 6 - Mudanças no *Campus Sede-UFCG* durante o período de 19 anos



Fonte: Google Earth Pro, 2024.

Mesmo com o seu crescimento e maior facilidade de ingresso, passados mais de 60 anos da sua construção inicial, seu espaço físico também foi modificado com a adição de novos blocos em seu território. Nos seus anos iniciais não havia normas que estabelecessem a questão de acessibilidade, até porque, não se era uma questão tão abrangente e, pois, dificilmente uma pessoa com deficiência estaria inserida em universidades públicas neste contexto histórico.

A primeira Norma Brasileira NBR 9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), foi estabelecida no ano de 1985, portanto algumas instalações do *Campus Sede* já haviam sido previamente feitas, o que torna difícil a sua readaptação pela falta de conhecimento da época. Mas

partindo para os anos atuais, onde já temos várias discussões acerca da inclusão das pessoas com deficiência, e também, havendo as atualizações desta mesma norma (nos anos de 1994, 2004, 2015 e 2020), normas complementares e leis de assuntos mais específicos à acessibilidade, entende-se que prédios e espaços mais recentes (posterior à 2004) deveriam ser pensados de forma mais inclusiva, partindo do pressuposto que todos tem direito à educação e aos espaços públicos, mas a realidade ainda não é totalmente inclusiva, existindo uma lacuna no ensino do conhecimento e da discussão sobre a importância da acessibilidade para a inclusão das pessoas com deficiência, principalmente nas IES.

2.2 Área de estudo: Setor A e Setor C

O *Campus Sede* é dividido entre os setores A, B e C. O Setor A, é, em sua maioria, destinado a ambientes administrativos e setor esportivo do *campus*. E conta com usos importantes, como o Restaurante Universitário (RU), instituições bancárias e a Biblioteca Central. Por tais características, parte desta área também está inserida na análise do presente trabalho, pois há grande fluxo de usuários internos e externos e é onde os percursos principais começam.

Já o setor B é a área mais antiga do *campus*, onde está localizado os cursos do Centro de Humanidades (CH) e conta com alguns blocos que fazem parte de outros centros. Ela não está inserida na área de estudo por ter um acesso mais facilitado, por se tratar da parte inicial do *campus*, onde a topografia é mais plana e por existir algumas adaptações para uma melhor acessibilidade, como a aplicação do piso tátil. Mas ainda assim, seria de grande importância um futuro estudo sobre este setor.

Sobre o Setor C, que está localizado na parte norte do *campus*, é uma área que abrange o Centro de Tecnologia e Recursos Naturais (CTRN), onde estão inseridas as Unidades Acadêmicas de Ciências Atmosféricas, Engenharia Agrícola, Engenharia Civil e Arquitetura, Engenharia de Alimentos e Engenharia de Minas. Também há o Centro de Ciências e Tecnologia (CCT),

com as Unidades Acadêmicas dos cursos de Design, Física, Engenharia de Materiais, Engenharia de Petróleo, Engenharia de Produção, Engenharia Química, Engenharia Mecânica e Matemática. Por fim, o Centro de Engenharia Elétrica e Informática (CEEI), que conta com as Unidades Acadêmicas de Engenharia Elétrica e Ciências da Computação.

A área de estudo selecionada (Figura 7) para elaborar as análises de percursos e de vivências dos usuários foi escolhida considerando alguns pontos importantes, como: o Setor C estar localizado em área mais afastada da entrada principal do *campus*, dificultando o acesso primeiramente pela distância. E que se torna pior devido a topografia (Figura 8) que tem um desnível de que varia aproximadamente 20 metros de altura, considerando que na entrada principal o nível é aproximadamente de 540 metros acima do nível do mar, mas ao adentrar no *campus*, o nível chega a 520 metros, tendo que chegar aos 540 metros novamente, que é o nível em que o Setor C se encontra.

Além disso, foram feitos contatos iniciais com representantes da Prefeitura Universitária (PU) e do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFCG, que compartilharam as situações atuais do *campus*, em relação aos projetos futuros e quantitativo de alunos com deficiência que estavam ativos até o período 2023.2. Com a PU foi possível entender quais áreas seriam interessantes analisar, pois, com o contexto de obras atuais e projetos futuros que já foram elaborados, com o foco na acessibilidade de algumas áreas do *Campus Sede*, este presente trabalho poderia complementar as lacunas, principalmente se tratando do Setor C, auxiliando com o resultado das análises e diretrizes sugeridas. Já contato com o NAI-UFCG auxiliou a filtrar a área e os blocos que poderiam fazer parte desse estudo, pois com os dados quantitativos dos alunos com deficiência do *Campus Sede* (ativos até o período 2023.2), foi possível compreender em que áreas e cursos eles estão inseridos e dessa forma entender o que o quantitativo nos mostra em relação às oportunidades, acesso e permanência em IES.

Figura 7 - Área de Estudo



Fonte: SEPLAN. Adaptado pela autora, 2024.

Figura 8 - Mapa de curvas de nível (10m)



Fonte: SEPLAN. Adaptado pela autora, 2024.

Sobre os percursos escolhidos para análise, foi considerado como ponto de partida o ponto de ônibus mais próximo até o Restaurante Universitário (RU) (Bloco AC), que está inserido na área inicial do *Campus Sede*, o Setor A. Esse percurso inicial é analisado de forma mais sucinta, por ser área com projeto já elaborado pela PU, mas a partir do bloco do RU serão divididos percursos para chegar nos ambientes e blocos inseridos na área de estudo. A intenção é analisar os principais percursos da área selecionada, de forma a compreender as dificuldades encontradas e como melhorá-las.

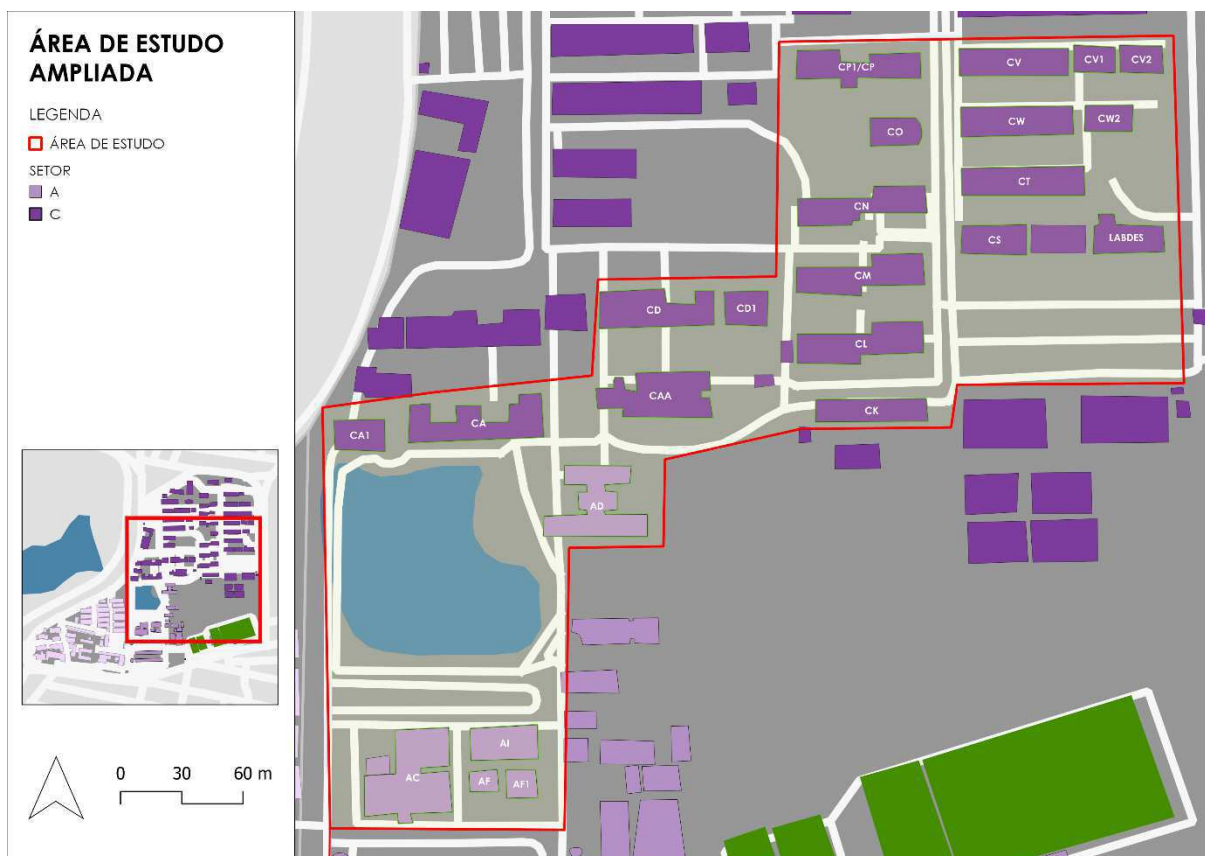
Ainda no Setor A, os blocos AF, AF1, AI, que são, respectivamente, o *Smart Campus*, Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil, estão em uma área que se torna importante de analisar por receberem a comunidade em geral: usuários internos e externos e com uma faixa etária mais abrangente. O último bloco do Setor A selecionado para análise é o AD, que corresponde a Biblioteca Central da UFCG, por se tratar de uma área onde há grande circulação de estudantes em período de aulas.

Já o Setor C, que tem diversos blocos de cursos do Centro de Ciências e Tecnologia (CCT), Centro de Tecnologia e Recursos Naturais (CTRN) e Centro de Engenharia Elétrica e Informação (CEEI), tem sua importância por ter grande volume de alunos que transitam nessa área todos os dias. Além disso, sua área é problemática quando se trata de acessibilidade, pelas barreiras físicas, pisos descontinuados e grande desnível de topografia, como também pela falta ou precariedade da sinalização visual e tátil e da iluminação insuficiente, que dificulta a mobilidade e orientação das pessoas com ou sem deficiência.

A figura 9 mostra com mais detalhes a área de estudo, onde é possível compreender que não é todo o Setor C que será trabalhado, pois ele tem uma grande extensão com aproximadamente 144 mil metros quadrados. O restante do Setor C que não será analisado faz parte, em sua maioria, do CEEI, sendo abrangente blocos do curso de Engenharia Elétrica e alguns do curso de Ciência da Computação, sendo uma área com potencial para análise

em trabalhos futuros. A escolha dessa fração do Setor C, foi feita por abranger majoritariamente os blocos dos cursos de Ciência da Computação, Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo, sendo o primeiro, o que tem mais alunos com deficiência neste setor (34 alunos) e os seguintes sendo da mesma Unidade Acadêmica, tendo 15 alunos com deficiência, segundo os dados disponibilizados pelo NAI-UFCG. Além principalmente dos dois últimos cursos citados, abordarem o assunto sobre a acessibilidade em suas disciplinas, e por isso o acesso e inclusão deveriam ser um tópico a se tratar dentro do seu *campus*, como também, ter espaços de exemplo em relação ao desenho universal, que pudessem, de fato, receber todos os usuários possíveis em suas dependências internas e externas.

Figura 9 - Área de estudo ampliada: parte do Setor A e do Setor C



Fonte: SEPLAN. Adaptado pela autora, 2024.

2.3 Núcleo de Acessibilidade e Inclusão – UFCG

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFCG (NAI-UFCG), é um órgão da universidade que foi instaurado no ano de 2016, com sede em Campina Grande, considerando leis e decretos que pontuam sobre a inclusão de pessoas com deficiência e seus direitos.

Segundo a Resolução nº 11/2016, sua finalidade é atender prioritariamente os alunos, mas podendo se estender também para os docentes e técnicos-administrativos com deficiência (física, sensorial, mental ou intelectual, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades), promovendo serviços de apoio para garantir a inclusão e acessibilidade no meio acadêmico.

Por meio do contato com o NAI-UFCG, foi possível obter alguns dados quantitativos, que mostram os alunos ativos com algum tipo de deficiência matriculados no *Campus* Campina Grande (Sede e CCBS), seus respectivos cursos e período de ingresso. Com o resultado analítico desses dados, foi possível decidir qual seria a área estudada neste presente trabalho. Por mais que já estivesse estipulado que o Setor C seria contemplado, era necessário selecionar alguns blocos e cursos para focar com uma melhor análise e ter resultados mais precisos em relação à área.

Dessa forma, seguimos com os resultados analíticos destes dados, focando apenas nos alunos com deficiência do *Campus* Sede, de forma a compreender onde estão localizados dentro do espaço da universidade e em seguida focando apenas naqueles que estão presentes mais especificamente na área de estudo.

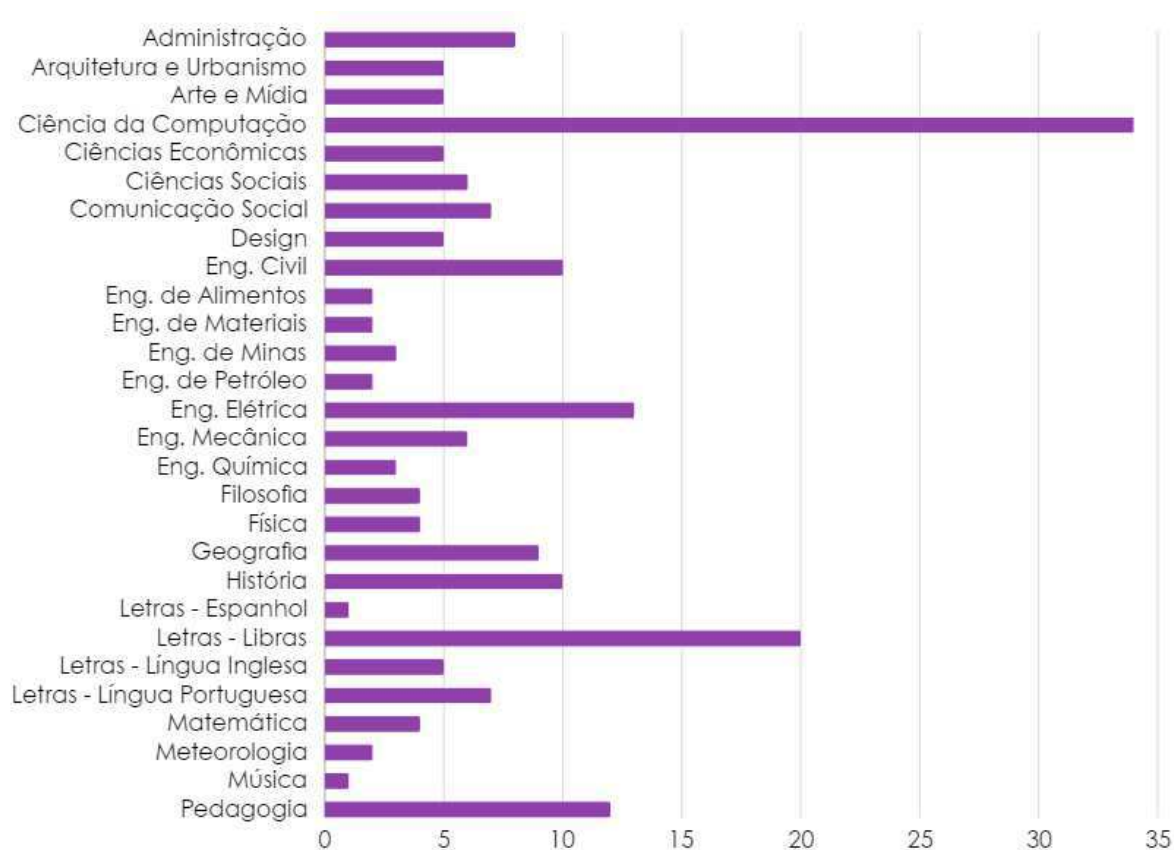
2.3.1 Dados quantitativos

A análise desses dados se deu inicialmente com o arquivo disponibilizado pelo NAI-UFCG, que continha um total de 310 alunos com deficiência matriculados até o período de 2023.2 em cursos do *Campus*

Campina Grande, que contempla o *Campus Sede* e o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), representando 4,54% da quantidade total de alunos matriculados (6.821) no período analisado. Dessa maneira, foi feita uma filtragem desses alunos, retirando os dados do CCBS, pois este não faz parte do território estudado, sobrando, assim, 195 (3,41%) alunos com deficiência que estavam inseridos no *Campus Sede*, onde havia um total de 5.707 alunos matriculados no período analisado.

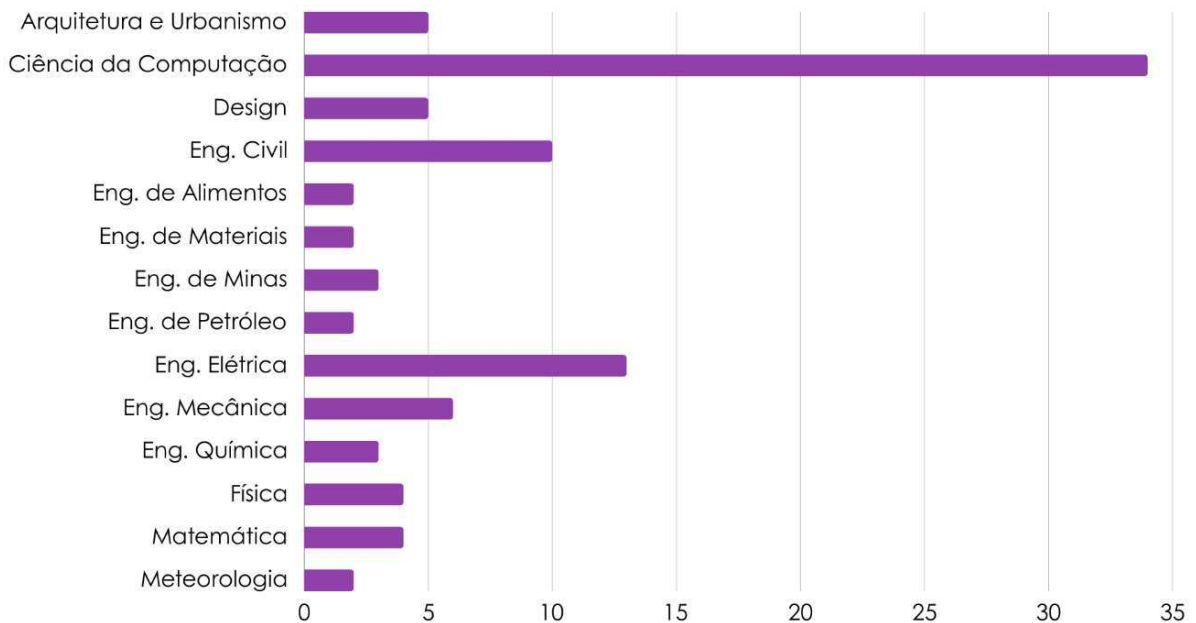
A partir disso, os dados foram analisados com o auxílio do *software* de planilha Excel (*Microsoft*), de modo a gerar dados de porcentagens, que resultaram em gráficos com as seguintes relações: curso x quantidade de alunos com deficiência, sendo o gráfico 1 em relação a todos os cursos do *Campus Sede* e o gráfico 2 considerando aqueles que fazem parte do Setor C, sem levar em conta que os principais blocos dos cursos de Engenharia de Minas e Engenharia Mecânica se concentram mais no Setor B.

Gráfico 1 - Cursos (*Campus Sede*) x Quantidade de alunos com deficiência (números absolutos)



Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

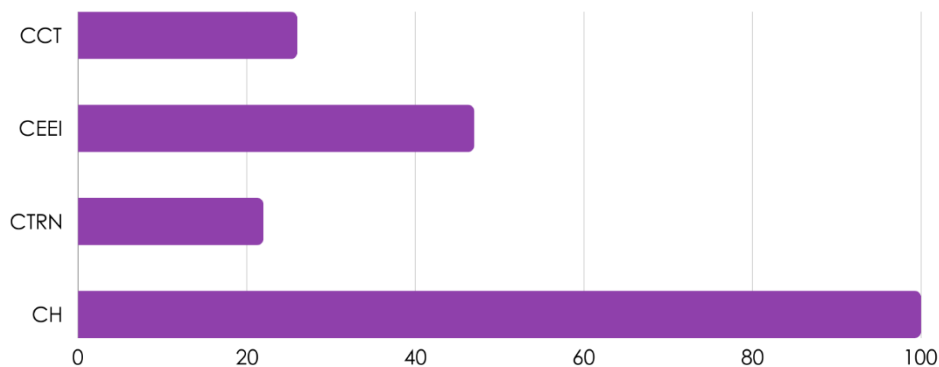
Gráfico 2 - Cursos (Inseridos no Setor C) x Quantidade de alunos com deficiência (números absolutos)



Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

Já o gráfico 3, informa a relação entre centro e quantidade de alunos com deficiência, lembrando que o Centro de Humanidades não está sendo abordado por estar inserido no Setor B; porém, a informação nos mostra que este centro abriga boa parte dos alunos com deficiência do *campus*. Com a junção dos números do CCT, CEEI e CTRN, o total chega a 95 alunos, aproximando-se ao número do CH, que contém um total de 100 alunos com deficiência.

Gráfico 3 - Centro x Quantidade de alunos com deficiência (números absolutos)



Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

Este detalhe deixa claro que há um certo desequilíbrio numérico entre os centros, assim como na própria área em que estão inseridos. Como se pode observar na figura 10: o Setor B, tem aproximadamente 61 mil metros quadrados, enquanto o Setor C, abrange aproximadamente 144 mil metros quadrados. No entanto, o número de pessoas que ocupa esse espaço acaba não sendo proporcional, gerando uma distribuição desigual. É possível compreender também, que o Setor B possui tanto uma melhor estrutura em relação ao desenho universal, assim como os cursos que são “mais fáceis” de se manter alunos com deficiência, pela questão do local onde se inserem, mas também pela facilidade metodológica, como exemplo, o próprio curso de Libras que está logo atrás do curso de Ciência da Computação, representado no gráfico 1.

Figura 10 - Áreas dos Setores B e C

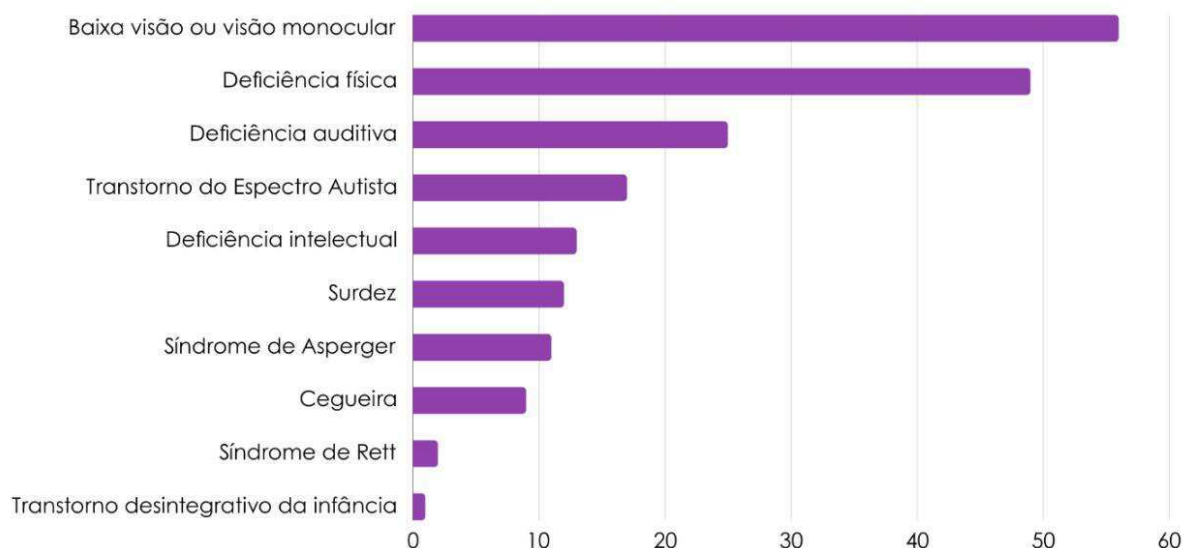


Fonte: Google Earth Pro, 2024.

O gráfico 4 mostra as deficiências que os alunos do *campus* possuem de forma mais generalizada. Porém, o número considerado em relação a esses dados será apenas os das deficiências que são afetadas de forma direta pela falta de acessibilidade dentro do *campus*, sendo elas de características físicas e visuais. Como exemplo, podemos citar as seguintes

situações: barreiras arquitetônicas, topografia, problemas de pavimentação, falta de rampas, corrimões e elevadores, sinalização tátil e visível (placas e/ou cores para setorização), entre outros.

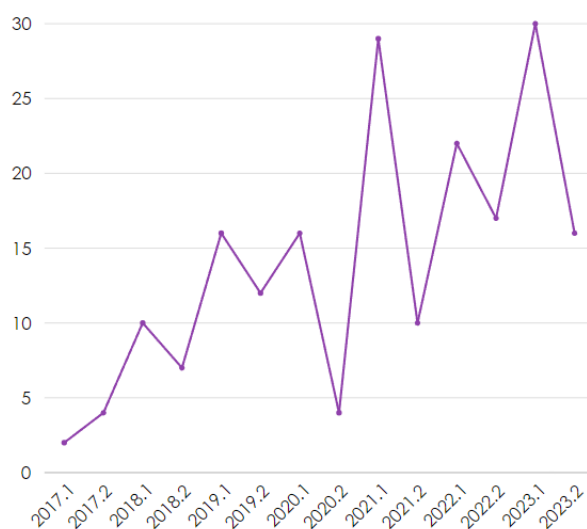
Gráfico 4 - Deficiência x Quantidade de alunos



Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

Sobre o ingresso nos cursos do *Campus Sede*, o gráfico 5 mostra a informação dos anos em que os alunos com deficiência ingressaram na universidade e permaneceram ativos até o período de 2023.2. Esse dado demonstra um aumento variado no ingresso de pessoas com deficiência nos últimos 7 anos, que coincide com a criação da Lei de Cotas para PcD, que entrou em vigor no ano de 2017, assim, sugerindo que as universidades estão cada vez mais inclusivas, mas em sua maioria, os espaços físicos consequentemente não estariam preparados para receber esses alunos. Porém, um dado que não foi obtido e que poderia agregar, seria o de trancamentos e conclusões dos cursos. Dessa forma, teríamos como entender de que maneira a permanência de alunos com deficiência se deu nos últimos anos, se houve mais desistências ou conclusões de curso.

Gráfico 5 - Ingressos por período em ordem cronológica



Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

Esses dados iniciais forneceram uma base para o presente trabalho, compreendendo a quantidade de alunos com deficiência em seus respectivos cursos e as áreas onde estão inseridos. Isso permite justificar a escolha da setorização do estudo e fundamentar a importância da inclusão e permanência dos alunos com deficiência em IES.

2.3.2 Analisando os dados do Setor C

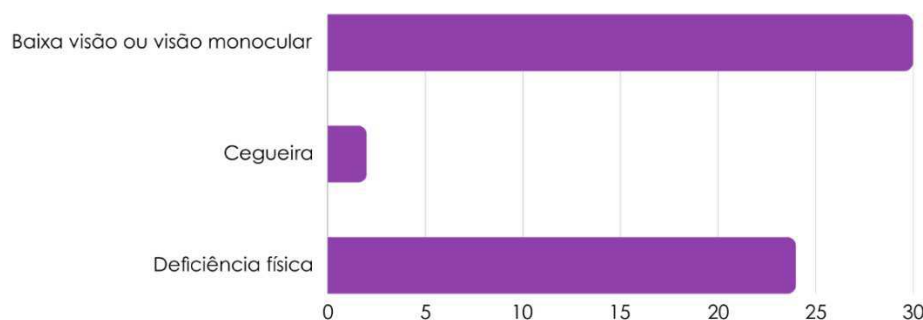
Mais especificamente, se tratando do Setor C e dos cursos inseridos nele, vamos entender a partir de agora a quantidade de alunos com deficiência que são mais impactadas pela falta de acessibilidade (Gráfico 6) dentro da área de estudo, considerando as deficiências mais afetadas pela dificuldade de acesso, orientação e mobilidade.

Havia 56 alunos ativos até o período de 2023.2 no Setor C que tem possuem visão ou visão monocular, cegueira e deficiência física; ou seja, os alunos mais afetados pela falta de acessibilidade na região estudada.

É importante lembrar que apesar de os dados obtidos serem apenas de alunos com deficiência, o foco do trabalho abrange o desenho universal para todos, de modo que o *campus* possa ser acessado por PcD, pessoas idosas, pessoas com a mobilidade reduzida (PMR) e por qualquer outra pessoa que

tenha sua mobilidade afetada por situações externas a ela. Não foi possível coletar os dados quantitativos de professores e funcionários com deficiência; portanto, estão sendo considerados informalmente, assim como os usuários externos da universidade.

Gráfico 6 - Deficiências que são mais afetadas pela falta de acessibilidade x Quantidade de alunos no Setor C



Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

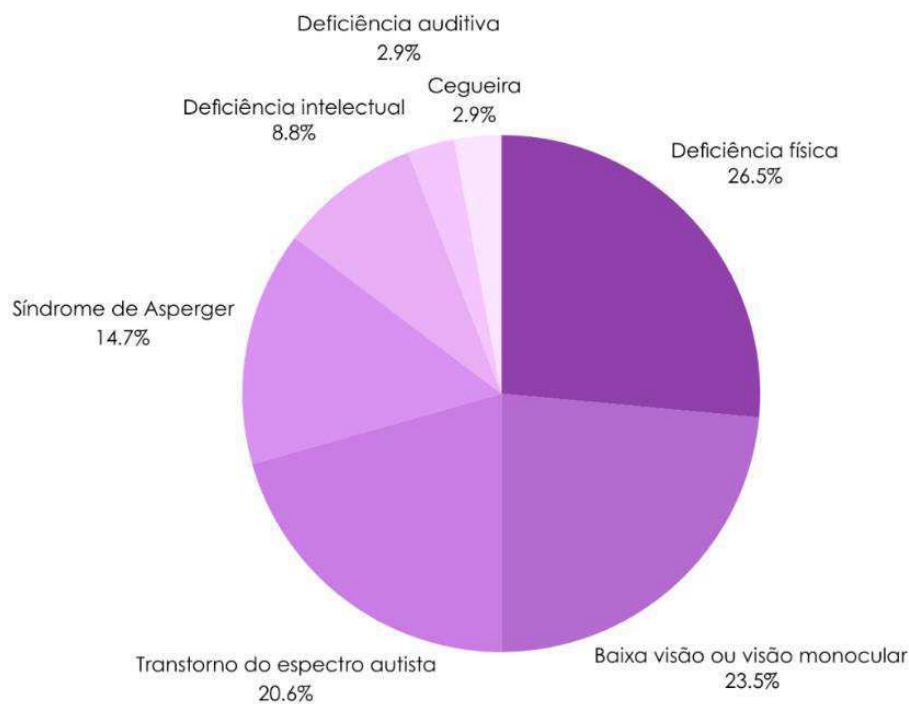
Considerando os cursos inseridos no Setor C, cada um será analisado em relação à quantidade de alunos com deficiência matriculados até o período de 2023.2. Alguns dos cursos citados a seguir (Engenharia Elétrica, Engenharia de Minas, Engenharia Mecânica, Física e Matemática) não têm os seus blocos principais inseridos na área de estudo; no entanto, os seus centros estão no Setor C e seus alunos passam pela área ou fazem parte de blocos mais generalizados, como a Central de Aulas (Bloco CAA) e a Biblioteca Central (Bloco AD).

A seguir, nos gráficos 7 a 11 vamos observar o quantitativo de PcD dentro dos cursos inseridos no Setor C, além também de entender os tipos de deficiência que presentes neles, para que seja possível compreender a importância da demanda por melhorias físicas da área. É importante citar que os gráficos consideram 100%, o número total de alunos com deficiência em cada curso analisado.

Começando pelo curso de Ciência da Computação, do Centro de Engenharia Elétrica e Informática (CEEI), que até o período de 2023.2 tinha um total de 804 alunos matriculados, e destes, 34 (4,23%) são pessoas com

deficiência. Embora seja “pouco” em relação ao total, é o curso localizado no Setor C que tem mais alunos com deficiência, sendo, em sua maioria com deficiência física, baixa visão ou visão monocular e transtorno do espectro autista (Gráfico 7). Porém, em relação ao número de alunos com deficiência neste curso (34), considerando apenas os tipos de deficiência física e visual, temos um total de 18 (52,9%) alunos.

Gráfico 7 - Deficiências inseridas no curso de Ciência da Computação

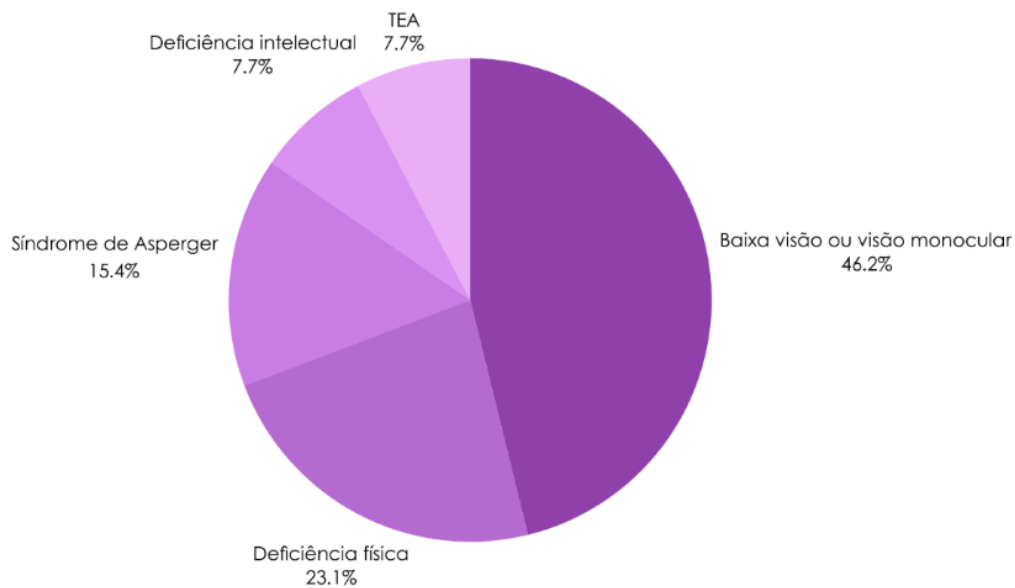


Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

Ainda no CEEI, temos o curso de Engenharia Elétrica, com 695 alunos matriculados até o período de 2023.2, dois quais 13 (1,87%) são alunos com deficiência, posicionando-se em segundo lugar no Setor C. Embora esse número seja considerável, os blocos do curso ficam, em sua maioria, a noroeste da área de estudo selecionada. Por mais que existam pontos a serem tratados nesse local, a decisão de não abrangê-los se deu pela pouca vivência e conhecimento da autora em relação ao setor do curso de Engenharia Elétrica, além do tempo inviável para tanto, por ser uma área muito grande. Contudo, considerando que os alunos deste curso também podem ter aulas no Bloco CAA, acessar a Biblioteca Central e transitar por outros blocos da área de estudo, eles acabam se inserindo como um público-

alvo. Da mesma forma, ocorre com outros cursos do Setor C que não são abrangidos pela área de estudo em si. Com o Gráfico 8, observa-se que o curso de Engenharia Elétrica tem a maioria de alunos com deficiência visual ou física, sendo importante essa consideração no desenvolvimento de projetos futuros.

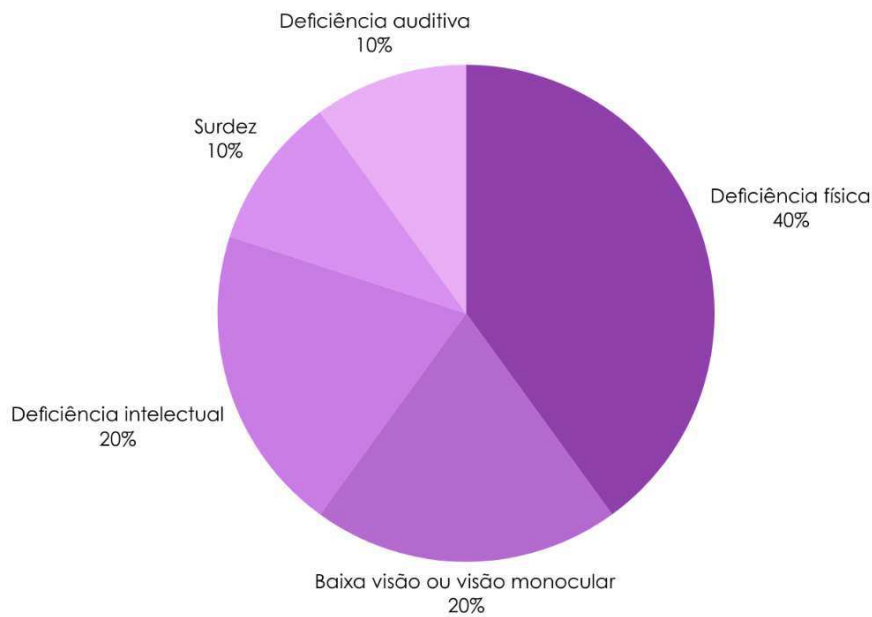
Gráfico 8 - Deficiências inseridas no curso de Engenharia Elétrica



Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

Partindo para os cursos do CTRN, temos os cursos de Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo, que fazem parte da mesma Unidade Acadêmica. O primeiro, respectivamente, contava com 439 alunos matriculados no período de 2023.2, sendo 10 (2,28%) deles com alguma deficiência. Destes, a maioria (6) possui deficiência física ou visual (Gráfico 9), sendo esses os principais afetados pela falta de acessibilidade.

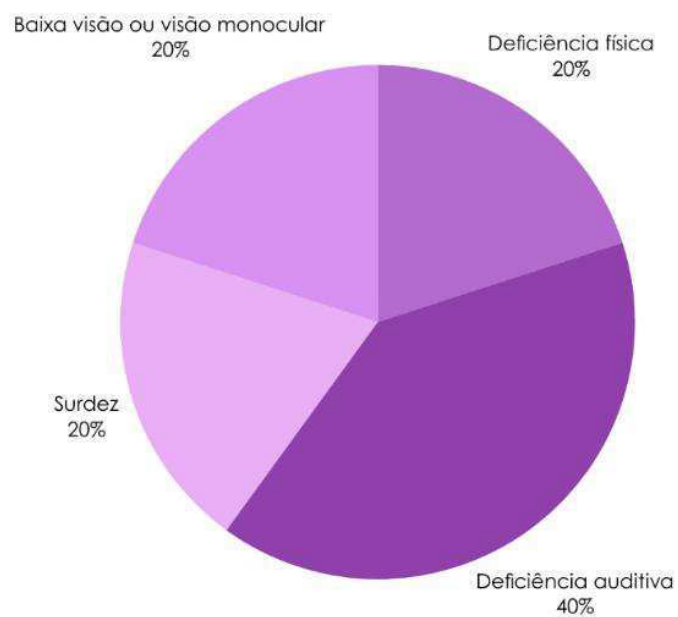
Gráfico 9 - Deficiências inseridas no curso de Engenharia Civil



Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

Já o curso de Arquitetura e Urbanismo, contava com 176 alunos matriculados no período de 2023.2, tendo 5 (2,84 %) alunos com deficiências auditiva, física ou visual (Gráfico 10). Os blocos de ambos os cursos em alguns casos tem usos em comum e estão inseridos na área de estudo.

Gráfico 10 - Deficiências inseridas no curso de Arquitetura e Urbanismo

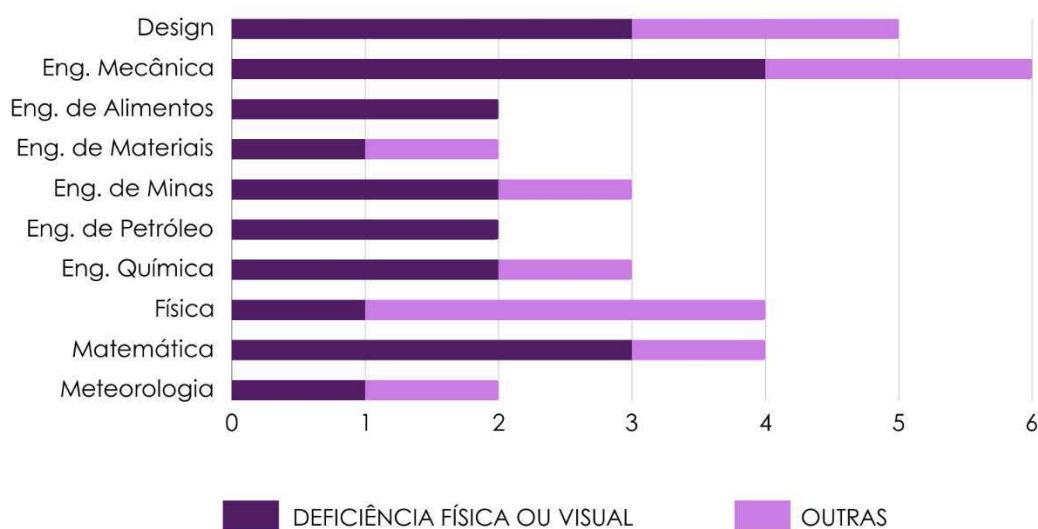


Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

A problemática dos cursos de Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo se dá também por conta da ligação dos profissionais que se formam nestes cursos, com a importância de se projetar e fazer espaços em que a inclusão seja implementada. Nesses cursos, há a disciplina específica sobre ergonomia e acessibilidade, no entanto, é optativa e sem ofertas regulares. Dessa forma, essa pauta é abrangida de forma mais generalizada dentro de outras disciplinas voltadas ao âmbito projetual. Por tal motivo, a importância desse conteúdo, juntamente com as vivências e inclusão de PcD dentro do *campus* e dos blocos, não é adequadamente discutida e muitos se tornam profissionais que não pensam sobre isso, afora ser como uma obrigação a seguir em seus projetos.

Por fim, o gráfico 11 mostra os outros cursos que fazem parte do Setor C, por conta dos centros em que estão inseridos, tendo apenas Engenharia Mecânica e Engenharia de Minas, com seus blocos principais no Setor B, e os de Física e Matemática, que estão fora da área específica de estudo. Entretanto seus alunos podem fazer parte de blocos mais gerais e transitar dentro da área. Neste mesmo gráfico, ainda é possível compreender a quantidade de alunos com deficiência nos cursos citados e a quantidade com deficiência física ou visual.

Gráfico 11 - Outros cursos inseridos no Setor C x Quantidade de alunos com deficiência



Fonte: NAI-UFCG. Adaptado pela autora, 2024.

3 ANÁLISES E MAPEAMENTO DO SETOR C

Neste capítulo, serão abordados os instrumentos de investigação da área de estudo selecionada. Iniciaremos com o questionário, aplicado de forma online por meio da plataforma *Google Forms*, além dos resultados obtidos, representados por gráficos e pelo Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

A aplicação de questionário foi um dos métodos de Avaliação Pós-Ocupação escolhidos para colher informações das opiniões e vivências dos usuários que fazem parte da UFCG, especificadamente do Setor C, abrangendo alunos, professores, técnicos-administrativos e outras pessoas que passam ou já vivenciaram o dia a dia no *Campus Sede*.

Também foi elaborado o levantamento de dados físicos dos percursos escolhidos dentro da área de estudo, realizado por meio do método observacional. Foram consideradas algumas características importantes para a compreensão dos problemas encontrados e, juntando as informações, é possível recomendar melhorias.

3.1 Questionário

O questionário foi aplicado para que os participantes pudessem responder de forma anônima, durante o período de 29 de julho a 21 de agosto de 2024. A divulgação foi feita por meio do e-mail institucional para alunos, professores e técnicos-administrativos, através da Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo, pelas redes sociais e por meio de cartazes de divulgação espalhados pelos caminhos e blocos inseridos na área de estudo.

Houve um total de 119 respostas, representadas em gráficos. O questionário apresenta perguntas do tipo múltipla escolha e outras com a possibilidade de selecionar mais de uma opção, além de duas perguntas abertas e opcionais: sendo a número 10, para complementar a pergunta anterior (09), e a última (17), caso o participante sentisse a necessidade de complementar sua vivência, de forma mais livre. Neste último caso, as

respostas foram analisadas pelo Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que agrupa cada resposta (discurso) em ideias centrais, elaboradas pelas opiniões que são recorrentes nas respostas (expressões-chave). A partir disso, forma-se um único discurso, em primeira pessoa, com todas as situações importantes citadas, tornando-se um discurso coletivo daquele grupo de pessoas, que expressou suas opiniões de forma livre e semelhante. Esse método tem um aspecto qualiquantitativo, pois nos mostra em números a repetição das mesmas opiniões, além de ter a própria opinião, qualificando a situação ou espaço (Ono *et al.*, 2018). Mais adiante, tal método é explicado com mais detalhes para um melhor entendimento.

O público-alvo do questionário se caracteriza por usuários do Campus Sede da UFCG, em específico, aqueles que permanecem mais tempo no Setor C, que é a área selecionada para este estudo. Dessa maneira, o tipo de amostragem escolhida para esta aplicação de questionário é a não probabilística acidental, que é basicamente aquele que lida com respostas que o pesquisador não estabelece critérios para quem irá responder, tendo uma grande gama de respostas, não havendo uma seleção mais específica de fato, tendo que trabalhando com aquelas opiniões que se apresentarem (Ono *et al.*, 2018).

Desta maneira, para realizar o cálculo da amostragem (nível de confiança e a margem de erro) temos as seguintes informações: no mês de agosto, constava nos dados abertos da UFCG que havia 4.276 alunos e professores nos centros que estão agrupados no Setor C (CCT, CTRN e CEEI). Mesmo considerando a área de estudo específica, qualquer pessoa que vivenciou os percursos dentro do *campus* e do Setor C, poderia responder, portanto, o número considera uma população de forma generalizada para que seja possível entender a margem de erro deste questionário, pois não temos os dados numéricos de técnicos-administrativos, terceirizados e outros usuários que podem ser externos.

Além disso, como visto nos gráficos anteriores, nos dados do NAI-UFCG, constavam 195 alunos com deficiência dentro do *Campus Sede*, no período de 2023.2. Especificando a área do Setor C chegamos ao número de 95 alunos com deficiência, portanto, considerando o total de 4.276 alunos e professores, apenas 2,22% seriam pessoas com deficiência. Destas 95, apenas 2 responderam ao questionário.

Portanto, tendo um alcance de 119 respostas, apenas 2,78% da população total (4.276) do Setor C foi abrangida neste questionário. Para calcular a margem de erro, foi usada a calculadora disponível no site da empresa *Solvis* (solvis.com.br/calculadora). Foi considerada a confiabilidade de 90% e com isso alcançou-se uma margem de erro de 7,46%.

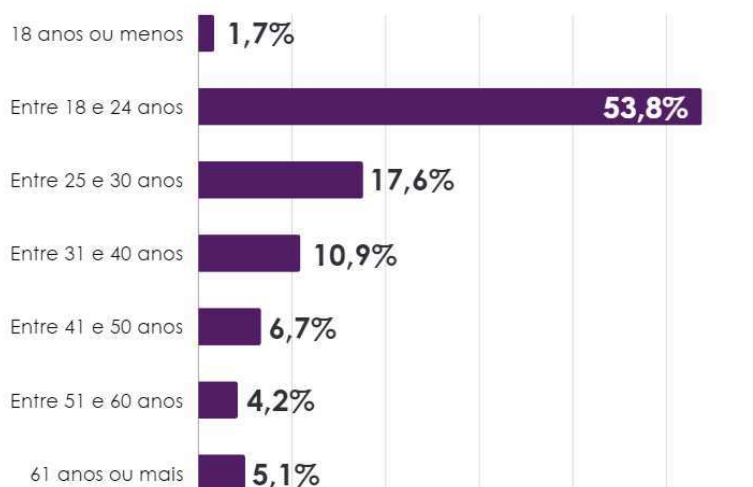
As perguntas elaboradas para o questionário estão disponíveis no Apêndice A para conferência da sua ordem e como foram estruturadas. A seguir, temos os resultados e percepções alcançadas a partir deles.

3.1.1 Resultados do questionário

Os resultados estão organizados em 6 seções descritas a seguir: (1) informações sobre o trabalho e a área de estudo; (2) dados gerais: faixa etária, identidade de gênero, qual a função ou representação da pessoa dentro da UFCG, se ela é de Campina Grande, se conhece alguma pessoa com deficiência no *campus* e se é uma pessoa com deficiência; (3) com questões específicas para as pessoas com deficiência; (4) sobre as percepções gerais do *Campus Sede*; (5) dos percursos até o Setor C; (6) parte final para complementar as respostas de forma livre e opcional.

O gráfico 12, mostra que a maioria das pessoas tem idade entre 18 e 24 anos. Claramente, pessoas com 18 anos ou menos não estão sendo muito abrangidas por se tratar de um ambiente universitário, onde de fato não existem muitas pessoas dentro dessa faixa etária. Já algumas pessoas que passam dos 60 anos foram uma pequena parcela, mas que ainda sim é pertinente e nos mostra a importância da acessibilidade e do desenho universal para além das PcD.

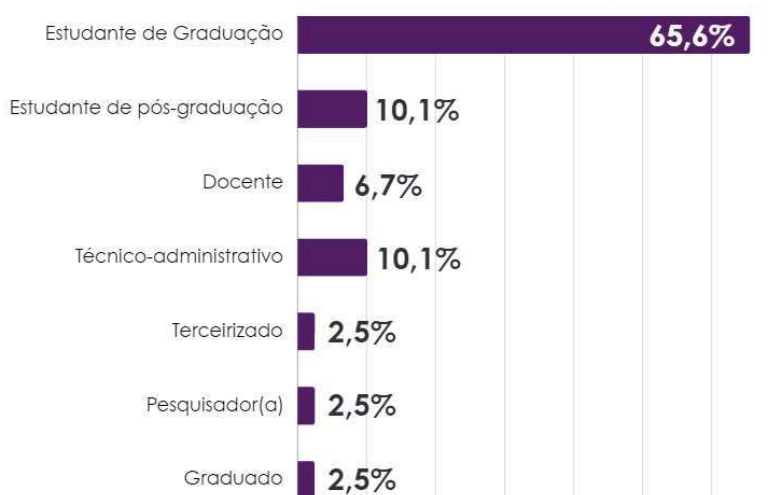
Gráfico 12 - Questão 01: Qual das seguintes opções representa sua faixa etária?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A questão 03, representada no gráfico 13, trata da função ou representação que a pessoa se encaixa dentro do *Campus Sede*, sendo a grande maioria dos respondentes, estudantes de graduação, seguidos dos estudantes de pós-graduação, com os técnicos-administrativos. Os docentes também tiveram uma pequena parcela de participação, maior do que as dos terceirizados, pesquisadores e egressos da universidade.

Gráfico 13 – Questão 03: Faço parte da UFCG como...

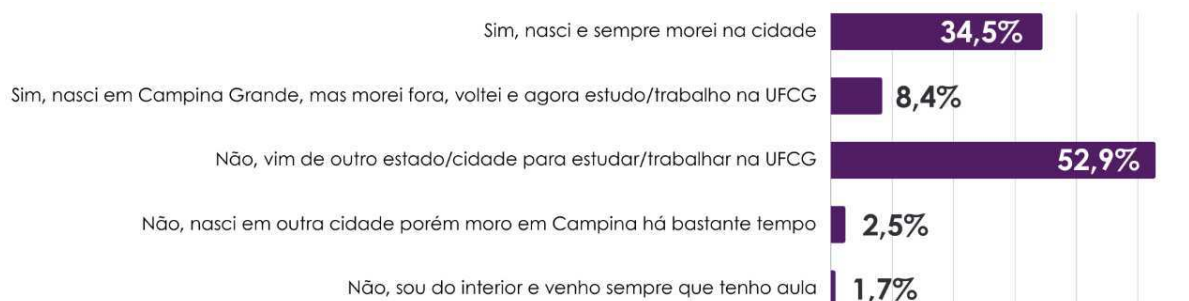


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A questão 04, investiga a origem dos participantes. Como o gráfico 14 mostra, a grande maioria não é natural da cidade, demonstrando como a

instituição é importante academicamente e traz pessoas de outras localidades para fazer parte dela.

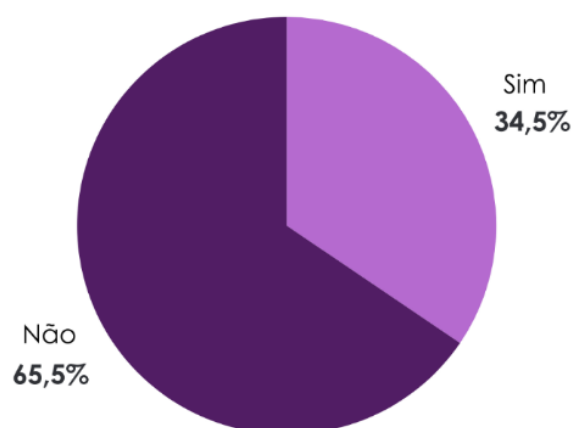
Gráfico 14 - Questão 04: Você é de Campina Grande?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 15, mostra a frequência relativa das respostas da questão 05. É possível notar que mais da metade dos respondentes não conhece pessoas com deficiência dentro do *campus*.

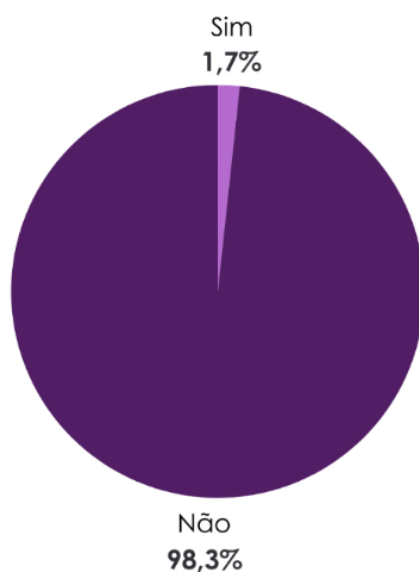
Gráfico 15 - Questão 05: Você conhece alguma pessoa com deficiência na UFCG?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Complementando a questão anterior, o gráfico 16 mostra quantas respondentes são PcD. Das 119 pessoas entrevistadas, apenas 2 apresentam alguma deficiência. Neste ponto, quem respondeu que "sim", foi para a seção 3 do questionário, que é específica para quem é PcD e quem respondeu "não", foi diretamente para a seção 4.

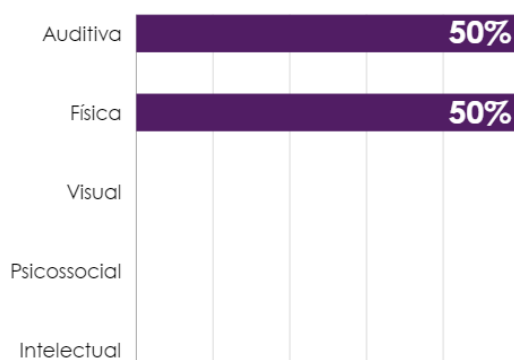
Gráfico 16 - Questão 06: Você é uma pessoa com deficiência?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Continuando na parte específica, o gráfico 17 mostra que as deficiências dessas 2 pessoas se enquadram nas categorias auditiva e física.

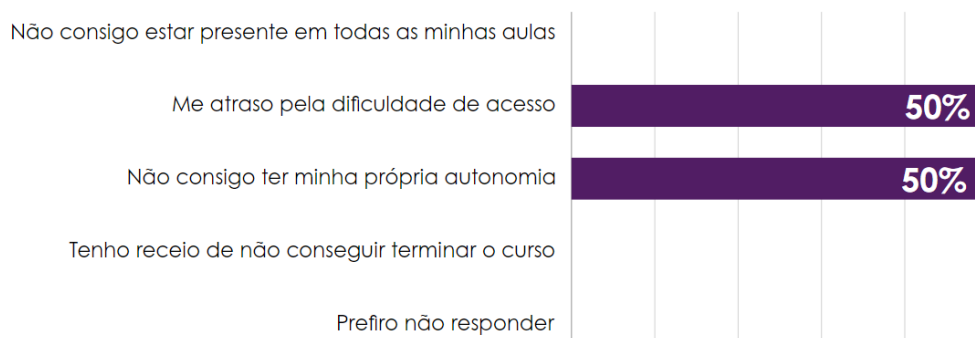
Gráfico 17 - Questão 06a: Em qual categoria se encaixa?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Já a questão 06, letra b, representada no gráfico 18, mostra situações que ocorrem pela falta de acessibilidade no *campus*, para essas pessoas, podendo, adicionar mais alguma situação não previamente pensada.

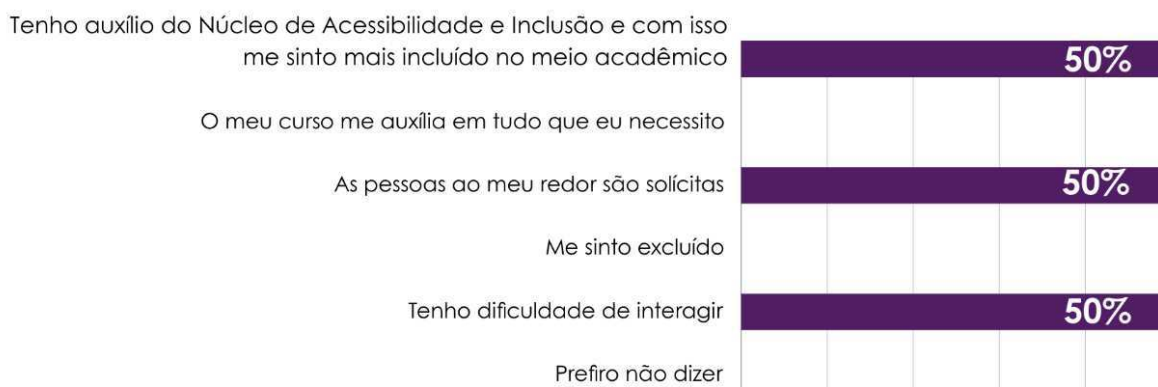
Gráfico 18 - Questão 06b: De que maneira a falta de acessibilidade dentro do *Campus* te afeta?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Por fim nesta seção específica, o gráfico 19 mostra os pontos em que a PcD poderia se identificar, em relação aos outros tipos de situações dentro da UFCG, englobando pontos que vão além da acessibilidade física. Podemos ver que há situações que não ajudam neste caso, como: o curso não dar o auxílio necessário e ter dificuldade de interagir no meio acadêmico.

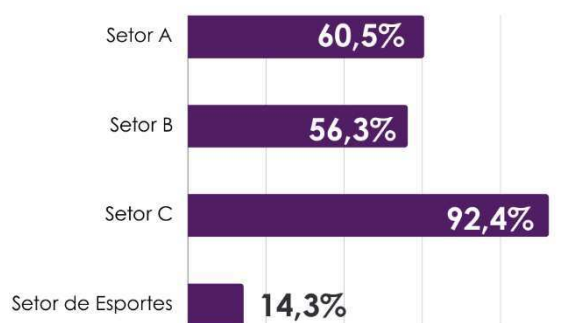
Gráfico 19 – Questão 06c: Uma questão que vai além da acessibilidade física: com quais pontos você se identifica em relação à inclusão, dentro da UFCG?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Partindo para a seção 4, onde todos continuam, o tema muda para a percepção geral sobre o *Campus* Sede da UFCG. A questão 07, representada no gráfico 20, busca entender em quais setores a pessoa transita e quase todos estão no Setor C de fato, mas também há aqueles que estão inseridos nos outros setores da mesma maneira.

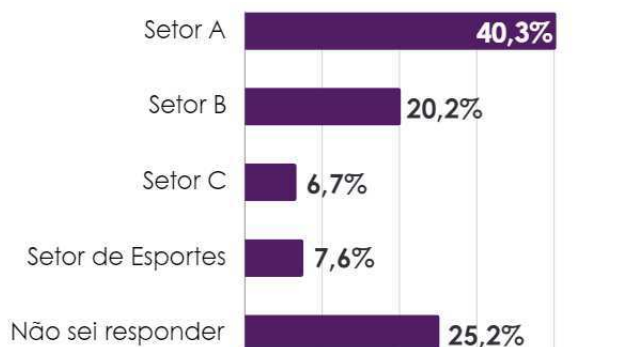
Gráfico 20 – Questão 07: Por quais setores você transita?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A questão 08, representada no gráfico 21, é em relação a percepção da pessoa em relação aos setores e qual deles seria de fato o mais acessível, para ela. Muitos responderam que seria o Setor A, mas uma boa parcela também não soube responder, mas em seguida vem o Setor B, como o segundo mais acessível. O setor de esportes, se engloba no Setor A, mas foi feita a separação para deixar mais específico. Mesmo assim, ele ainda foi considerado mais acessível do que o Setor C, pelas pessoas que souberam responder.

Gráfico 21 - Questão 08: Na sua opinião, qual é o setor mais acessível?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Já no gráfico 22, podemos observar que a maioria das pessoas respondeu que o *campus*, em relação à acessibilidade está ruim ou péssimo. Poucas pessoas não têm opinião formada e menos ainda acham que está em boas condições de acessibilidade. Importante citar que ninguém considerou o *campus* perfeito.

Gráfico 22 - Questão 09: Em relação à acessibilidade, o *Campus Sede* para você:



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A questão 10, é a primeira questão aberta, que está relacionada com a anterior, para que de forma não obrigatória, fosse possível descrever as suas percepções sobre acessibilidade no *campus*. Houve um total de 27 respostas e estão disponíveis para conferência no apêndice B.

Para analisar essas respostas com mais clareza, foi usado o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), desenvolvido no fim dos anos 90 por Ana Maria C. Lefère e Fernando Lefère (Azevedo, Chiari e Goulart, 2013, apud Brito, Lauer-Leite e Novais, 2021, p. 8). Nele os discursos coletados são analisados com o intuito de selecionar as opiniões recorrentes, agrupadas em ideias centrais, podendo a partir disso, elaborar um único discurso, representando de forma coletiva, a opinião dos respondentes sobre aquela ideia central. Para o processo de elaborar os DSCs da questão 10, foi usado como referência o livro “Discurso do sujeito coletivo na prática” (Brito, Lauer-Leite e Novais, 2021), nele foi possível seguir um passo a passo, juntamente com o auxílio de quadros elaborados para melhor visualização de todos os aspectos.

Neste primeiro quadro, foram concentradas as ideias centrais, formadas a partir das expressões-chave encontradas nas respostas. No questionário, como a pergunta não tinha foco específico, e servia para complementar a questão anterior, cada resposta obteve temas diversos relacionados aos problemas de acessibilidade no *Campus Sede* da UFCG. Desta maneira, no quadro 1, podemos visualizar as oito ideias centrais elaboradas juntamente

com a identificação das respostas que fizeram parte daquela ideia. É possível notar que algumas respostas se repetem pois englobaram vários temas.

Quadro 1 - Questão 10: Ideias centrais e identificação das respostas

Questão 10: Se achar necessário complementar a última pergunta com algum ponto, sinta-se à vontade para descrever:	
IDEIAS CENTRAIS	IDENTIFICAÇÃO DA RESPOSTA (n = 27)
A FALTA DE ACESSIBILIDADE (RAMPAS, CORRIMÕES, ESCADAS E ELEVADORES)	R07, R12, R15, R19, R23, R25, R39, R40, R50, R60, R62, R63, R67, R74, R79, R83, R92, R95, R98, R99, R105, R107
B AUSÊNCIA DE SINALIZAÇÃO (TÁTIL, PLACAS OU MAPAS)	R07, R12, R19, R25, R62, R83, R90, R100, R105
C VIAS E CALÇAMENTO SEM MANUTENÇÃO	R07, R19, R25, R70, R77
D FALTA DE INFRAESTRUTURA	R70, R76, R90
E PERCURSOS PROBLEMÁTICOS	R07, R19, R62, R76, R79
F POLÍTICAS PARA O ACESSO DE PCD E PMR	R90

Fonte: Brito, Lauer-Leite e Novais, 2021.

A partir das ideias centrais e das expressões-chaves foram elaborados os DSCs de cada ideia central, que foram descritos no quadro 2. A frequência relativa é em relação ao número total de respostas obtidos na questão atual.

Quadro 2 – Questão 10: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para cada ideia central

IDEIA CENTRAL	DSCs
A FALTA DE ACESSIBILIDADE (RAMPAS, CORRIMÕES, ESCADAS E ELEVADORES)	A UFCG não proporciona nenhum tipo de acessibilidade para pessoas com deficiência, não há autonomia para circular no <i>campus</i> e principalmente para acessar os blocos, além da parte interna. Tem que organizar muita coisa para acessibilidade, principalmente por ser um ponto importante para a permanência e finalização dos cursos. Alguns problemas para se pontuar são: ausência de rampas em diversas partes e onde existem, não há rotas acessíveis conectadas a elas, escadas com degraus altos, blocos sem elevadores ou os que têm, muitas vezes estão interditados. É necessário melhorar os acessos aos blocos com rampas, corrimãos e para isso é preciso a realização de novos projetos de acessibilidade. É preciso melhorar a acessibilidade para todos.
	Frequência relativa 81,5%

<p>B AUSÊNCIA DE SINALIZAÇÃO (TÁTIL, PLACAS OU MAPAS)</p>	<p>A ausência de sinalização, seja por meio de piso tátil, placas ou mapas é algo que afeta a autonomia de todos os usuários, contando também com aqueles que vem de fora ou estão se adaptando ao <i>campus</i>. Mesmo quando há sinalização tátil, muitas vezes é confusa e desatualizada. Placas e mapas ajudariam a deixar as informações de localização mais práticas para facilitar na hora de se situar. Efeitos sonoros também poderiam agregar na sinalização, principalmente para pessoas com deficiência visual.</p> <p style="text-align: right;">Frequência relativa 33,3%</p>
<p>C VIAS E CALÇAMENTO SEM MANUTENÇÃO</p>	<p>O campus tem calçadas e vias que dificultam a locomoção, por conta de muitos relevos, pedras soltas, buracos. As poucas calçadas e vias que dão acesso ao setor C são horríveis e precisam melhorar.</p> <p style="text-align: right;">Frequência relativa 18,5%</p>
<p>D FALTA DE INFRAESTRUTURA</p>	<p>O campus ainda carece muito de infraestrutura em algumas áreas e nos blocos mais antigos, há uma falta de investimento adequado em urbanização.</p> <p style="text-align: right;">Frequência relativa 11,1%</p>
<p>E PERCURSOS PROBLEMÁTICOS</p>	<p>Os percursos dentro do campus normalmente são longos e com uma topografia íngreme, muitas vezes contando com barreiras e obras que causam transtornos para os pedestres e dificultando o acesso, mas além disso, os percursos existentes, com sombreamento ou com um piso adequado normalmente não são os mais usados, faltando uma conexão entre eles.</p> <p style="text-align: right;">Frequência relativa 18,5%</p>
<p>F POLÍTICAS PARA O ACESSO DE PCD E PMR</p>	<p>Há uma carência de políticas adequadas para facilitar o acesso a pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.</p> <p style="text-align: right;">Frequência relativa 3,7%</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A questão 11, englobou seis afirmações previamente feitas para que as pessoas respondessem conforme sua concordância. As opções dadas são: **CT** - “Concordo totalmente”, **C** – “Concordo”, **N** – “Neutro”, **D** – “Discordo” e **DT** – “Discordo totalmente”. O gráfico foi feito com os números absolutos, considerando a quantidade de respostas e não a frequência relativa. As sentenças foram feitas de forma que agrupasse a percepção geral sobre o *Campus Sede*, sem abranger apenas uma área.

No gráfico 23, nos mostra que a maioria discorda ou discorda totalmente da afirmação, que fala sobre o *campus* ser acessível e todas as pessoas terem a possibilidade de usufruir dos espaços.

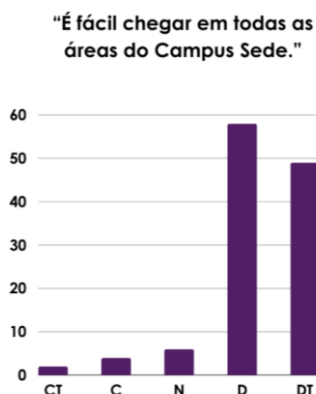
Gráfico 23 - Questão 11: Qual o seu nível de concordância com as afirmações abaixo, em relação ao espaço físico e percursos do *Campus* Sede da UFCG? **(AFIRMAÇÃO 1)**



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Na segunda afirmação, representada no gráfico 24, ainda há uma maioria discordando, pois se fala que é fácil chegar em todas as áreas do *Campus* Sede, o que não é uma realidade. Os que concordaram, supostamente, podem não ter ido a outras áreas, ter uma maior facilidade de chegar pelo uso de transportes próprios ou usufruir dos blocos mais "fáceis" de acessar, o que acaba fazendo com que tenham pouca percepção sobre o âmbito geral de acessibilidade.

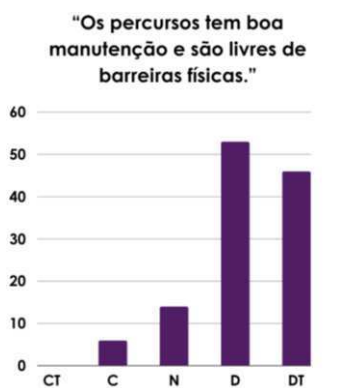
Gráfico 24 - Questão 11: Qual o seu nível de concordância com as afirmações abaixo, em relação ao espaço físico e percursos do *Campus* Sede da UFCG? **(AFIRMAÇÃO 2)**



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Sobre os percursos terem boa manutenção e serem livres de barreiras físicas (gráfico 25), a maioria ainda discorda, com uma boa parte sendo neutra e outra pequena parte concordando. De forma geral, muitas áreas de fato tem o calçamento bem mantido e são livres de barreiras, mas isso não ocorre em toda a área.

Gráfico 25 - Questão 11: Qual o seu nível de concordância com as afirmações abaixo, em relação ao espaço físico e percursos do Campus Sede da UFCG? **(AFIRMAÇÃO 3)**



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A afirmação 4 (gráfico 26) cita os percursos que são descontinuados e dificultam o acesso a alguns blocos e áreas, o que realmente acontece em algumas áreas pontuais e por isso a maioria concordou com essa afirmação. Do mesmo modo da afirmação 02, as pessoas que discordaram podem não fazer parte de blocos ou áreas que tenham esse problema e por isso podem não concordar.

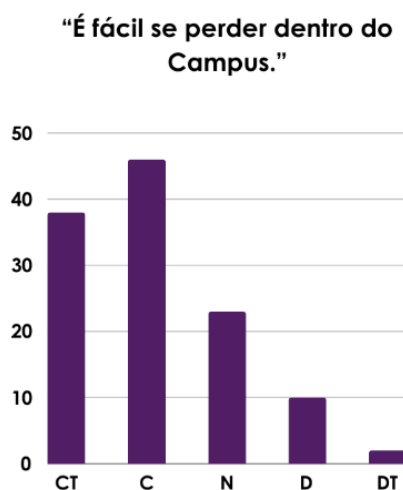
Gráfico 26 - Questão 11: Qual o seu nível de concordância com as afirmações abaixo, em relação ao espaço físico e percursos do Campus Sede da UFCG? **(AFIRMAÇÃO 4)**



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 27 mostra a concordância sobre a falta de orientação dentro do *campus*, isto é, sobre a facilidade de se perder. Muitos concordaram, mas alguns foram neutros e alguns discordaram. No caso, olhando pela perspectiva de ser uma pessoa recém chegada à UFCG ou que vai poucas vezes a alguma área que não faz parte, se perder é algo fácil, pois não há placas direcionais e alguns blocos não tem identificação, o que acaba complicando a orientação dentro do *campus* e normalmente é necessário perguntar às pessoas que já conhecem onde fica tal bloco ou setor.

Gráfico 27 - Questão 11: Qual o seu nível de concordância com as afirmações abaixo, em relação ao espaço físico e percursos do *Campus* Sede da UFCG? **(AFIRMAÇÃO 5)**



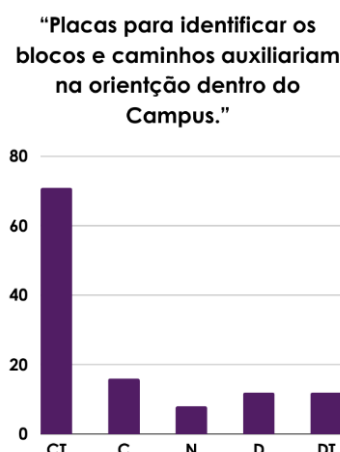
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Claramente, com os anos que os alunos, professores e trabalhadores passam dentro da UFCG, é normal que se habituem a entender os espaços em que passam seus dias e a lógica da disposição dos blocos, que são separados pelos setores (A, B e C) e pelas letras que vem em seguida, por exemplo, o bloco CL vem antes do CM e do CN, que ficam localizados no setor C. Porém, nem todos abrangem essa lógica e por isso se faz necessário as placas de orientação e identificação de forma mais clara para que todos possam se localizar.

Já na última afirmação, que trata sobre como as placas de identificação de blocos e caminhos auxiliariam as pessoas no *campus*, o gráfico 28 mostra que a grande maioria concordou totalmente com a

afirmação, demonstrando de fato essa necessidade. Sobre as pessoas que ficaram neutras ou discordaram no geral, supostamente podem já estar acostumadas ao ponto disso não ser um problema específico para elas, mas também acabam sem perceber que seria importante para outras pessoas.

Gráfico 28 - Questão 11: Qual o seu nível de concordância com as afirmações abaixo, em relação ao espaço físico e percursos do *Campus Sede* da UFCG? **(AFIRMAÇÃO 6)**

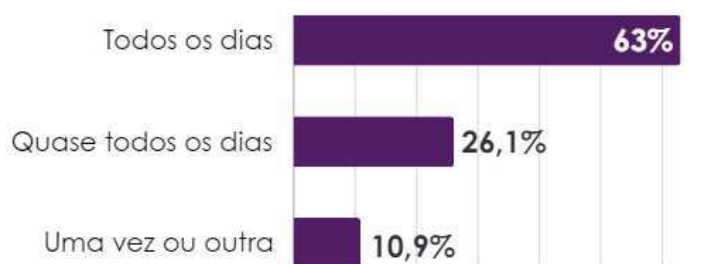


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A partir da questão 12, o questionário entra na seção 5, onde o foco é de fato a área de estudo selecionada e principalmente o Setor C. Inicialmente foi perguntado qual a frequência que as pessoas vão ao Setor C, pois não necessariamente as pessoas que responderam fazem parte do Setor C, as vezes podem ir apenas para a Biblioteca Central, que é algo geral do *campus* ou também ir para blocos pontuais, como o CAA, que tem aulas de disciplinas básicas e gerais ofertadas para vários cursos.

O gráfico 29 nos mostra que mais da maioria está todos os dias no Setor C, enquanto 26,1% vão quase todos os dias e 10,9% vão uma vez ou outra. Todos acabam sendo o público-alvo mesmo que elas não transitem todos os dias ou transitem mais por outros setores.

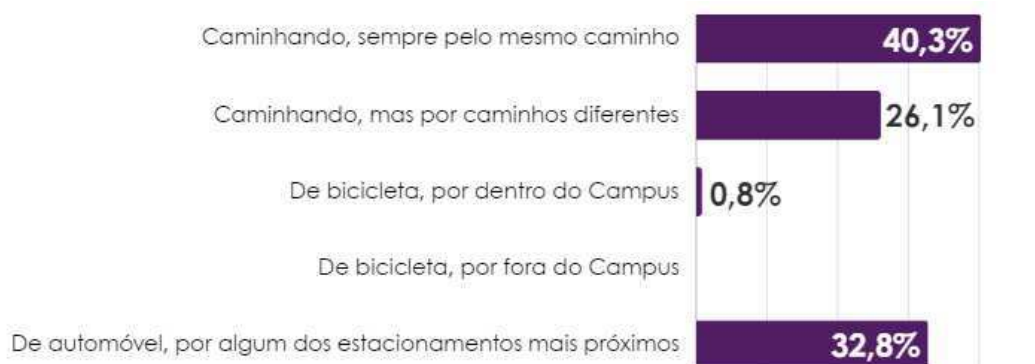
Gráfico 29 - Questão 12: Eu vou ao Setor C...



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A questão 13, busca entender como as pessoas chegam ao Setor C normalmente, focando no costume mais recorrente, mesmo que em algum dia ou outro ela chegue de outra maneira. O gráfico 30 nos ajuda a compreender que a maioria chega caminhando, sempre pelo mesmo percurso ou por percursos diferentes e outra maioria chega normalmente de automóvel e por fim poucas pessoas que chegam de bicicleta, se deslocando por dentro do *campus*.

Gráfico 30 – Questão 13: Como você costuma chegar ao Setor C?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Na questão 14, representada no gráfico 31, foram elencados problemas na parte externa aos blocos, no Setor C para que as pessoas selecionassem aqueles que elas tinham a percepção que de fato aconteciam nas áreas que transitam. Neste caso foi possível marcar mais de uma opção e é possível notar que 80 ou mais pessoas selecionaram os primeiros sete problemas, sendo o mais pontuado a falta de sinalização visual para a orientação. Falta de iluminação, caminhos estreitos e estacionamento sem acessibilidade foram menos pontuados e alguns motivos para isso podem

ser: a iluminação ter sido melhorada em alguns pontos do *campus* recentemente e sobre o estacionamento poucas pessoas podem ter a opinião formada, pois não são todas as pessoas que usufruem do mesmo. Uma pessoa não soube responder e outra adicionou o ponto dos prédios sem acessibilidade, provavelmente falando sobre o acesso aos blocos e na parte interna deles.

Gráfico 31 - Questão 14: Para você, quais destes problemas estão presentes no Setor C?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Já especificando sobre o bloco em que a pessoa passa mais tempo no período em que foi aplicado o questionário, a questão 15 traz pontos que representam algum tipo de acessibilidade que podem estar presentes nos blocos. As pessoas poderiam selecionar mais de uma característica ou pontuar caso não existisse nenhuma delas. O gráfico 32 mostra que mais de 60 pessoas responderam que não havia nenhuma das características acessíveis pontuada, ou seja, muitos não possuem acessibilidade. Mais de 30 responderam que havia banheiro acessível no térreo do bloco, entre 10 e 20 responderam que o bloco é de fácil acesso, tem a existência de rampas para acessá-lo e que tem placas externas para identificar e/ou direcionar o bloco. Menos de 10 responderam que tem elevador e que não sabiam responder.

Gráfico 32 - Questão 15: O bloco do Setor C em que você passa mais tempo atualmente...



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

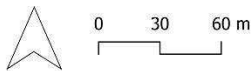
A penúltima questão (16) do questionário trouxe algumas imagens onde as pessoas poderiam analisar e selecionar um ou mais problemas que identificou ao analisá-las. Essa pergunta teve o intuito de ver na prática, a percepção das pessoas em situações que haviam pelo menos um problema de fato.

Na própria questão foram citados pontualmente onde as imagens foram capturadas, caso as pessoas precisassem entender a localização, podendo recordar se já transitou por tais áreas, ajudando à percepção. Em seguida, temos a figura 11 que mostra com mais detalhes quais são os locais das imagens pontuadas na questão.

Figura 11 - Questão 16: Localização das imagens

**QUESTÃO 16:
LOCALIZAÇÃO DAS
IMAGENS**

- LEGENDA
- ÁREA DE ESTUDO
 - Imagens
 - 1 IMAGEM 1
 - 2 IMAGEM 2
 - 3 IMAGEM 3
 - 4 IMAGEM 4
 - 5 IMAGEM 5
 - 6 IMAGEM 6

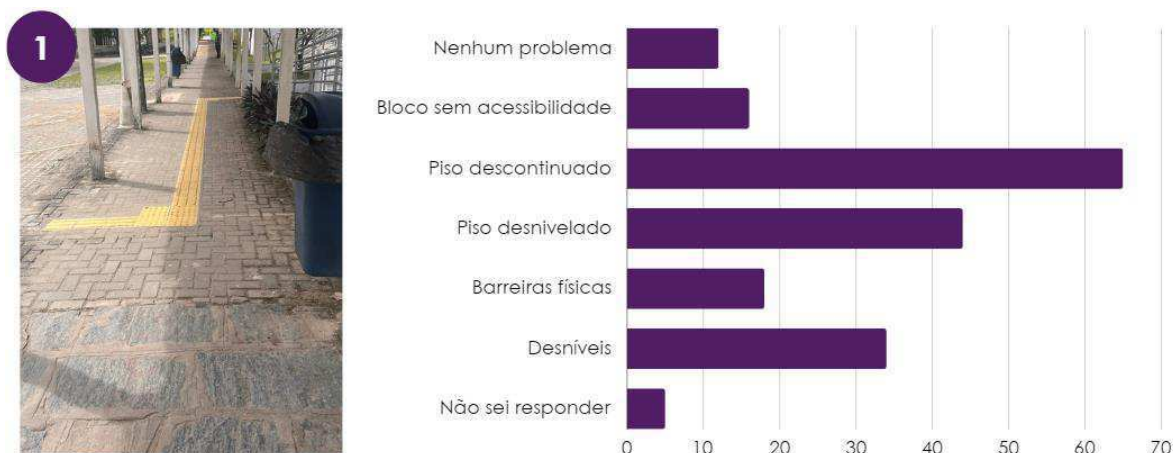


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No gráfico 33, temos as percepções em relação à imagem 1, que está localizada ao lado do Restaurante Universitário, na proximidade do Banco do Brasil, no Setor A. Nela, a maioria pontuou que há o piso descontinuado e desnivelado, o que de fato ocorre, pois há uma mudança brusca nos tipos de piso (pedra natural para o intertravado) e o de pedra natural apresenta muitos desníveis na sua própria caracterização.

Além disso, foram pontuados a característica de desníveis, que no caso se referem à batentes ou escadas, que dificultam o acesso, mas não seria o caso nesta imagem. "Barreiras físicas" pode ter sido pontuada por conta da lixeira, porém mesmo com ela no caminho, ainda há uma largura considerável, dessa forma não sendo um problema de fato. Alguns pontuaram também o bloco sem acessibilidade, no caso poderiam estar se referindo ao acesso para o RU por este percurso da imagem. Um pouco mais de 10 pessoas não conseguiram ter percepções, considerando que não haviam problemas ou não sabiam responder.

Gráfico 33 - Questão 16: Observe as imagens e responda: nestes espaços da área de estudo, quais são os problemas que você identifica? **(IMAGEM 1)**



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 34, mostra as respostas relativas à imagem 2, cuja localização é o acesso ao bloco CL, próximo ao bloco CAA. A maioria dos respondentes reconhecem a falta de acessibilidade ao bloco. A escada possui os degraus mal dimensionados e a rampa de acesso fica distante.

Em seguida foram pontuadas as barreiras físicas, que realmente são um problema por conta das instalações de centrais de ar-condicionado, onde muitas pessoas podem se machucar sem perceber, por estarem distraídas ou por serem pessoas com deficiência visual. Foi pontuado também os desníveis, que não estão de fato aparecendo na imagem, mas que ocorre pelo acesso que normalmente é feito pelas escadas.

Os outros pontos foram cogitados, porém não aparecem com muita clareza neste trecho do caminho. Por fim, existem problemas nesta imagem, mas ainda assim algumas pessoas selecionaram a opção que diz que não existe problemas e outras não souberam responder.

Gráfico 34 - Questão 16: Observe as imagens e responda: nestes espaços da área de estudo, quais são os problemas que você identifica? **(IMAGEM 2)**



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Já a imagem 3, representada ao lado do gráfico 35, está localizada em frente ao estacionamento próximo ao bloco do CTRN, nas proximidades dos blocos CS e LABDES. Mais de 30 pessoas pontuaram os seguintes problemas: bloco sem acessibilidade, piso descontinuado e desníveis. Claramente esses são os principais problemas. A imagem mostra uma rampa, que dá acesso ao bloco, porém não há acesso à própria rampa, seria necessário passar pela vegetação, além do desnível do meio-fio.

Em seguida, entre 20 e 30 pessoas responderam que haviam barreiras físicas, que pode se tratar da própria vegetação ou dos elementos soltos na área, em seguida o piso desnivelado, que não é muito o caso. Pois o piso existente na imagem tem boa manutenção e, por fim, os que não souberam responder. Além dos 15 que não viram problemas na imagem 03.

Gráfico 35 - Questão 16: Observe as imagens e responda: nestes espaços da área de estudo, quais são os problemas que você identifica? **(IMAGEM 3)**



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A imagem 4 traz um percurso que leva ao bloco CP, que faz parte do curso de Ciência da Computação. Neste caso, o gráfico 36 explicita que apenas 1 pessoa não viu problemas, mas de fato todos os outros problemas aparecem de alguma maneira, alguns mais claros na imagem e outros que estejam nessa área, mas não propriamente na imagem. Mas ainda assim, 20 pessoas não souberam responder quais problemas estariam inseridos.

Gráfico 36 - Questão 16: Observe as imagens e responda: nestes espaços da área de estudo, quais são os problemas que você identifica? **(IMAGEM 4)**



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Na quinta imagem, juntamente com o gráfico 37, vemos a entrada do bloco CK, que fica em frente ao bloco CL, logo após o bloco CAA. Nele vemos alguns dos problemas pontuados na questão: bloco sem acessibilidade, piso desnivelado e desníveis, que são os problemas mais visíveis na imagem, seguidos de piso descontinuado e barreiras físicas, que

não aparecem claramente na imagem. Porém, no entorno do bloco são coisas que acontecem. Três pessoas não viram problemas na imagem e menos de 20 não souberam dizer.

Gráfico 37 - Questão 16: Observe as imagens e responda: nestes espaços da área de estudo, quais são os problemas que você identifica? **(IMAGEM 5)**



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Na última imagem (6), vemos o estacionamento próximo ao bloco CS, as vagas prioritárias e os acessos ao bloco. O gráfico 38 mostra que as percepções mais citadas foram: piso desnivelado e descontinuado, além dos desníveis, que estão claros na imagem. Em seguida, o "bloco sem acessibilidade" também foi bem pontuado e por mais que logo em seguida haja uma rampa dentro dos padrões da norma vigente, para acessá-la há certa dificuldade. Portanto o bloco não tem boa acessibilidade.

Por fim, "barreiras físicas" foram pouco pontuadas e pouco mais de 10 pessoas responderam que não sabiam responder, juntamente com as que não viram problemas na imagem.

Gráfico 38 - Questão 16: Observe as imagens e responda: nestes espaços da área de estudo, quais são os problemas que você identifica? **(IMAGEM 6)**



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Finalizando o questionário com a questão 17, onde as pessoas poderiam ficar livres para pontuar de forma geral, vivências, problemas ou qualquer comentário que pudesse complementar a pesquisa. Foram obtidas 11 respostas, que estão disponíveis no apêndice C e é importante citar que os comentários foram repassados da mesma forma que foram escritos pelos respondentes, apenas havendo correções como: abreviações usadas na internet substituída pela palavra completa, letra maiúscula no início das frases, correções ortográficas e adição de ponto final.

Dessa maneira, ainda usando o método do DSC, foi possível agrupar as ideias centrais das respostas obtidas, de forma que fosse possível formar os discursos coletivos em relação à última questão, representados nos quadros 3 e 4. Lembrando que a frequência relativa é em relação ao número de respostas obtidos na questão.

Quadro 3 - Questão 17: Ideias centrais e identificação das respostas

Questão 17: Por fim, caso queira acrescentar algo de forma mais livre, este é o momento:	
IDEIAS CENTRAIS	IDENTIFICAÇÃO DA RESPOSTA (n = 11)
A FALTA DE ACESSIBILIDADE	R19, R54, R78, R98, R105
B FALTA DE SINALIZAÇÃO	R03, R23, R31, R70, R92
C PERCURSOS PROBLEMÁTICOS	R07, R78
D FALTA DE MANUTENÇÃO E INFRAESTRUTURA	R54, R70

Fonte: Brito, Lauer-Leite e Novais, 2021.

Quadro 4 – Questão 17: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para cada ideia central

IDEIA CENTRAL	DSCs
A FALTA DE ACESSIBILIDADE	Seria importante adequar a universidade em relação a acessibilidade, pois é necessário para que o acesso ao ensino de nível superior seja de fato contemplado para todas as pessoas. Muitos blocos têm apenas escadas e quando tem elevador muitas vezes não funciona, como no bloco CAA. Além também dos espaços de permanência e convívio, que não tem o devido acesso, somando com transtornos de obras, desníveis e etc. que acabam dificultando a locomoção no <i>campus</i> . Frequência relativa 45,4%
B FALTA DE SINALIZAÇÃO	Um problema grave é a falta de sinalização: piso tátil e placas informativas. Seria interessante que houvesse a inserção de placas para que a orientação seja mais clara. Frequência relativa 45,4%
C PERCURSOS PROBLEMÁTICOS	O percurso da entrada principal até o setor C é longo e seria possível implantar outros caminhos alternativos que fossem mais práticos. Além de que com as reformas, transtornos, desníveis e descontinuações dificultam a locomoção nos percursos. Frequência relativa 18,1%
D FALTA DE MANUTENÇÃO E INFRAESTRUTURA	Falta o cuidado com a manutenção e infraestrutura dos prédios antigos e dos elementos que ajudam o acesso aos blocos, como o elevador do bloco CAA. Frequência relativa 18,1%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Por fim, analisando de forma generalizada, foi possível entender uma boa parcela das percepções dos usuários, de modo que em sua maioria, há concordância em relação à estrutura do Campus Sede, em relação à acessibilidade nos percursos e até nos blocos, sendo necessária uma atenção maior para este assunto.

Claramente, há coisas que levam tempo para que sejam alcançadas, principalmente por haver todo um processo e planejamento projetual, até chegar ao momento de executar as obras e concluí-las, porém é necessário se pensar em soluções para tais opiniões apresentadas, e, em conjunto com a próxima etapa de análise, será possível pensar recomendações para tais

problemas, de modo que sirvam de guia para projetos futuros elaborados para o *campus*.

3.2 Mapeamento dos principais percursos até o Setor C

Neste momento, a análise dos percursos será realizada pelo método observacional e os dados serão descritos por meio de mapeamento, onde serão analisadas as características físicas dos percursos que foram percorridos, com auxílio de medições e registros fotográficos. Este subcapítulo será dividido pelos percursos feitos, para que seja mais bem organizado e compreendido.

Cada parte abordará mais de um percurso, considerando os percursos mais usados e os que tem potencial de uso. Para cada sessão de mapeamentos, serão descritos: os percursos analisados, os tipos de pisos, se há a presença de piso tátil ou pisos danificados, se as escadas, rampas e corrimãos estão de acordo com a NBR 9050/2020, a qualidade de iluminação, a presença de placas direcionais ou de identificação de blocos, a largura dos percursos, desníveis e obstáculos, além das áreas de descanso e vagas preferenciais localizadas próximas aos percursos, de modo a perceber os problemas existentes para que se possa elaborar, em seguida, os diagnósticos e recomendações visando uma futura melhoria destes percursos e áreas. Este mapeamento foi feito no período de agosto a setembro do ano de 2024.

As informações em campo foram coletadas seguindo alguns parâmetros pontuais da NBR 9050/2020 e com percepções elaboradas pela observação. Para a melhor compreensão, foram descritos com mais detalhes no quadro 5:

Quadro 5 - Parâmetros analisados

PISO TÁTIL (apenas a presença)	Alerta e direcional	Apenas alerta
RAMPAS	Inclinação de no máximo 8,33%	
ESCADAS	Pisos entre 28 e 32cm	Espelhos entre 16 e 18cm
CORRIMÃOS	Alturas de 92cm e 70cm	
ORIENTABILIDADE	Identificação de blocos que seja vista de forma clara; sem ter a necessidade de chegar próximo ou adentrar no bloco para saber informações.	Presença de placas direcionais.
VAGAS PREFERENCIAIS	Se a faixa de acesso tem largura mínima de 1,20m e se está ligada à rampa de acesso.	Se a integridade física da vaga está regular.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No primeiro percurso, haverá a explicação mais detalhada de como os mapeamentos foram elaborados, compreendendo que todos os seguintes foram feitos da mesma maneira, de forma que não se torne uma explicação redundante.

3.2.1 Percurso 1

Inicialmente, sobre o primeiro percurso, é importante citar que ele se encontra no Setor A e fora da área de estudo delimitada anteriormente, principalmente por esclarecer como se dá o acesso ao *campus*. Além disso, o pórtico da entrada principal (para automóveis e pedestres) do *campus* se encontrava em obras, portanto, este percurso se inicia nos pontos de ônibus, seguindo pela entrada principal alternativa, que é apenas para pedestres.

Na figura 12, pode-se observar o início do percurso 1, até o fim dele, já sendo dentro da área de estudo delimitada, assim como a localização dos pontos de ônibus e das entradas existentes.

Figura 13 - Mapa de pisos do Percurso 1



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

É importante citar que, pisos do tipo paralelepípedo, normalmente se encontram nas vias para automóveis, mas tanto esses, como o de pedra natural, são os mais problemáticos, principalmente por terem a superfície irregular, e em alguns casos, acaba se tornando obstáculo, dependendo da sua manutenção durante os anos.

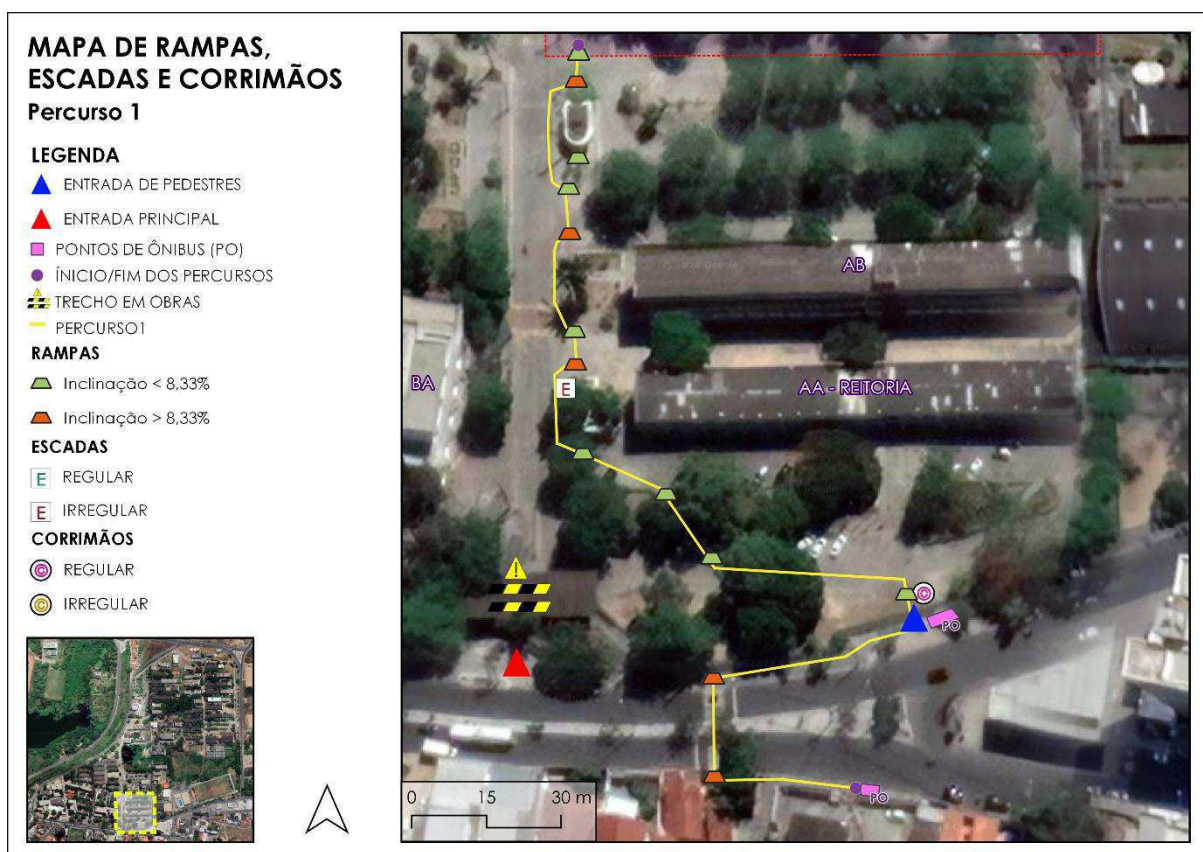
Para o próximo mapeamento, foram analisadas as rampas, escadas e corrimãos. A intenção seria compreender a conformidade deles diante de algumas normas pontuais presentes na ABNT NBR 9050/2020, como: a inclinação máxima das rampas, o tamanho dos espelhos e pisos das escadas, além de observar se há a presença de corrimãos e analisar se as suas alturas estão regulares.

Estas conferências foram medidas com o auxílio de trena e com o aplicativo disponível para *download* nos dispositivos com sistema *Android* ou *iOS*, "Nível de Bolha" desenvolvido pela empresa *ExaMobile S.A.* Para essa conferência de nível, o dispositivo é colocado em uma superfície e o

aplicativo nos mostra o nivelamento em graus, e por este motivo, foi feito um cálculo prévio para transformar graus em porcentagem. Considerando que para a norma, seria necessário que as rampas estivessem no máximo com 8,33% de inclinação, o cálculo realizado foi em função do arco tangente: $\arctg(x)$, onde x , neste caso, seria a inclinação em porcentagem desejada, dividida por 100. Portanto resultando no valor arredondado de 4.8° , sendo inclinações iguais ou abaixo deste valor dentro da conformidade.

Na figura 14, observa-se os elementos citados: das 13 rampas do percurso, 5 não estão com a inclinação apropriada, o único corrimão presente, está na rampa de pedestres e se encontra regular. Há a presença de uma escada para acessar uma área de convivência, mas que se encontra irregular e sem a presença de corrimão.

Figura 14 - Mapa de rampas, escadas e corrimãos do Percurso 1

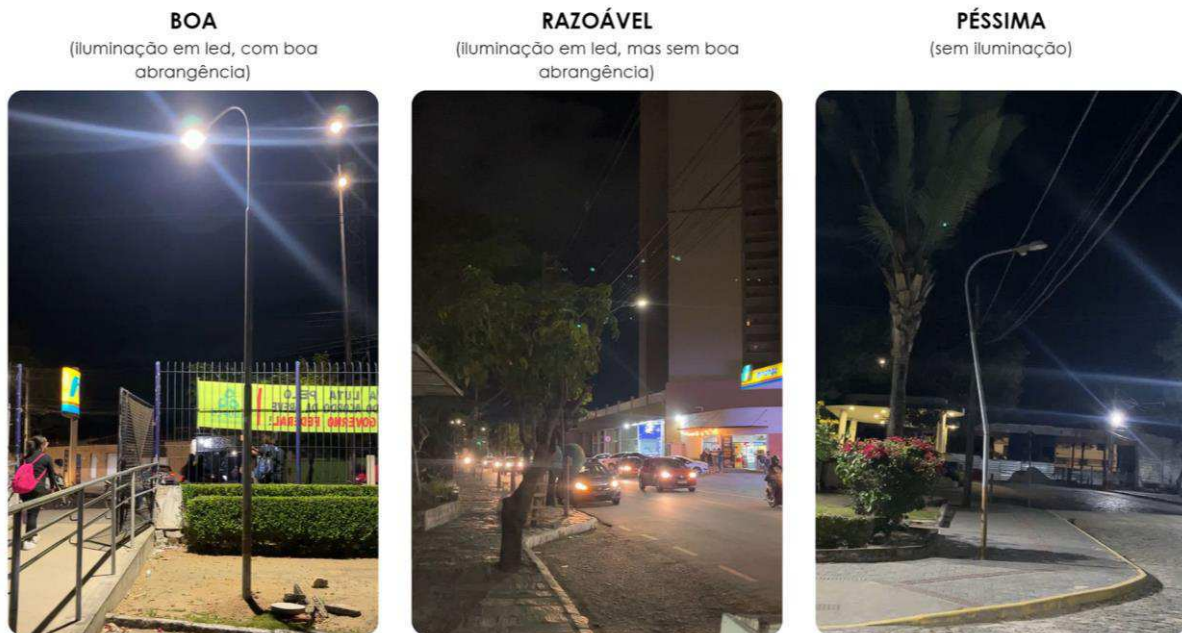


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para a análise de iluminação, a observação se deu no turno da noite (a partir das 18 horas) para que fosse possível ver a qualidade e

funcionamento das luzes presentes no espaço próximo ao percurso realizado. Neste caso, a iluminação foi pontuada como boa, razoável ou péssima, considerando os parâmetros de avaliação em relação à qualidade do tipo de luz, ao seu funcionamento e a sua abrangência. Na figura 15, é possível compreender um exemplo destas características:

Figura 15 - Imagens para exemplificar os parâmetros de iluminação adotados



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Em relação à orientabilidade, foi observado se havia a presença de placas direcionais ou de identificação, de forma preferencialmente clara e objetiva, para que qualquer pessoa no percurso pudesse notar e se localizar. No caso de meios de identificação, poderia ser uma placa próxima ou no próprio bloco, indicando a sua simbologia ou o uso que se dá nele, por exemplo: o bloco da Reitoria, que é identificado pelo nome gravado em sua fachada e o bloco AB, identificado pela sua simbologia (Figura 16).

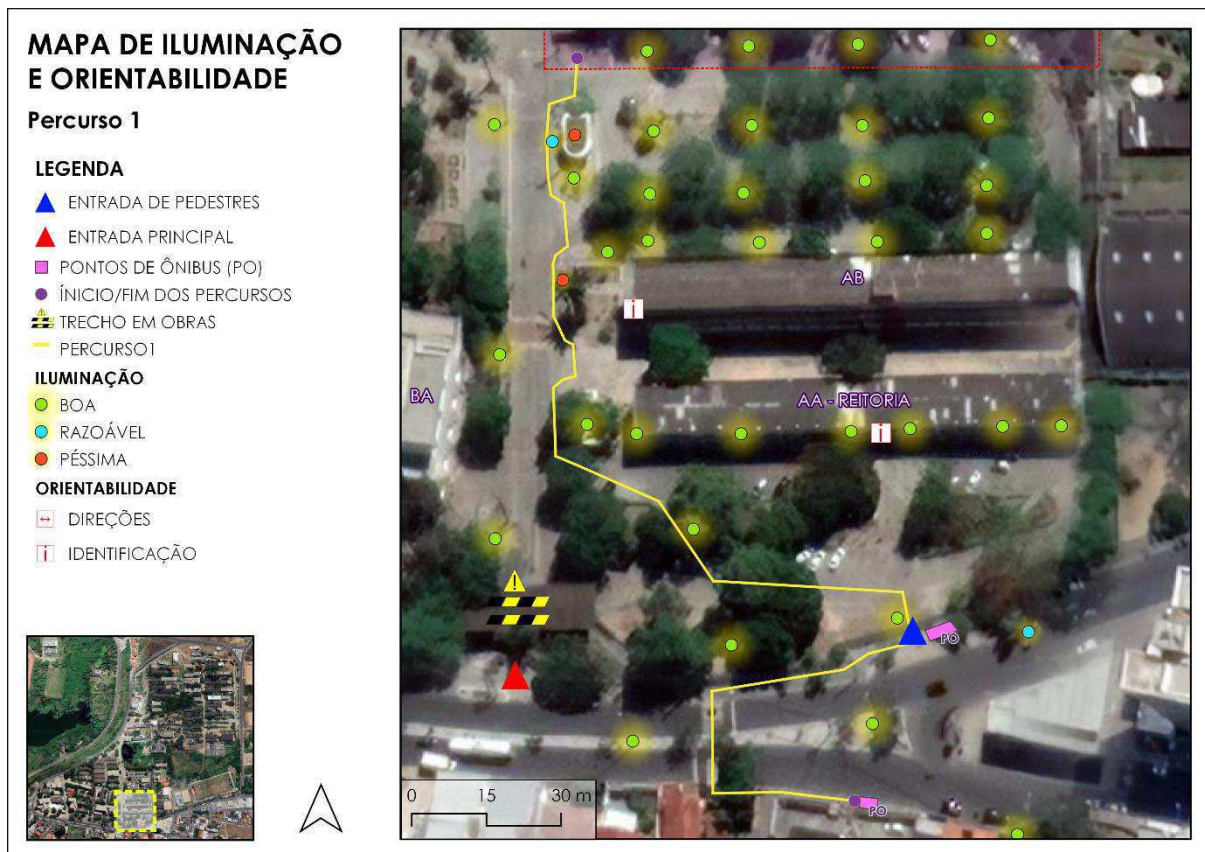
Figura 16 - Fachada do bloco AA (Reitoria) e bloco AB



Fonte: A autora, 2024.

A figura 17, nos mostra que em boa parte do percurso 1 a iluminação se dá de forma consideravelmente boa. Já sobre a orientabilidade, pode-se notar que não há a presença de placas direcionais e apenas dois blocos são identificados: a reitoria (AA) e bloco AB (Figura 16).

Figura 17 - Mapa de iluminação e orientabilidade do Percurso 1



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No último mapeamento, foi analisado se existem áreas de descanso, como bancos ou áreas de convivência, para compreendermos como se dá o acesso a eles e a percepção das distâncias entre elas, relacionando com o bem-estar dos pedestres que percorrem longos percursos, podendo ser um ponto de descanso ou uma área de convívio no geral. Além disso, no mesmo mapa foi pontuada a largura das calçadas dos percursos percorridos, pontuando se a sua medida mínima está dentro dos 1,20m de faixa livre, que é recomendado pela NBR 9050/2020, juntamente com os desníveis e obstáculos encontrados, que podem dificultar o percurso e seu fluxo. Por fim, existindo vagas preferenciais próximas ao percurso estudado, seriam apontadas e analisadas quanto a sua regularidade na faixa de acesso e da integridade física da área dedicada para a vaga.

A figura 18, mostra as duas áreas para descanso existentes, havendo aproximadamente 60 metros de distância entre elas. As calçadas, em sua maioria com largura maior que 1,20m de faixa livre, em conformidade com a norma. Há um desnível localizado em uma das rampas de acesso, mas não há obstáculos neste percurso. Não foram encontradas vagas preferenciais próximos ao percurso 1.

Figura 18 - Mapa de características adicionais do Percurso 1



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A partir dos próximos percursos, o mapeamento e os parâmetros seguem a mesma lógica, portanto, só serão descritos os detalhes específicos de cada parte, caso haja a necessidade de complementar o entendimento.

3.2.2 Percursos 2, 3, 4 e 5

Neste mapeamento temos a presença de quatro percursos, considerados os mais usados nesta área, localizada ainda no Setor A. Um ponto a se acrescentar nesta localidade é a presença de obras (Figura 19) no período de mapeamento, que causaram o bloqueio da via principal e da circulação direta dos pedestres em outro percurso, que por este motivo, não foi incluído.

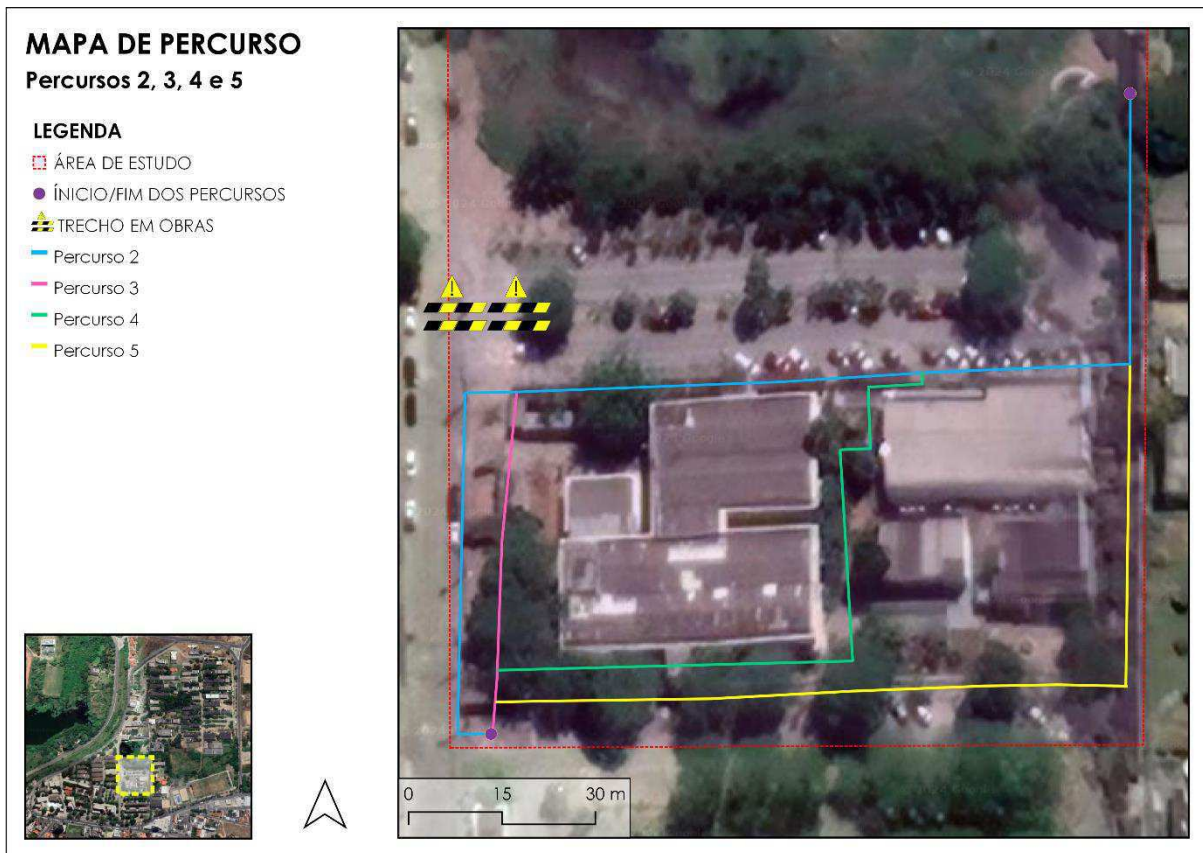
Figura 19 - Execução de obras na área



Fonte: A autora, 2024.

A figura 20 apresenta os quatro percursos analisados nesta área:

Figura 20 - Mapa dos Percursos 2, 3, 4 e 5



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

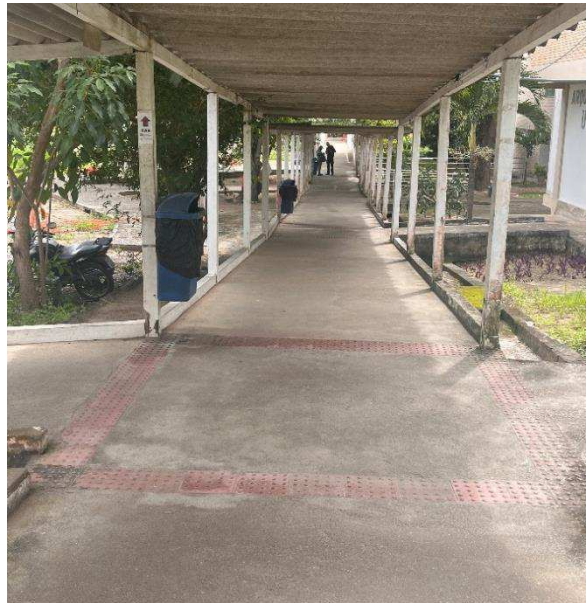
Nota-se, na figura 21, a presença de variados tipos de pavimentação e do uso parcial de piso tátil, sendo em uma parte de forma completa, direcionando e alertando os possíveis usuários com deficiência visual. Já em outros pontos, há apenas o uso do piso tátil de alerta. Neste segundo caso, é importante pontuar que no percurso 5, localizado à direita do mapa, só há a presença do piso tátil de alerta, mas em contrapartida, existem guias (Figura 22) que servem para o balizamento de possíveis usuários com deficiência visual.

Figura 21 - Mapa de pisos dos Percursos 2, 3, 4 e 5



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

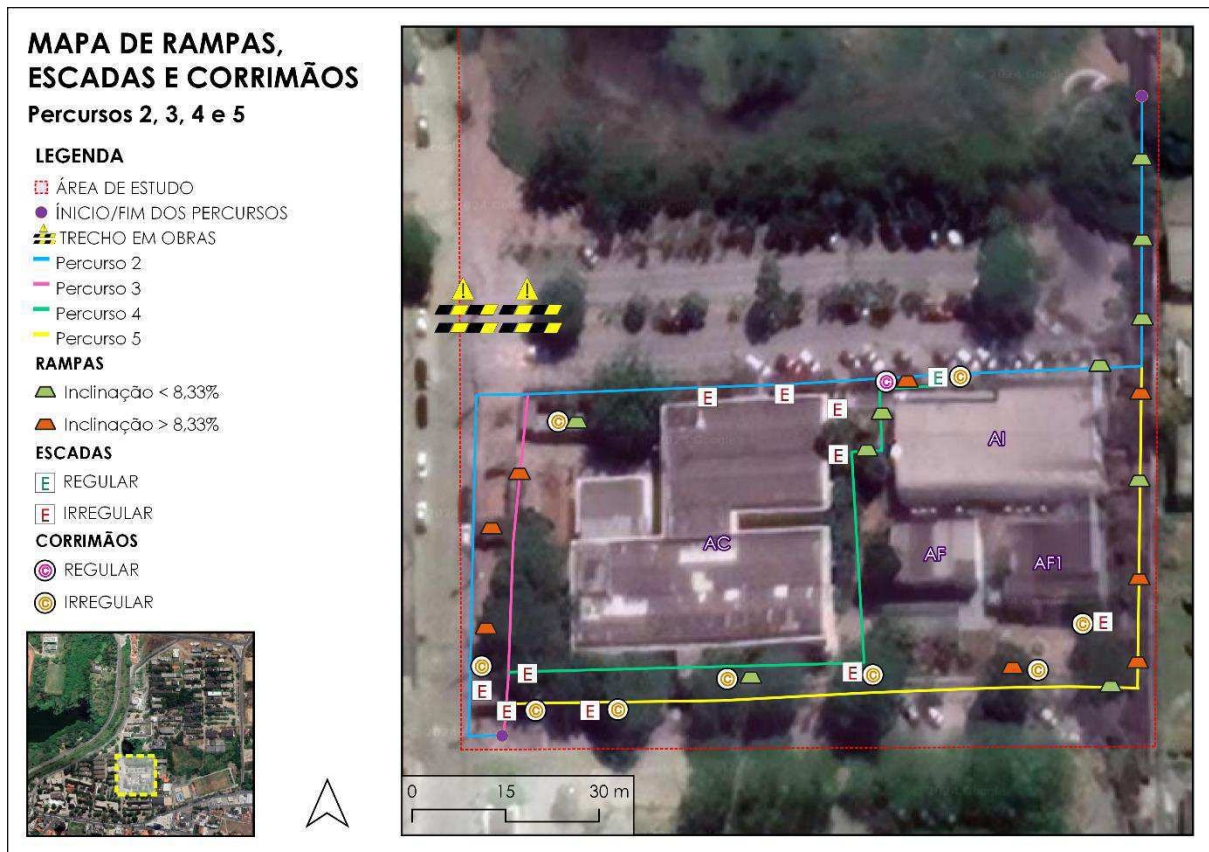
Figura 22 - Trecho do Percurso 5: presença da guia de balizamento



Fonte: A autora, 2024.

Na figura 23, foram pontuadas 18 rampas, e destas, 8 se encontram em desacordo com a inclinação máxima indicado pela norma. Foram indicadas 11 escadas, sendo 10 delas irregulares quanto ao tamanho do piso e/ou altura do espelho. Todos os corrimãos se encontram irregulares quanto as alturas. É importante pontuar que foram coletadas as informações dos elementos que se encontram diretamente nos percursos, mas também aqueles que estão próximos e se conectam a eles.

Figura 23 - Mapa de rampas, escadas e corrimãos dos Percursos 2, 3, 4 e 5

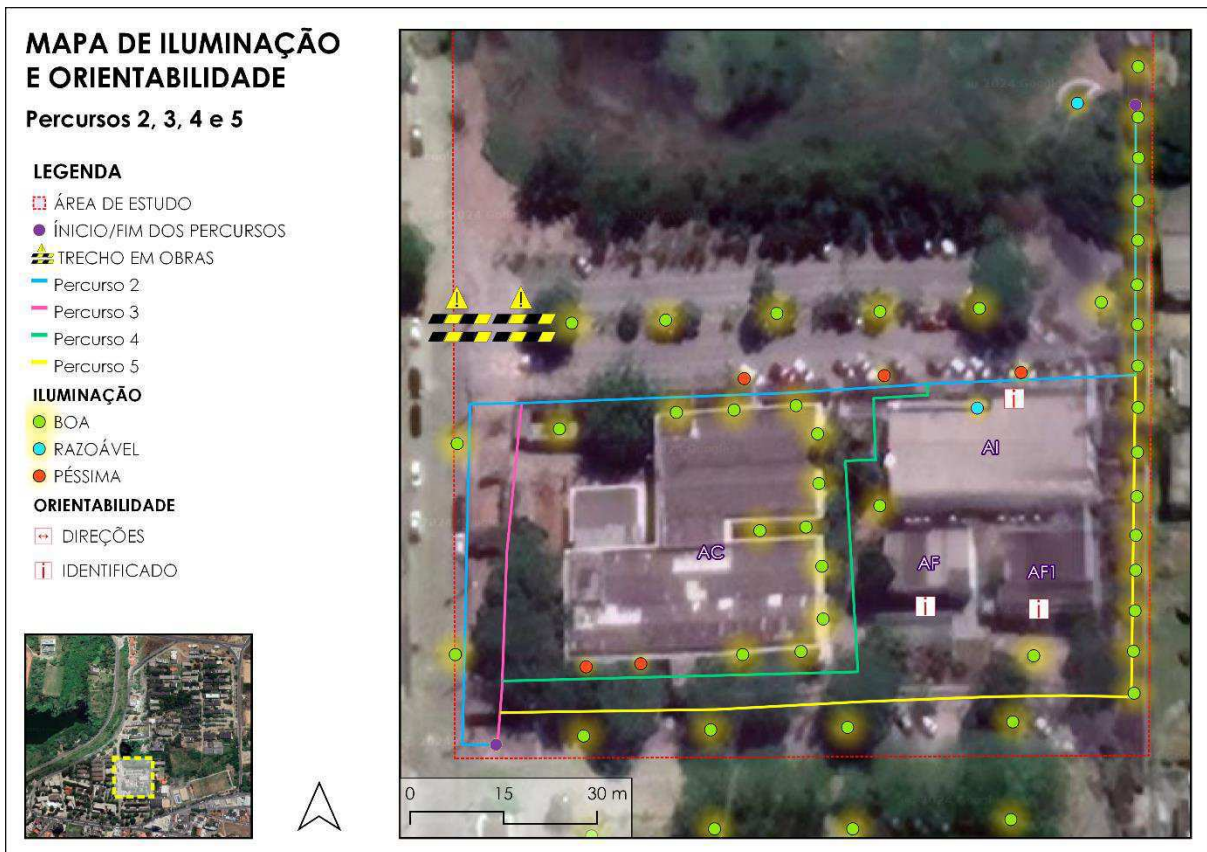


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para a iluminação, é possível notar na figura 24, que o percurso 5 é o mais bem iluminado. Já o percurso 3, se trata de uma passarela coberta, sem iluminação própria, tornando o percurso mais escuro.

O outro ponto é a orientabilidade nesta área: não há placas direcionais e apenas os blocos AF, AF1 e AI são identificados, respectivamente sendo o *Smart Campus*, a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil, ou seja, apenas o primeiro (Bloco AF) se trata de um bloco com uso administrativo da universidade, os outros são entidades externas que são facilmente encontradas pelas suas estruturas e identificações na fachada.

Figura 24 - Mapa de iluminação e orientabilidade dos Percursos 2, 3, 4 e 5



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Por fim, para estes percursos, a figura 25 nos descreve inicialmente a largura das calçadas, que em sua maioria, está entre 1,20m e 2,50m, mas com dois trechos pontuais onde sua largura é menor que 1,20m. As áreas de descanso (7), onde os mais próximos estão distanciados de 20 a 50 metros, enquanto os mais distantes variando de 60 a 100 metros. Há a presença de um obstáculo (poste e hidrante) que invade a faixa livre da calçada. Os desníveis são pontuados onde não há conexão com a calçada existente. Há a presença de vagas preferenciais em estacionamentos próximos, sendo um deles forma regular, que dá acesso ao percurso 2 e outro irregular, por não ter acesso direto à calçada, próximo ao percurso 5 (Figura 26).

Figura 25 - Mapa de características adicionais dos Percursos 2, 3, 4 e 5



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 26 - Vagas preferenciais: regular e irregular



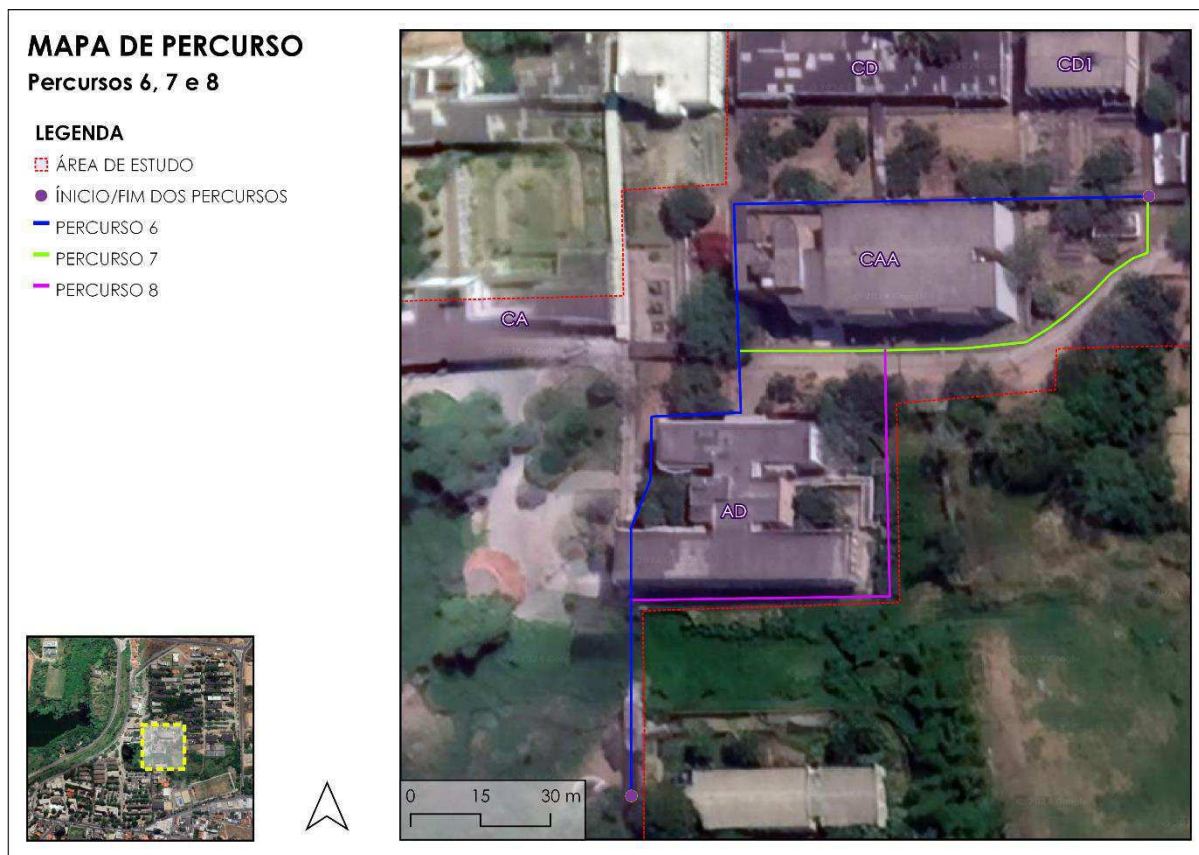
Fonte: A autora, 2024.

3.2.3 Percursos 6, 7 e 8

Na próxima parte analisada, há a presença de três percursos (Figura 27), sendo 6 e 7 os principais e 8 um percurso alternativo que não é tão usado, mas que tem grande potencial para melhorias, podendo se conectar com outro percurso ainda não estruturado: acesso setor esportivo até a Biblioteca

Central (bloco AD). Esses percursos, se encontram entre o fim do Setor A e o começo do Setor C.

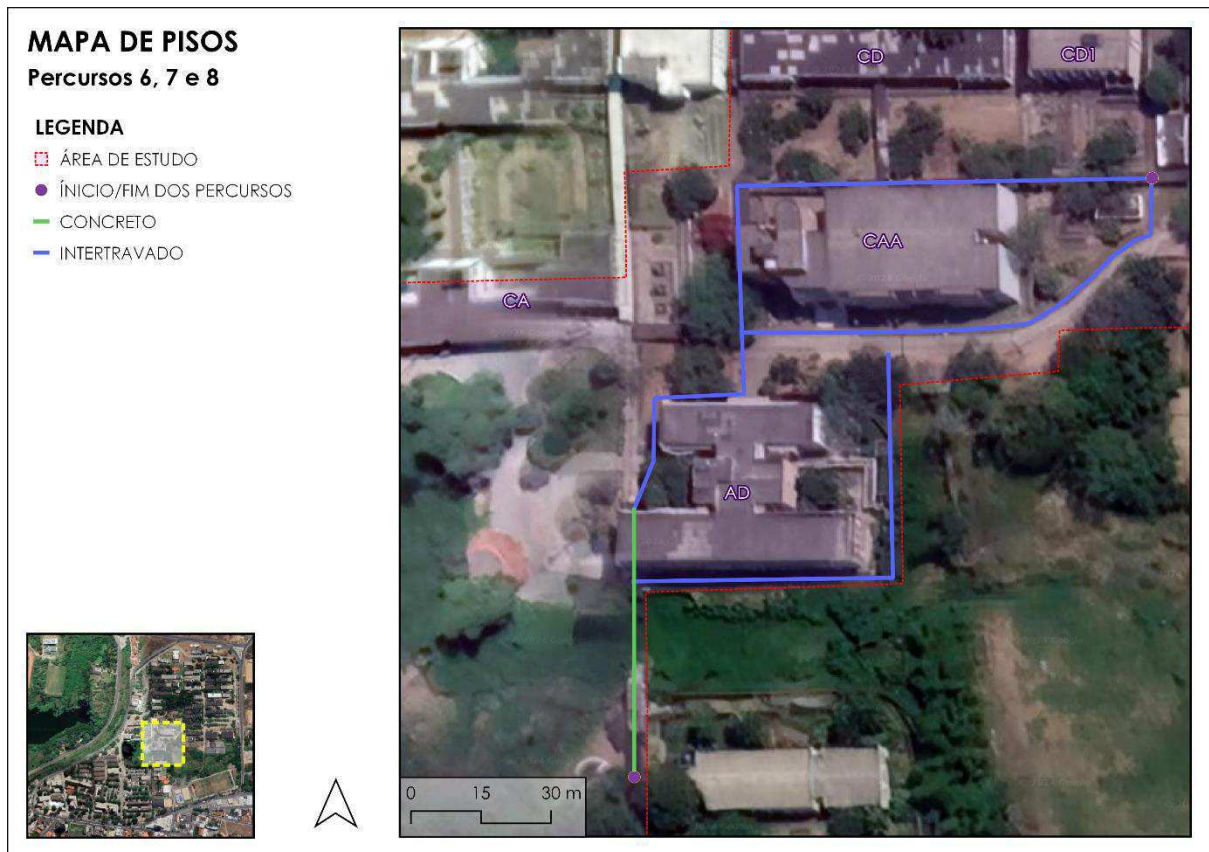
Figura 27 - Mapa dos Percursos 6, 7 e 8



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A figura 28, indica os tipos de piso que fazem parte destes percursos, sendo em sua maioria do tipo intertravado. Em outra parte, há o tipo de concreto e, por fim, um pouco de paralelepípedo, onde está localizada a via para automóveis. Importante citar que destes percursos em diante, não há mais a continuidade dos pisos táteis. Nesses trechos não foram encontrados pisos danificados.

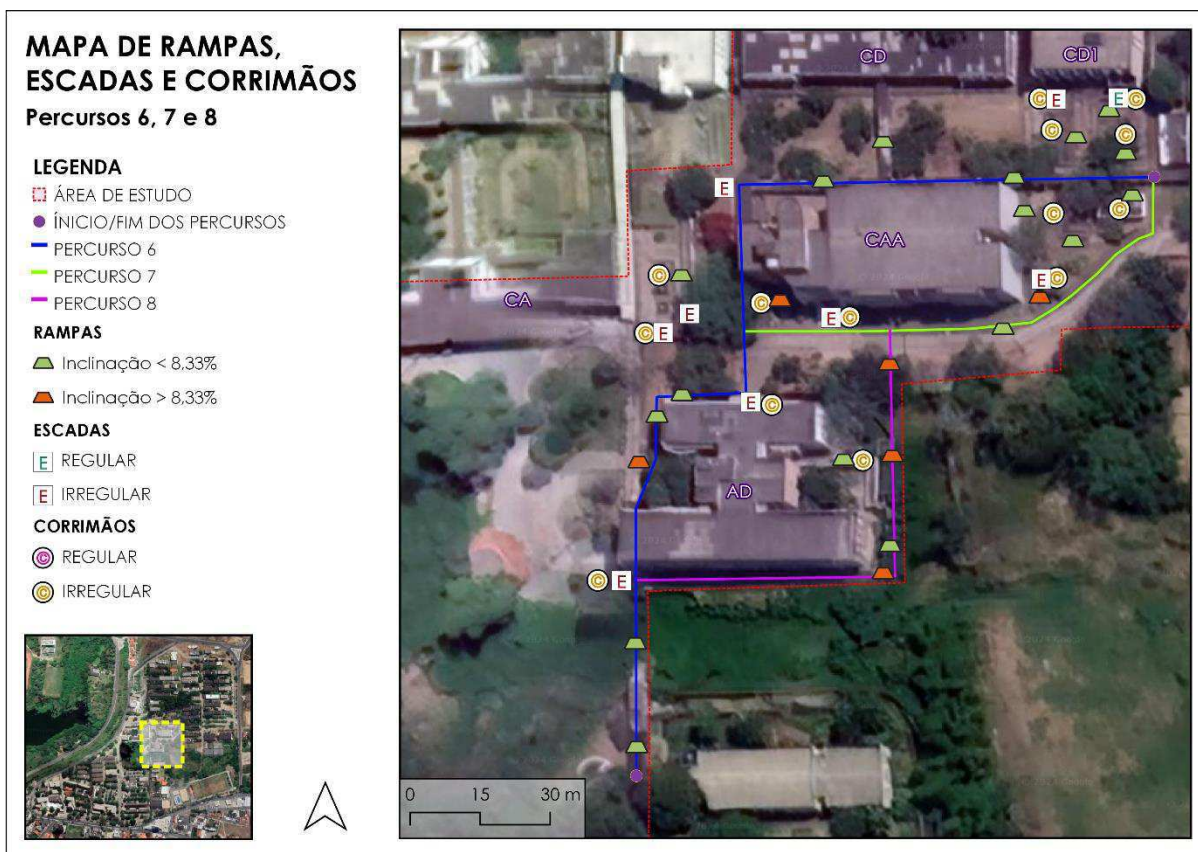
Figura 28 - Mapa de pisos dos Percursos 6, 7 e 8



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Vemos na figura 29, que existem 23 rampas nesta área e destas 17 estão com a inclinação recomendada pela norma. De 9 escadas pontuadas, 8 estão irregulares, considerando o tamanho dos seus pisos e/ou espelhos. A que foi pontuada como regular, na realidade são duas, que dão acesso ao bloco CD1. Há a presença de 13 corrimãos, e todos irregulares a sua altura. Um ponto recorrente nesta área é a presença de corrimãos sendo usados como guarda-corpo nas áreas de descanso presentes.

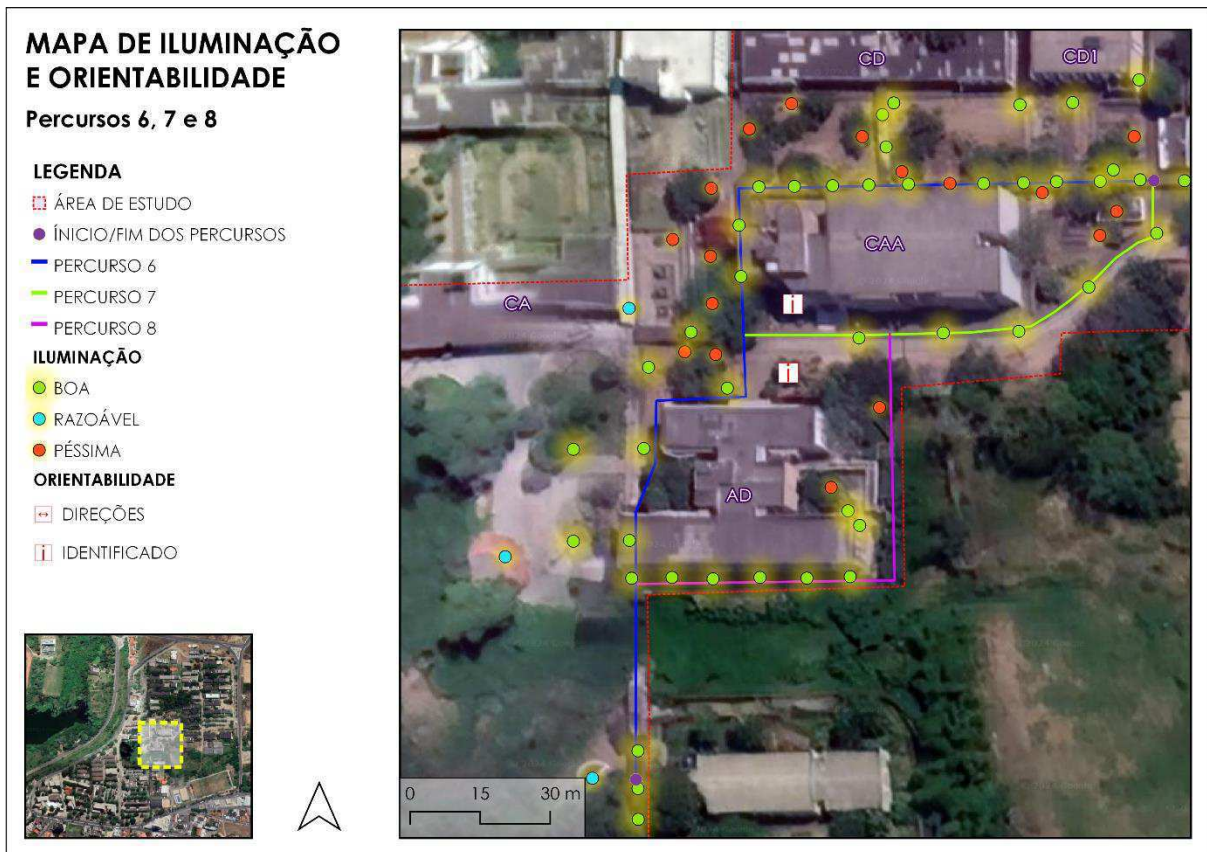
Figura 29 - Mapa de rampas, escadas e corrimãos dos Percursos 6, 7 e 8



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Já para a iluminação e orientabilidade (Figura 30), se pode notar que os percursos têm trechos bem iluminados, mas há lacunas de áreas sem iluminação. Alguns pontos de luz se encontram sem funcionamento, mas as vezes são complementados por outros pontos abrangentes. Essa área não contém placas direcionais, mas alguns blocos são identificados, como a Biblioteca Central (AD) e bloco CAA. Em adição, para todos os blocos com identificação apresentados, é necessária a inspeção para pontuar a necessidade de atualização, visando melhor visualização, sem que seja necessário chegar próximo ou adentrar no bloco para identificá-lo.

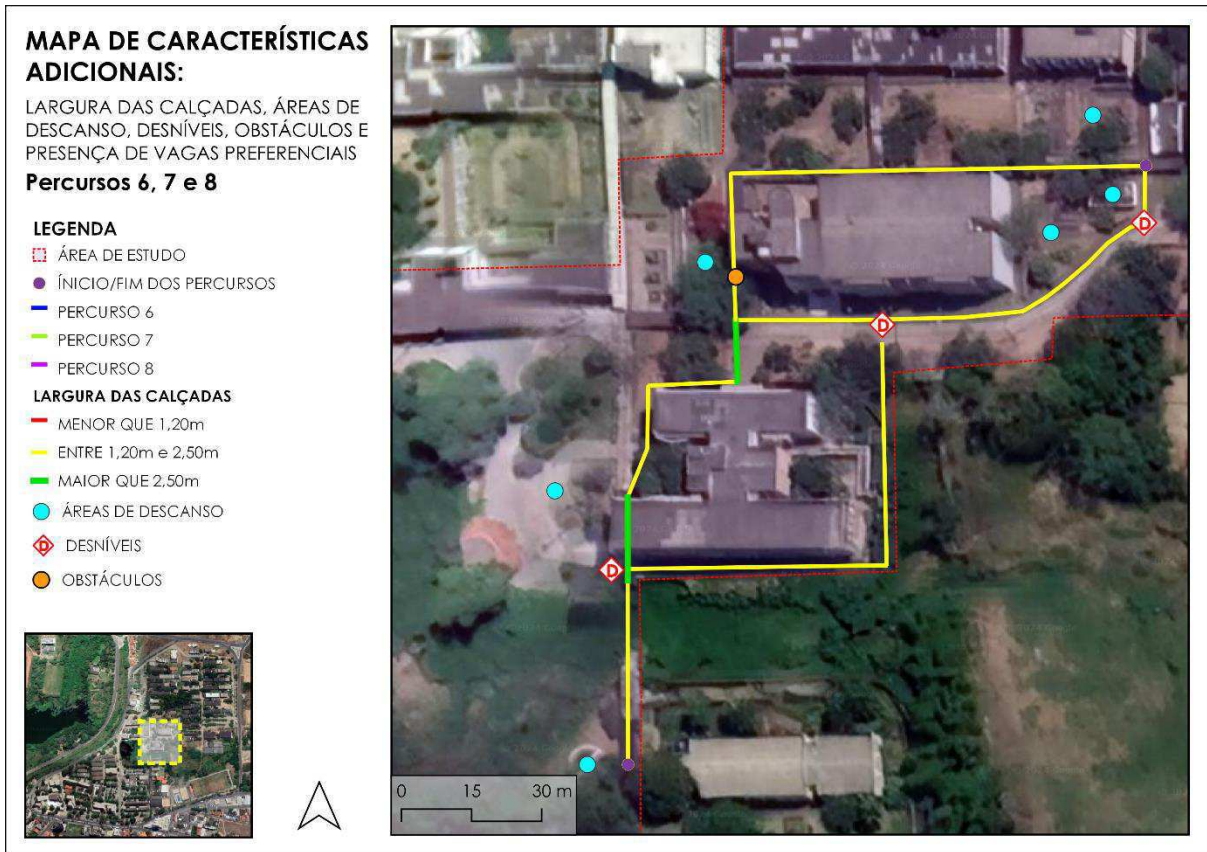
Figura 30 - Mapa de iluminação e orientabilidade dos Percursos 6, 7 e 8



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Finalizando os percursos 6, 7 e 8, a figura 31 mostra que as suas larguras estão acima de 1,20m, o que é dentro do mínimo recomendado pela norma. As quatro primeiras áreas de descanso se encontram entre 75 e 100 metros de distância, já as últimas três que se encontram mais aglomeradas, estão com aproximadamente 15 metros de distância, uma delas é coberta. Há a presença de alguns desníveis, principalmente em pontos onde a implementação de rampas de acesso ajudaria para a melhor conexão dos percursos. Além disso, foi pontuado obstáculo, que neste caso em específico é momentâneo e variado durante os dias, por ser área onde os usuários do espaço estacionam motos e bicicletas (Figura 32), afetando os fluxos dos pedestres.

Figura 31 - Mapa de características adicionais dos Percursos 6, 7 e 8



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 32 - Obstáculo pontuado no Percorso 6



Fonte: A autora, 2024.

3.2.4 Percursos 9, 10 e 11

Os percursos 9, 10 e 11 se encontram inteiramente no Setor C (Figura 33) e todos são igualmente importantes, por serem os principais desta área e pela importância deles para acesso dos blocos próximos.

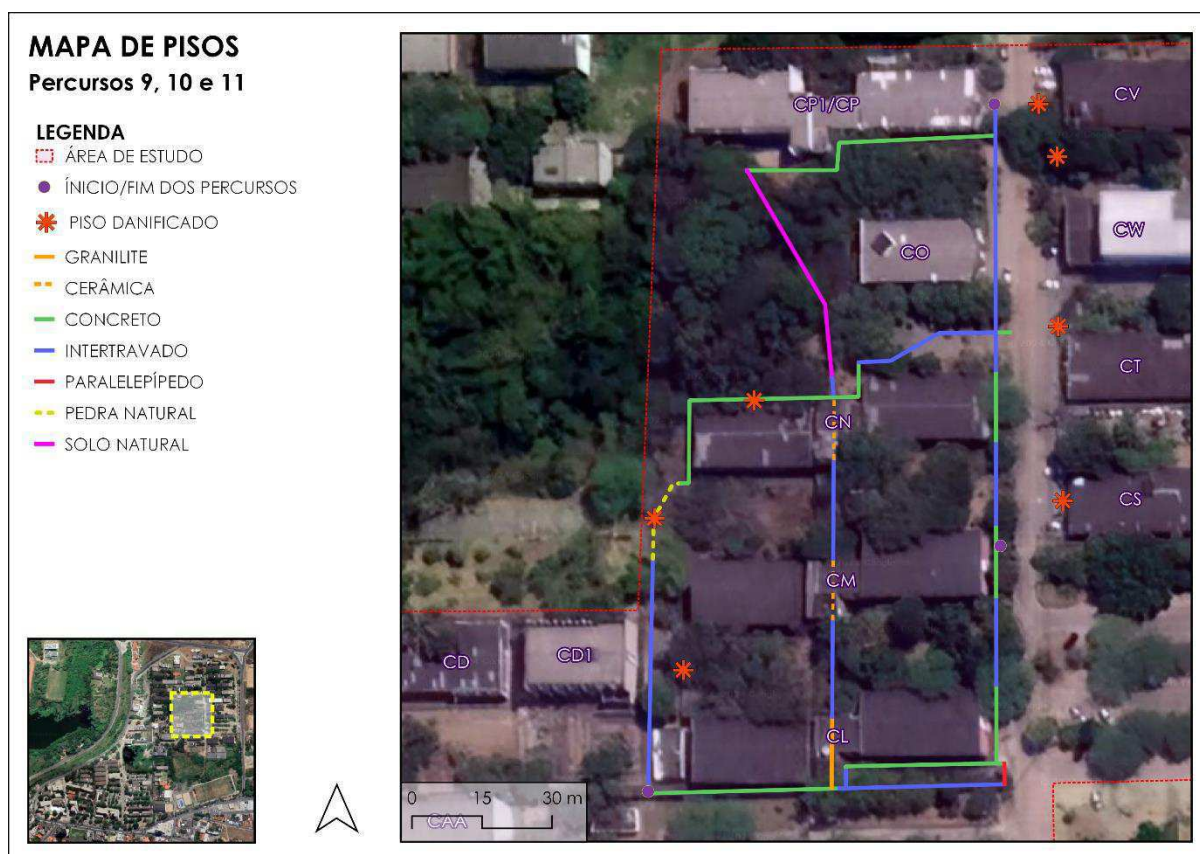
Figura 33 - Mapa dos Percursos 9, 10 e 11



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A figura 34, mostra a variedade dos pisos presentes nos percursos, tendo alguns novos tipos como: granilite e cerâmica, que estão presentes dentro dos blocos e solo natural, todos fazendo parte do percurso 10. Boa parte está pavimentada com concreto ou intertravado, adicionando também uma parte onde ainda há o piso de pedra natural, presente no percurso 9. Por fim, foram apontados pisos danificados, mas é importante frisar que mesmo que sejam situações pontuais, seria interessante que os percursos por inteiro fossem continuados e conservados.

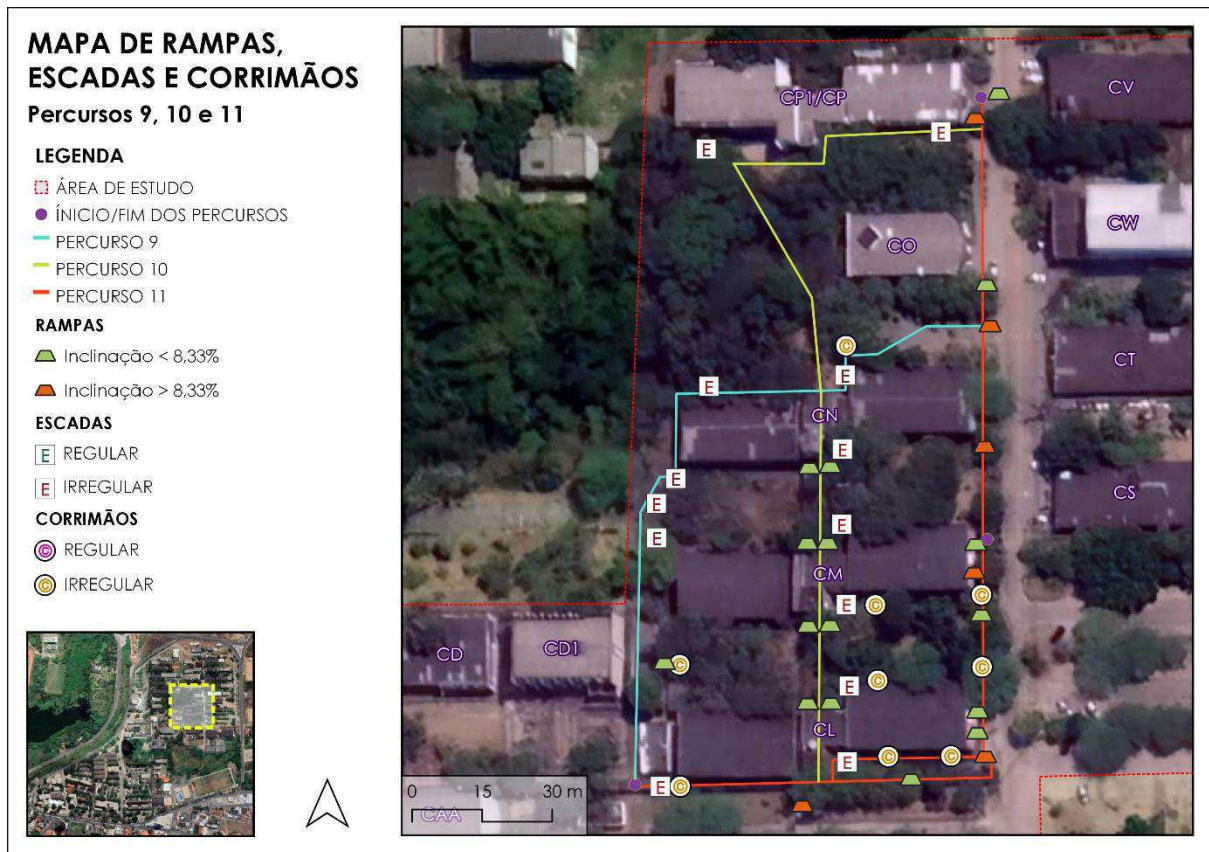
Figura 34 - Mapa de pisos dos Percursos 9, 10 e 11



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A figura 35, nos mostra que foram pontuadas 22 rampas, onde 6 estão irregulares. Todas as 13 escadas estão irregulares quanto as medidas do piso e/ou espelho. Por fim, foram pontuados 9 corrimãos, estando todos irregulares quanto a sua altura. É importante pontuar também que a maioria destes corrimãos se encontram em escadas ou rampas, mas também em alguns trechos de percursos que existem desníveis, servindo adicionalmente como guarda-corpo.

Figura 35 - Mapa de rampas, escadas e corrimãos dos Percursos 9, 10 e 11

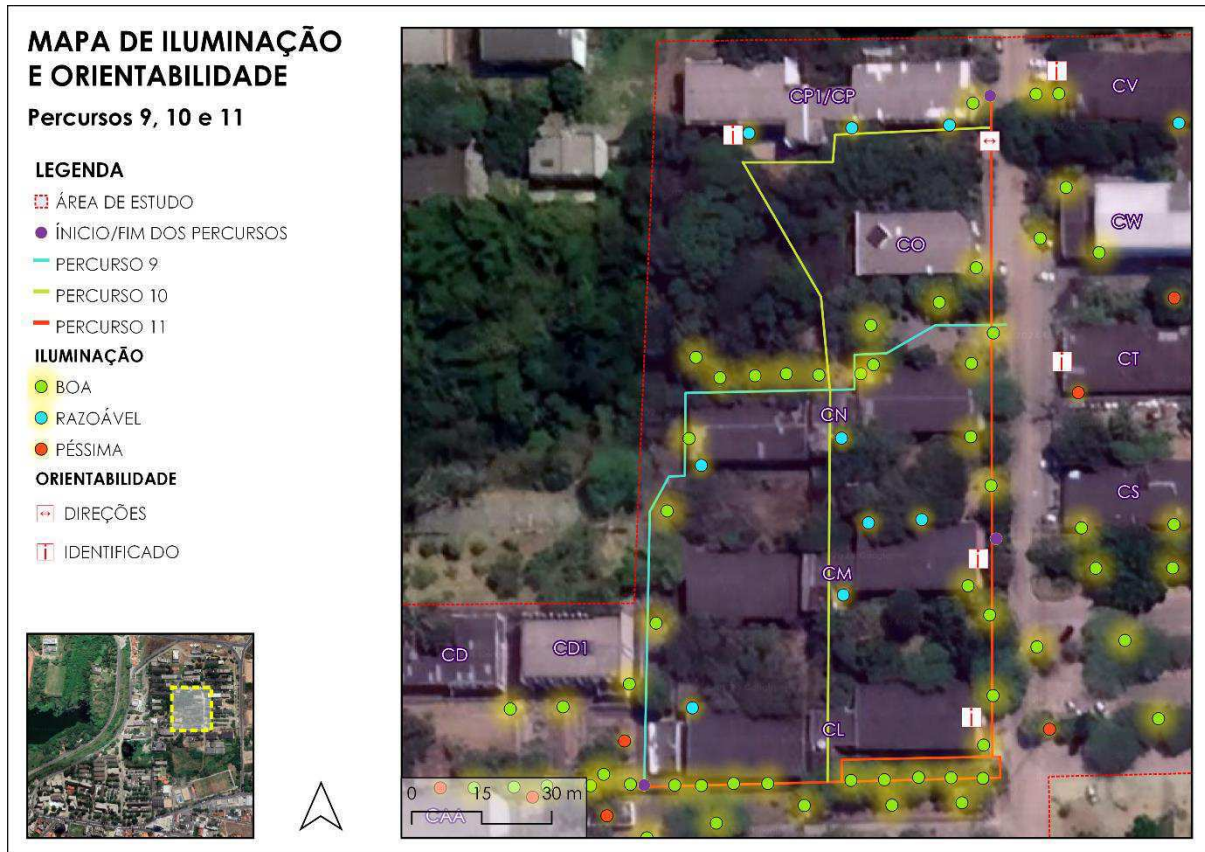


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A figura 36 nos mostra que a iluminação está boa em grande parte da área, principalmente onde há vias para automóveis e no percurso 11 onde há a presença de uma cobertura iluminada, mas se pode notar uma grande lacuna de iluminação entre os blocos, com alguns pontos de luz considerados razoáveis por não terem uma boa abrangência. Além do não funcionamento de alguns pontos e da necessidade da implementação de novos pontos de luz em áreas não abrangidas.

Sobre a orientabilidade, vemos a primeira e única placa direcional implementada na área de estudo (Figura 37). Além da presença de algumas identificações nos blocos da área (CL, CM, CP, CT e CV), porém alguns precisam de melhorias para melhor orientação.

Figura 36 - Mapa de iluminação e orientabilidade dos Percursos 9, 10 e 11



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

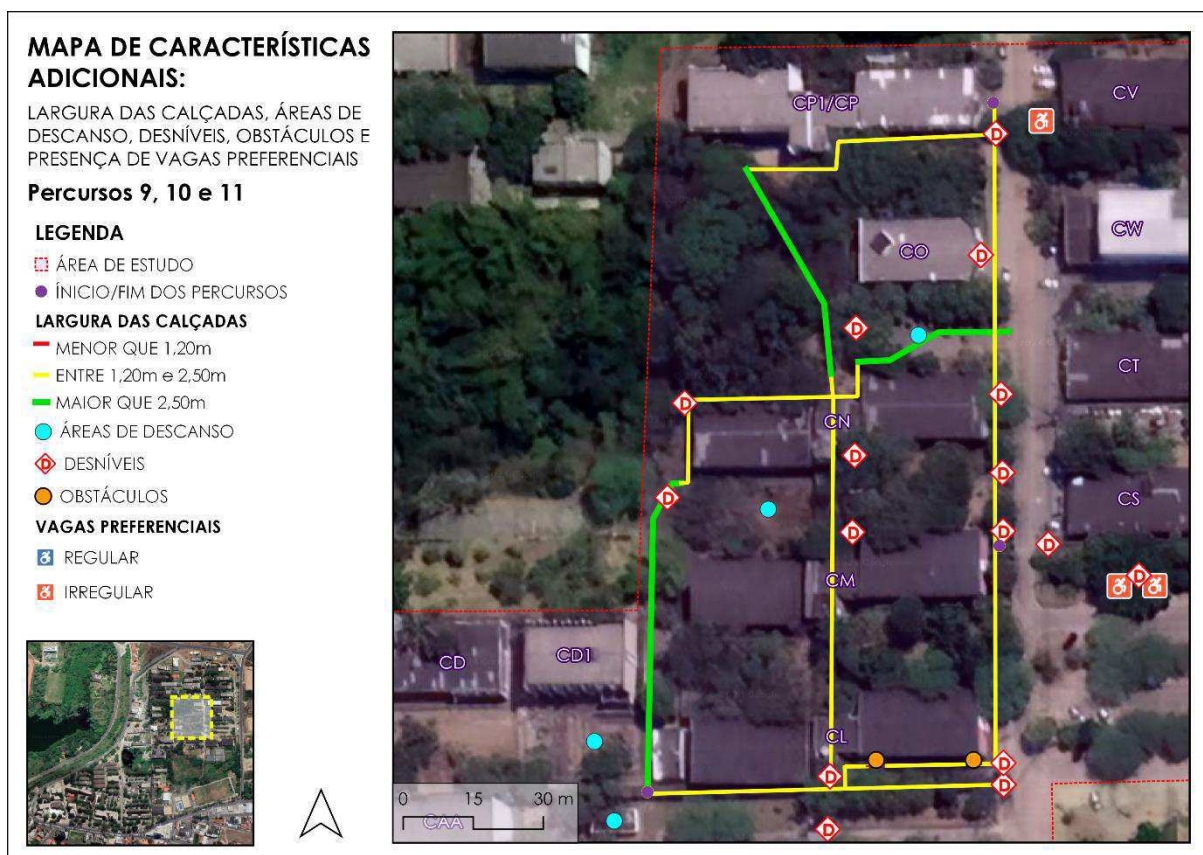
Figura 37 - Placa direcional presente no Percuro 11



Fonte: A autora, 2024.

Para as características adicionais, apontadas na figura 38, é possível notar que todos os percursos são bem espaçados, salvo dois trechos, onde estão pontuados obstáculos (pilares do bloco). Temos duas áreas para descanso, distanciadas em aproximadamente 70m e vemos a presença de vários desníveis, sendo alguns em relação a calçadas sem rampas de acesso e outros em áreas com grandes desníveis (Figura 39), onde alguém poderia se acidentar pela falta de proteção com corrimãos ou guarda-corpos. Por fim, há a presença de algumas vagas pontuadas como preferenciais, porém irregulares quanto à estrutura para esse propósito e sem acesso ao bloco (Figuras 40).

Figura 38 - Mapa de características adicionais dos Percursos 9, 10 e 11



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 39 – Exemplo de desníveis no Percurso 9



Fonte: A autora, 2024.

Figura 40 - Vagas preferenciais irregulares próximas aos blocos CS e CV

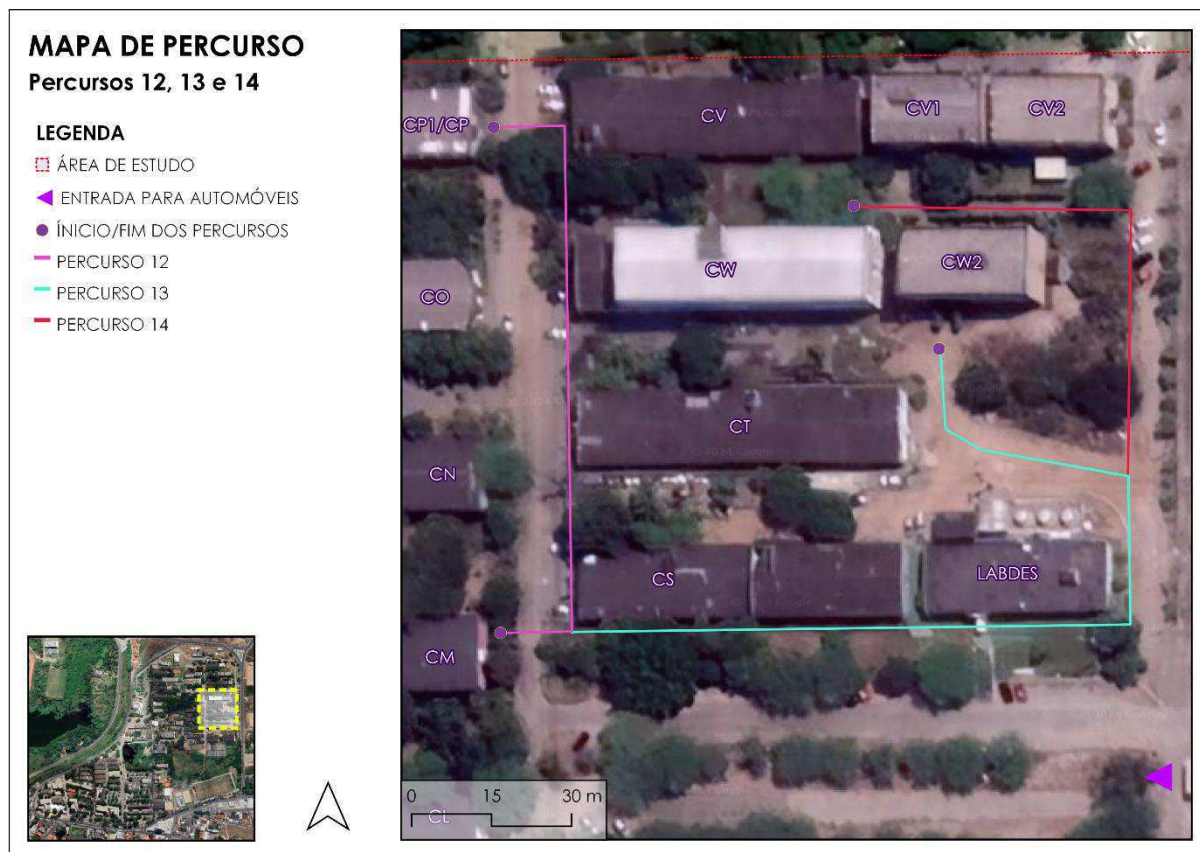


Fonte: A autora, 2024.

3.2.5 Percursos 12, 13 e 14

Por último, temos os percursos 12, 13 e 14, também localizados no Setor C e representados na figura 41.

Figura 41 - Mapa dos Percursos 12, 13 e 14



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Sobre os pisos, na figura 42, diferentemente dos outros percursos, neste caso foi pontuada a pavimentação em paralelepípedo nos trechos onde se transita pela via para automóveis: travessias próximas aos blocos CM e CP e nos percursos 13 e 14, à leste do mapa, por se tratar de uma parte onde não há calçadas para pedestres. Há a presença predominante do piso de concreto, sendo revezado com o de pedra natural. Além também de trecho em solo natural e outro em piso intertravado.

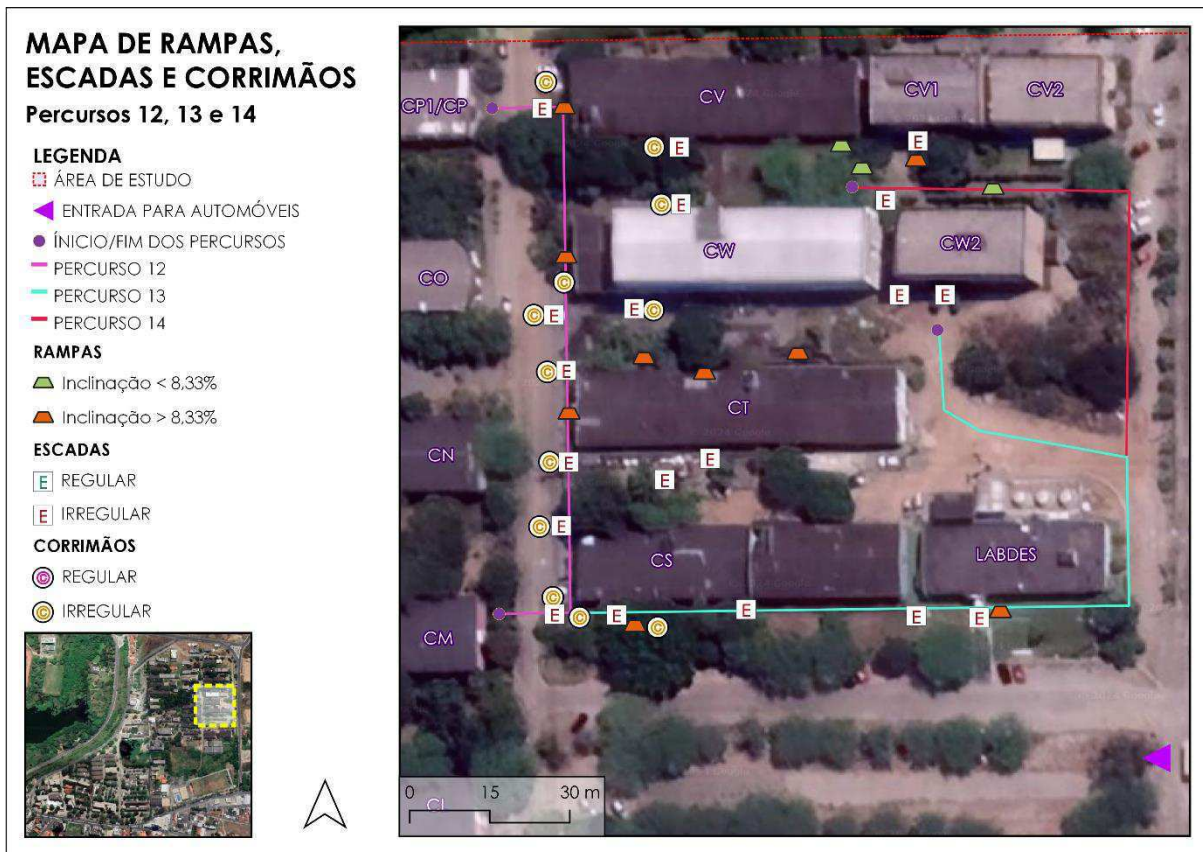
Figura 42 - Mapa de pisos dos Percursos 12, 13 e 14



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Na figura 43, foram pontuadas 12 rampas, onde apenas 3 delas estão com a inclinação dentro do máximo recomendado. Todas as escadas (19) estão irregulares quanto ao tamanho do piso e/ou altura do espelho, assim como todos os 12 corrimãos, também irregulares quanto a sua altura. Muitos destes também servem como guarda-corpo, por haver trechos onde há a presença de um grande desnível.

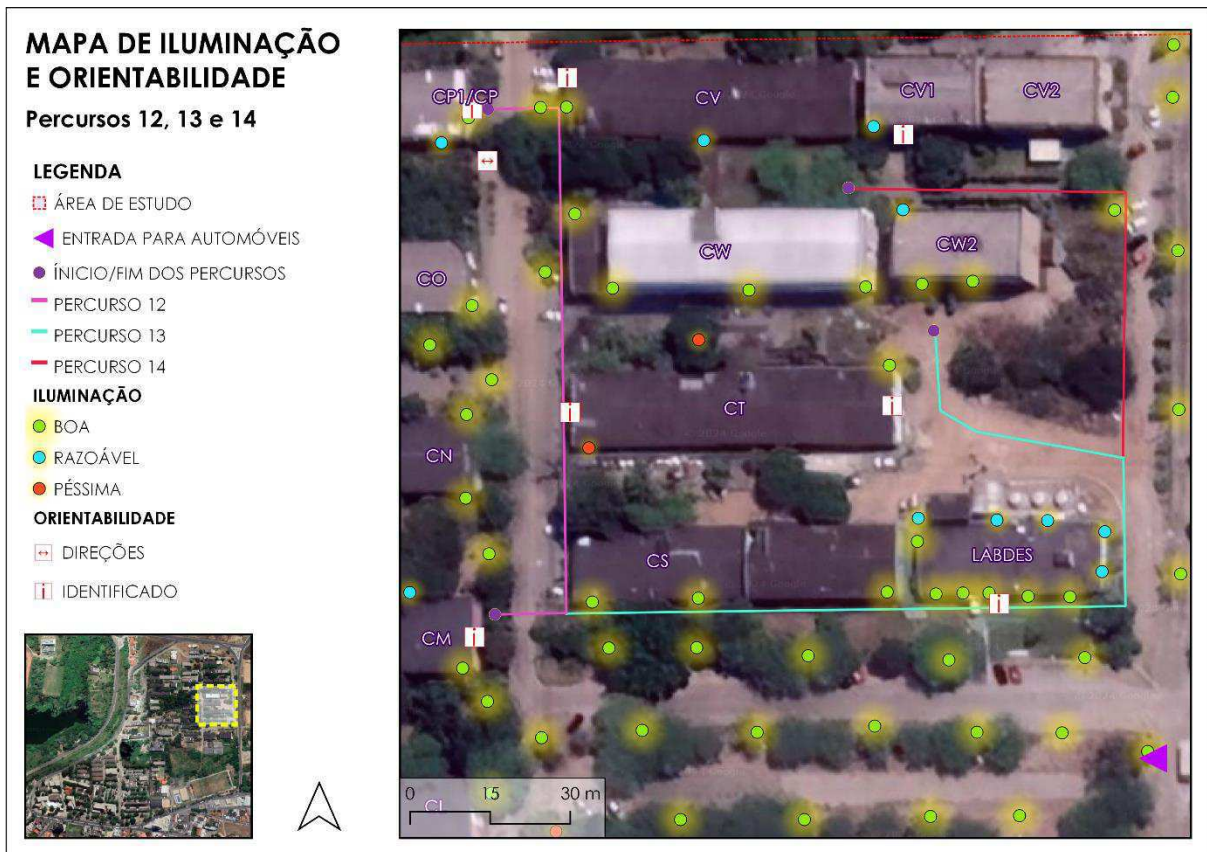
Figura 43 - Mapa de rampas, escadas e corrimãos dos Percursos 12, 13 e 14



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para a iluminação, na figura 44, podemos ver que ainda há uma insuficiência entre os blocos, mas ao redor deles, nas vias e estacionamento, é possível notar a maior qualidade e abrangência dos pontos de luz. Em relação à orientabilidade, alguns blocos como: LABDES, CT, CV E CV1 tem algum tipo de identificação, enquanto os demais não têm.

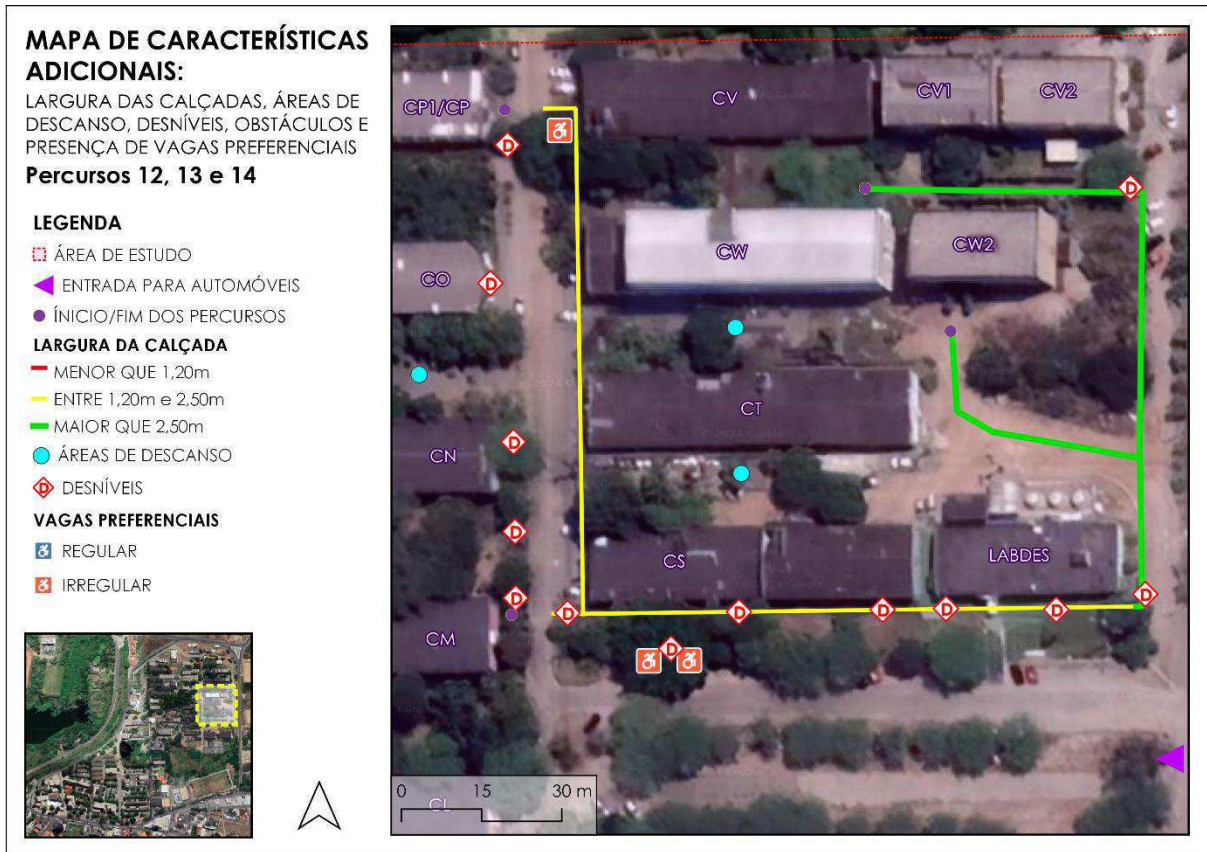
Figura 44 - Mapa de iluminação e orientabilidade dos Percursos 12, 13 e 14



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Por fim, na figura 45, vemos que a largura das calçadas é maior que 1,20m, porém um dos trechos está em solo natural e à leste do mapa, onde se transita pela via para automóveis, por não haver calçadas nesses trechos. Além disso, vemos 3 áreas de descanso e a distância entre as mais próximas é de aproximadamente 30 metros, enquanto a mais distante está à 60m. Existem alguns desníveis, pontuados como nos percursos 9, 10 e 11, alguns sendo por falta de acesso nas calçadas e outros por haver um desnível sem proteção, como na figura 39. Por fim, temos as vagas pontuadas como preferenciais, que já foram citadas nos percursos anteriores (Figura 40).

Figura 45 - Mapa de características adicionais dos Percursos 12, 13 e 14



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

4 DIAGNÓSTICOS E RECOMENDAÇÕES

Neste capítulo, o conjunto de resultados obtidos, por meio do questionário aplicado, juntamente com o mapeamento realizado por meio da observação, foram sintetizados nos Quadro-síntese de Diagnósticos e Recomendações (QDRs) (Quadros 6, 7, 8, 9 e 10), identificando os potenciais problemas encontrados nas opiniões dos usuários e no mapeamento, com o intuito de facilitar o entendimento sobre o grau de importância do problema analisado, como também, recomendações para solucionar os mesmos.

Para tanto, cada quadro apresentado foi dividido pelos percursos analisados presentes na área de estudo, descrevendo as questões abordadas em cada mapeamento realizado: pisos, rampas, escadas e corrimãos, iluminação, orientabilidade, áreas de descanso, largura das calçadas, desníveis, obstáculos e a presença de vagas preferenciais. O grau de importância dos problemas foi representado por “baixo”, na cor verde, “médio”, na cor amarela e “alto”, na cor vermelha, com a pretensão de facilitar a compreensão do nível dos problemas e sua necessidade de solução.

Após isso, as informações destes quadros-sínteses foram representadas em Mapas de Diagnósticos e Recomendações (MDRs) (Figuras 46, 47, 48 49 e 50), para melhor visualização da localização dos problemas abordados, em conjunto com os pontos positivos daquela área e as recomendações pensadas para a melhoria do espaço.

4.1 QDR e MDR: Percurso 1

A seguir, o quadro 6 sintetiza os diagnósticos obtidos por meio do questionário e do mapeamento realizados, como também as recomendações sugeridas para os problemas encontrados no percurso 1, além do grau de importância para o aprimoramento das problemáticas.

Quadro 6 - QDR do Percurso 1

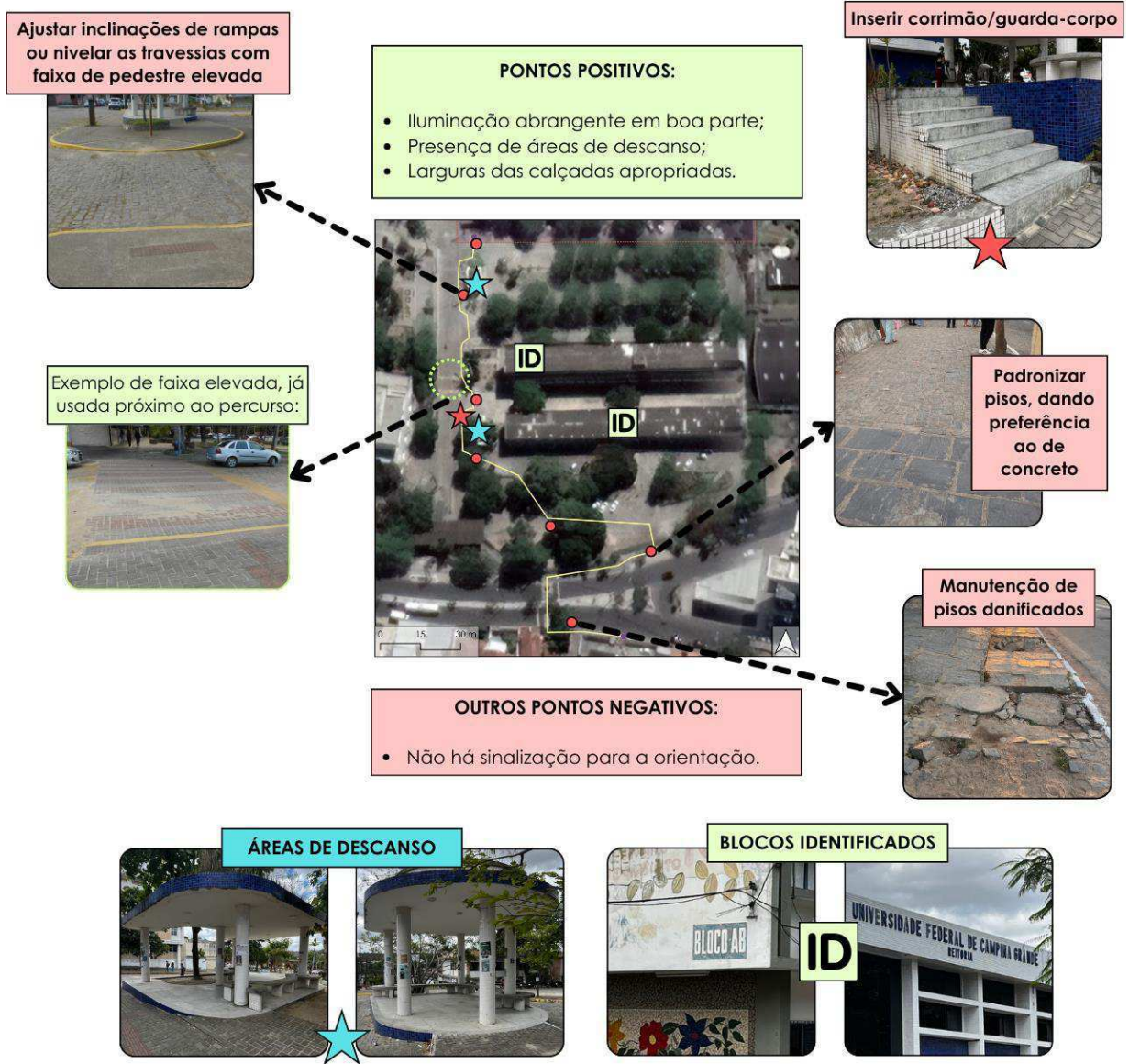
SETOR	PERCURSO	QUESTÃO	INSTRUMENTOS UTILIZADOS		RECOMENDAÇÕES	
			QUESTIONÁRIO	MÉTODO OBSERVACIONAL	GRAU DE IMPORTÂNCIA	PROPOSTA DE APRIMORAMENTO
A	1	PISOS	<ul style="list-style-type: none"> - Setor A considerado o mais acessível (40,3%); - Pisos com relevo e sem manutenção; - Pisos sem continuidade; - Falta de piso tátil. 	Alguns pisos descontinuados e com superfície irregular. Piso danificado, gerando insegurança na locomoção dos pedestres.	Alto	<ul style="list-style-type: none"> - Padronização dos pisos das calçadas, dando preferência às placas de concreto e a implementação de piso tátil para complementar o existente; - Continuidade de percursos por meio de novas calçadas e faixas elevadas; - Manutenção de piso danificado (por ser fora da instituição, procurar resolver com a prefeitura da cidade).
		RAMPAS, ESCADAS E CORRIMÃOS	<ul style="list-style-type: none"> - Rampas muito inclinadas ou ausência delas; - Falta de corrimão; - Escadas com degraus muito altos e sem manutenção; - Melhorar acesso aos blocos, muitos apenas com escadas; - Rotas sem conexão com rampas ou escadas acessíveis. 	Algumas rampas com inclinação irregular; Escada irregular e sem corrimão/guarda-corpo.		Alto
		ILUMINAÇÃO	X	Iluminação atualizada.	Baixo	- Ajuste de pontos de luz sem funcionamento.

		<ul style="list-style-type: none"> - Falta de informação; - Falta de sinalização por meio de placas ou efeitos sonoros. 	Não há meios claros de orientação.	Alto	- Implementação de placas direcionais e de identificação dos blocos de forma clara e objetiva, além de placas/mapas com orientação tátil.
		<ul style="list-style-type: none"> - Muitos espaços de permanência não apresentam acessibilidade; - Incluir o acesso nos espaços de interação e convívio. 	Presença relevante de áreas de descanso.	Baixo	- Buscar uma melhoria na infraestrutura e acesso à algumas destas áreas.
		X	Largura das calçadas apropriadas.	Baixo	X
		- Há barreiras para pedestres.	Presença de um desnível em uma das rampas de acesso.	Médio	<ul style="list-style-type: none"> - Ajustar desnível; - Implementação de faixas de pedestres elevadas, para suprir o desnível.
		X	Não há vagas preferenciais próximo ao percurso.	Médio	- Buscar a implementação de vagas preferenciais no estacionamento próximo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para a complementação do quadro 6, a figura 46 traz as informações que foram sintetizadas, em forma de mapa esquemático (MDR), para que seja possível visualizar todos os problemas pontuados e quais as recomendações sugeridas para o percurso 1.

Figura 46 - MDR do Percurso 1



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

4.2 QDR e MDR: Percursos 2, 3, 4 e 5

A seguir, o quadro 7 sintetiza os diagnósticos obtidos por meio do questionário e do mapeamento realizados, como também as recomendações sugeridas para os problemas encontrados nos percursos 2, 3, 4 e 5, além do grau de importância para o aprimoramento das problemáticas.

Quadro 7 – QDR dos Percursos 2, 3, 4 e 5

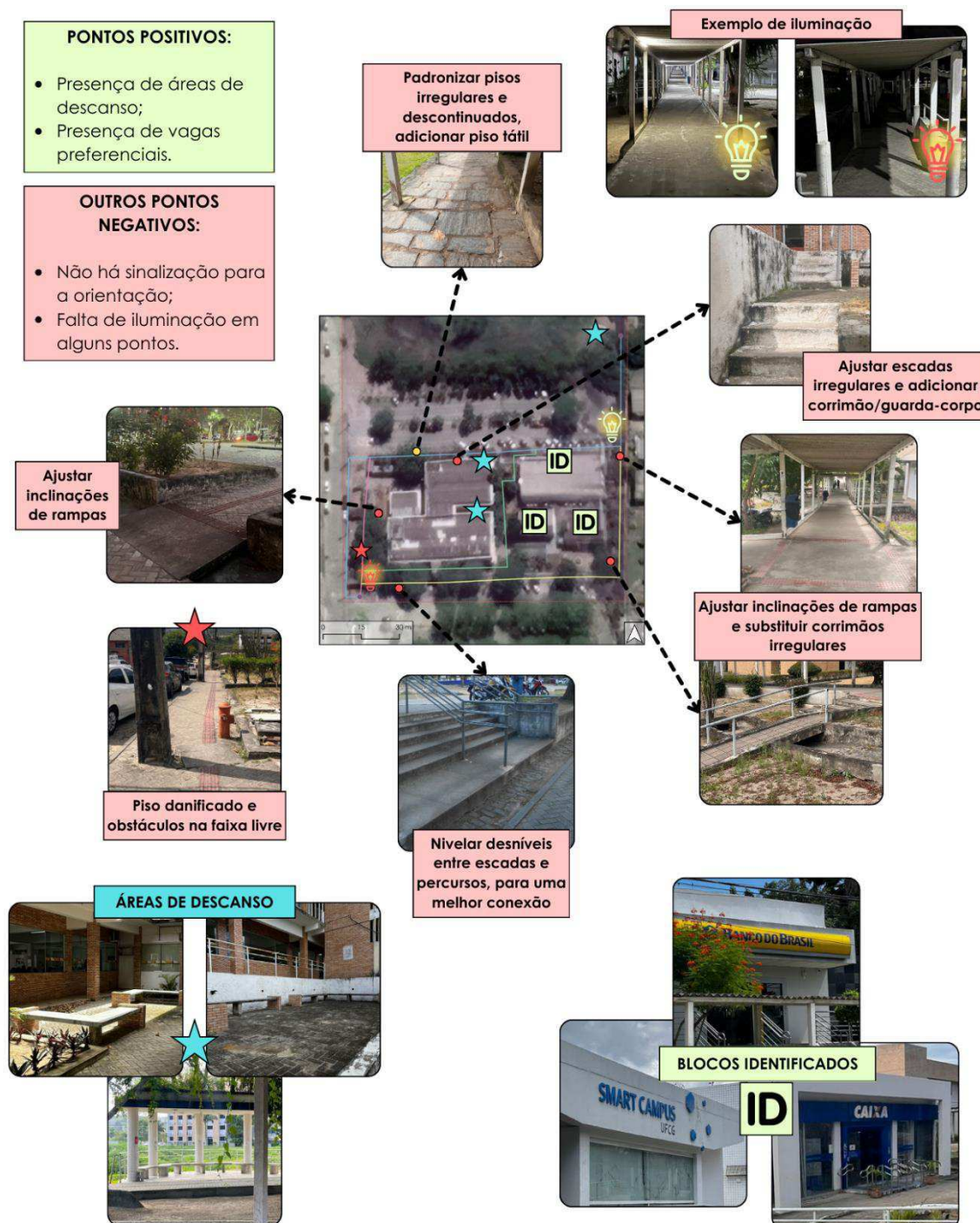
SETOR	PERCURSO	QUESTÃO	INSTRUMENTOS UTILIZADOS		RECOMENDAÇÕES	
			QUESTIONÁRIO	MÉTODO OBSERVACIONAL	GRAU DE IMPORTÂNCIA	PROPOSTA DE APRIMORAMENTO
A	2 3 4 5	PISOS	- Pisos com relevo e sem manutenção; - Pisos sem continuidade; - Falta de piso tátil.	Alguns pisos descontinuados e com superfície irregular. Piso danificado, gerando insegurança na locomoção dos pedestres.	Médio	- Padronização dos pisos das calçadas, dando preferência à placa de concreto e a implementação de piso tátil para complementar o existente; - Manutenção de piso danificado.
		RAMPAS, ESCADAS E CORRIMÃOS	- Rampas muito inclinadas ou ausência delas; - Falta de corrimão; - Escadas com degraus muito altos e sem manutenção; - Melhorar acesso aos blocos, muitos apenas com escadas; - Rotas sem conexão com rampas ou escadas acessíveis.	Algumas das rampas e escadas próximas estão irregulares e sem corrimão/guarda-corpo	Alto	- Ajustar inclinações de rampas irregulares; adicionar corrimão/guarda-corpo ou fazer ajustes nos irregulares.
	ILUMINAÇÃO	- Falta de iluminação ou com qualidade baixa;	Boa parte dos percursos bem iluminado, mas	Médio	- Ajustes em pontos de luz sem funcionamento;	

			com algumas lacunas.		- Implementação de novos pontos de luz em áreas que não estão bem iluminadas.
	ORIENTABILIDADE	- Falta de informação; - Falta de sinalização por meio de placas ou efeitos sonoros.	Não há meios claros de orientação. Apenas blocos de entidades externas e administrativo bem identificados.	Alto	- Implementação de placas direcionais e de identificação dos blocos de forma clara e objetiva, além de placas/mapas com orientação tátil.
	ÁREAS DE DESCANSO	- Muitos espaços de permanência não apresentam acessibilidade; - Incluir o acesso nos espaços de interação e convívio.	Presença relevante de áreas de descanso.	Baixo	- Buscar a melhoria na infraestrutura e acesso à algumas destas áreas.
	LARGURA DAS CALÇADAS	- Caminhos estreitos.	Maioria das calçadas com largura apropriadas, mas alguns trechos sem muito espaço.	Médio	- Buscar aumentar a largura destes trechos, para melhor fluxo.
	DESNÍVEIS E OBSTÁCULOS	- Há barreiras para pedestres.	Há a presença de desníveis na conexão das escadas com o caminho, além de obstáculos (poste e hidrante) na faixa livre da calçada.	Alto	- Ajustar desnível, para que o acesso ao percurso seja direto e sem dificuldades; - Retirada dos obstáculos ou readaptação da faixa livre da calçada.
	VAGAS PREFERENCIAIS	X	Há duas áreas de vagas preferenciais (uma regular e outra irregular) próximas aos percursos 2 e 5.	Médio	- Buscar aplicar melhorias para o acesso na vaga irregular, conectando de uma melhor maneira com o percurso.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para a complementação do quadro 7, a figura 47 traz as informações que foram sintetizadas, em forma de mapa esquemático (MDR), para que seja possível visualizar todos os problemas pontuados e quais as recomendações sugeridas para os percursos 2, 3, 4 e 5.

Figura 47 - MDR dos Percursos 2, 3, 4 e 5



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

4.3 QDR e MDR: Percursos 6, 7 e 8

A seguir, o quadro 8 sintetiza os diagnósticos obtidos por meio do questionário e do mapeamento realizados, como também as recomendações sugeridas para os problemas encontrados nos percursos 6, 7 e 8, além do grau de importância para o aprimoramento das problemáticas.

Quadro 8 - QDR dos Percursos 6, 7 e 8

SETOR	PERCURSO	QUESTÃO	INSTRUMENTOS UTILIZADOS		RECOMENDAÇÕES	
			QUESTIONÁRIO	MÉTODO OBSERVACIONAL	GRAU DE IMPORTÂNCIA	PROPOSTA DE APRIMORAMENTO
A C	6 7 8	PISOS	- Pisos com relevo e sem manutenção; - Pisos sem continuidade; - Falta de piso tátil.	Uso constante de piso de concreto e intertravado. Nos percursos não há pisos danificados. Sem presença de piso tátil.	Médio	- Implementação contínua de piso tátil.
		RAMPAS, ESCADAS E CORRIMÃOS	- Rampas muito inclinadas ou ausência delas; - Falta de corrimão; - Escadas com degraus muito altos e sem manutenção; - Melhorar acesso aos blocos, muitos apenas com escadas; - Rotas sem conexão com rampas ou escadas acessíveis.	Boa parte das rampas e escadas estão irregulares. Algumas sem corrimão/guarda-corpo e quando tem, está irregular quanto à altura.	Alto	- Ajustar inclinações de rampas irregulares; - Adicionar corrimão/guarda-corpo ou fazer ajustes nos irregulares; - Conectar escadas e rampas aos percursos.
		ILUMINAÇÃO	- Falta de iluminação ou com qualidade baixa;	Boa parte dos percursos bem iluminado, mas com algumas lacunas.	Médio	- Ajustes em pontos de luz sem funcionamento; - Implementação de novos pontos de luz

				em áreas que não estão bem iluminadas.
ORIENTABILIDADE	- Falta de informação; - Falta de sinalização por meio de placas ou efeitos sonoros.	Não há meios claros de orientação. Apenas dois blocos com identificação clara e objetiva.	Alto	- Implementação de placas direcionais e de identificação dos blocos de forma clara e objetiva, além de placas/mapas com orientação tátil.
ÁREAS DE DESCANSO	- Muitos espaços de permanência não apresentam acessibilidade; - Incluir o acesso nos espaços de interação e convívio.	Presença relevante de áreas de descanso.	Baixo	- Buscar a melhoria na infraestrutura e acesso à algumas destas áreas.
LARGURA DAS CALÇADAS	- Caminhos estreitos.	Percurso com largura apropriadas.	Baixo	X
DESNÍVEIS E OBSTÁCULOS	- Há barreiras para pedestres.	Há a presença de desníveis no acesso a calçadas, além de obstáculos (motos/bicicletas) em momentos variados.	Médio	- Ajustar desníveis, para que o acesso ao percurso seja direto e sem dificuldades; - Implementar vagas para motos e bicicletário nesta área.
VAGAS PREFERENCIAIS	X	- Não há a presença de estacionamento nesta área.	Baixo	X

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para a complementação do quadro 8, a figura 48 traz as informações que foram sintetizadas, em forma de mapa esquemático (MDR), para que seja possível visualizar todos os problemas pontuados e quais as recomendações sugeridas para os percursos 6, 7 e 8.

Figura 48 - MDR dos Percursos 6, 7 e 8



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

4.4 QDR e MDR: Percursos 9, 10 e 11

A seguir, o quadro 9 sintetiza os diagnósticos obtidos por meio do questionário e do mapeamento realizados, como também as recomendações sugeridas para os problemas encontrados nos percursos 9, 10 e 11, além do grau de importância para o aprimoramento das problemáticas.

Quadro 9 - QDR dos Percursos 9, 10 e 11

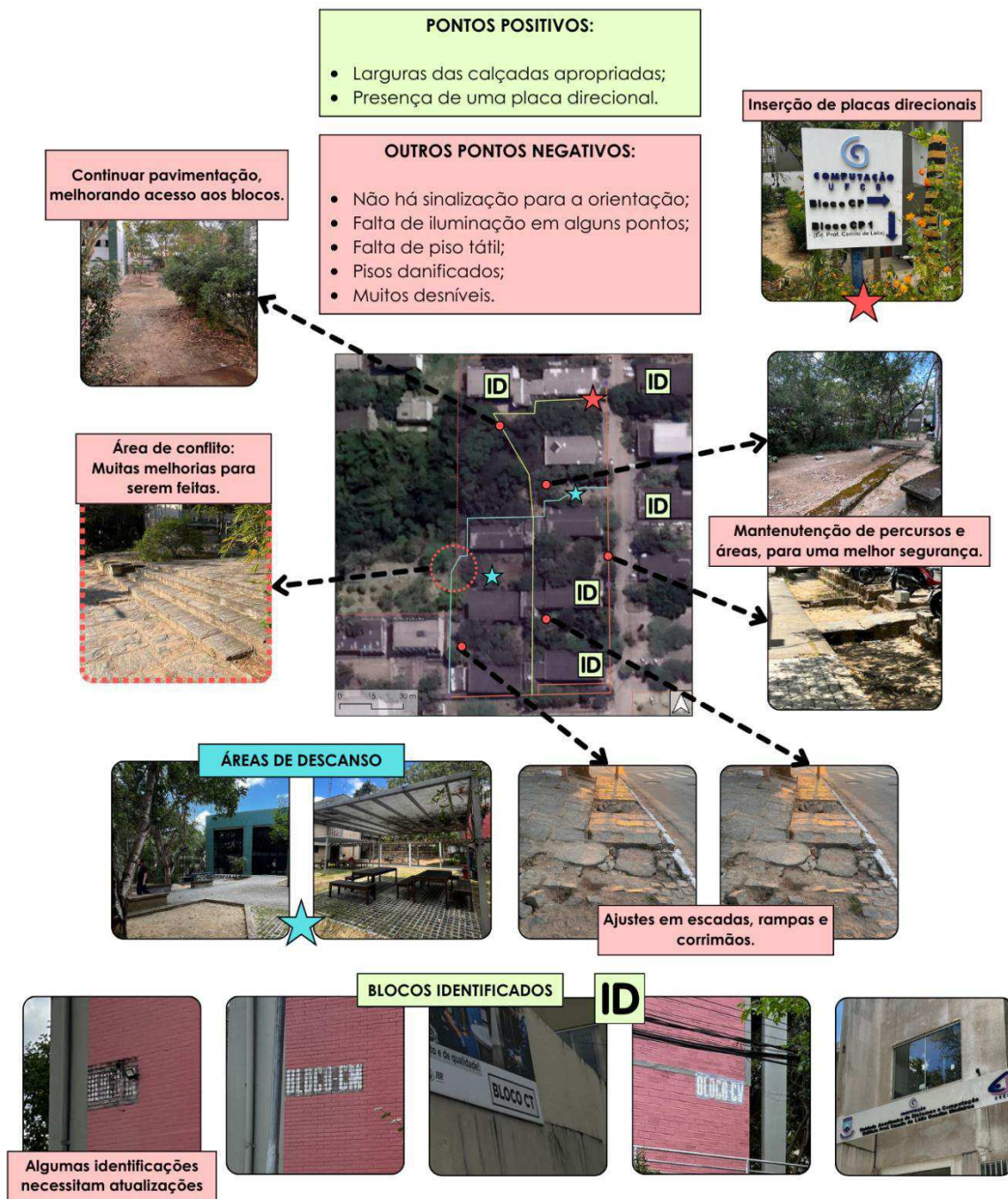
SETOR	PERCURSO	QUESTÃO	INSTRUMENTOS UTILIZADOS		RECOMENDAÇÕES	
			QUESTIONÁRIO	MÉTODO OBSERVACIONAL	GRAU DE IMPORTÂNCIA	PROPOSTA DE APRIMORAMENTO
C	9 10 11	PISOS	- Pisos com relevo e sem manutenção; - Pisos sem continuidade; - Falta de piso tátil.	Alguns pisos descontinuados e com superfície irregular, além de caminhos de interesse sem estrutura (apenas em solo natural). Pisos danificados e sem manutenção. Não há piso tátil.	Alto	- Padronização dos pisos das calçadas externas, dando preferência à placa de concreto; - Continuação da pavimentação; - Manutenção dos pisos danificados; - Implementação contínua de piso tátil.
		RAMPAS, ESCADAS E CORRIMÃOS	- Rampas muito inclinadas ou ausência delas; - Falta de corrimão; - Melhorar acesso aos blocos, muitos apenas com escadas; - Rotas sem conexão com rampas ou escadas acessíveis.	Todas as escadas estão irregulares. Algumas rampas irregulares. Falta de corrimão/guarda-corpo e quando tem, está irregular quanto à altura.	Alto	- Ajustar inclinações de rampas irregulares; - Adicionar corrimão/guarda-corpo ou fazer ajustes nos irregulares; - Ajustar dimensionamento das escadas.
		ILUMINAÇÃO	- Falta de iluminação ou com qualidade baixa;	Percursos bem iluminados nos arredores dos blocos, porém algumas lacunas de iluminação entre blocos.	Médio	- Ajustes em pontos de luz sem funcionamento; - Implementação de novos pontos de luz em áreas que não estão bem iluminadas.
		ORIENTABILIDADE	- Falta de informação; - Falta de sinalização por meio de placas ou efeitos sonoros.	Não há meios claros de orientação. Apenas quatro blocos com identificação clara e objetiva, porém alguns	Alto	- Implementação de placas direcionais e de identificação dos blocos de forma clara e objetiva, além de placas/mapas com orientação tátil;

		necessitando de melhorias.		- Manutenção das identificações que necessitam.
ÁREAS DE DESCANSO	- Muitos espaços de permanência não apresentam acessibilidade; - Incluir o acesso nos espaços de interação e convívio.	Diminuição na presença de áreas de descanso e convivência. Falta de acessibilidade em uma das áreas.	Médio	- Buscar a melhoria na infraestrutura e acesso à algumas destas áreas; - Implementar outras áreas de descanso em espaços ociosos e com potencial.
LARGURA DAS CALÇADAS	- Caminhos estreitos.	Percursos com largura apropriadas.	Baixo	- Implementar continuação das calçadas nos percursos sem pavimentação.
DESNÍVEIS E OBSTÁCULOS	- Há barreiras para pedestres.	Muita presença de desníveis nos acessos a calçadas e nos arredores dos percursos, causando insegurança. Dois obstáculos pontuados (pilares do bloco).	Médio	- Ajustar desníveis, para que o acesso ao percurso seja direto e sem dificuldades, além de manter os caminhos seguros; - Os obstáculos pontuados não são grande problema por haver outro percurso próximo.
VAGAS PREFERENCIAIS	X	- 3 vagas preferenciais irregulares, sem estrutura e acesso.	Alto	- Buscar aplicar melhorias na vaga irregular, conectando melhor com os percursos e blocos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para a complementação do quadro 9, a figura 49 traz as informações que foram sintetizadas, em forma de mapa esquemático (MDR), para que seja possível visualizar todos os problemas pontuados e quais as recomendações sugeridas para os percursos 9, 10 e 11.

Figura 49 - MDR dos Percursos 9, 10 e 11



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

4.5 QDR e MDR: Percursos 12, 13 e 14

A seguir, o quadro 10 sintetiza os diagnósticos obtidos por meio do questionário e do mapeamento realizados, como também as recomendações sugeridas para os problemas encontrados nos percursos 12,

13 e 14, além do grau de importância para o aprimoramento das problemáticas.

Quadro 10 - QDR dos Percursos 12, 13 e 14

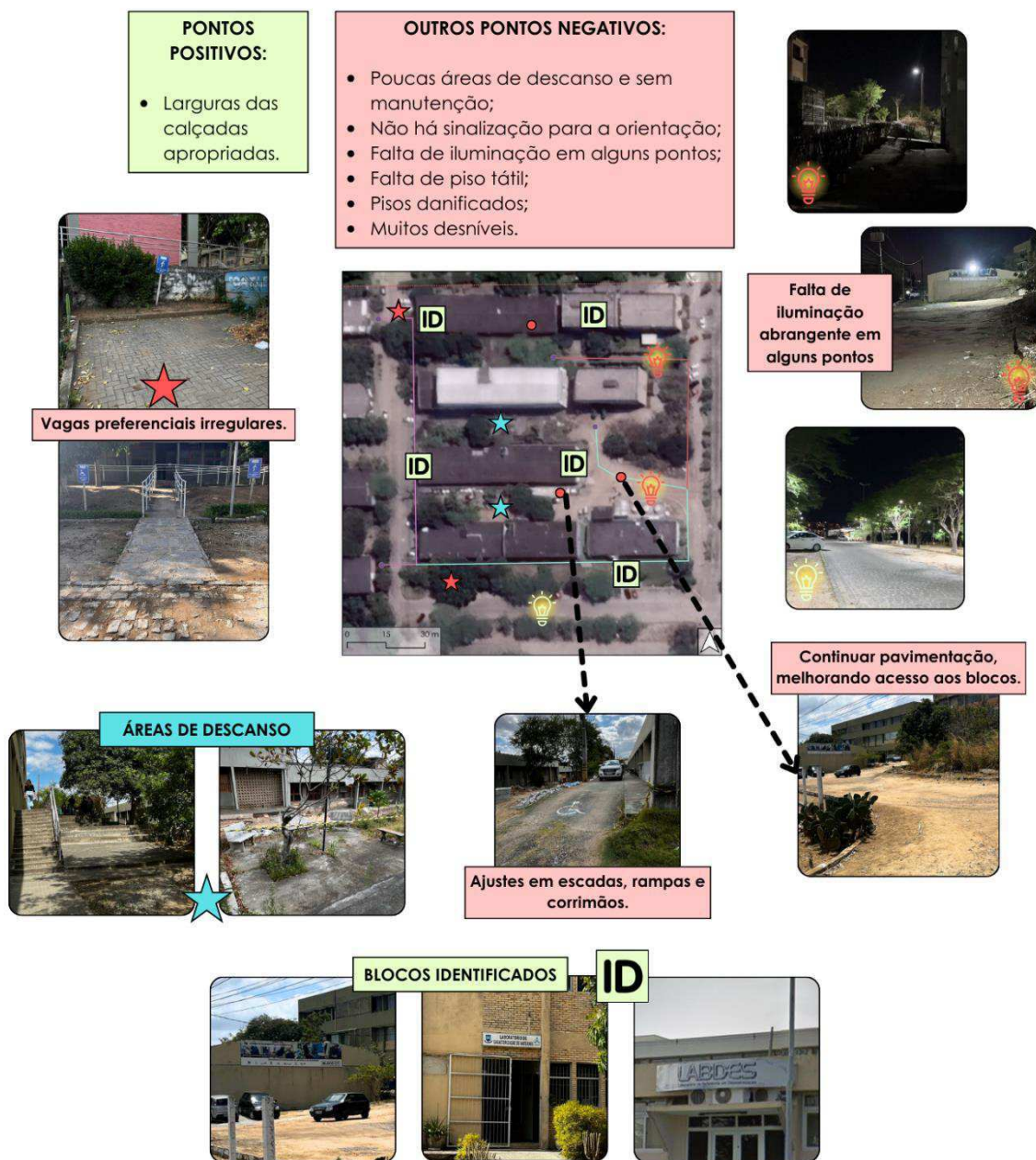
SETOR	PERCURSO	QUESTÃO	INSTRUMENTOS UTILIZADOS		RECOMENDAÇÕES	
			QUESTIONÁRIO	MÉTODO OBSERVACIONAL	GRAU DE IMPORTÂNCIA	PROPOSTA DE APRIMORAMENTO
C	12 13 14	PISOS	<ul style="list-style-type: none"> - Pisos com relevo e sem manutenção; - Pisos sem continuidade; - Falta de piso tátil. 	<p>Alguns pisos descontinuados e com superfície irregular, além de caminhos de interesse sem estrutura (apenas em solo natural). Pisos danificados e sem manutenção. Não há piso tátil.</p>	Alto	<ul style="list-style-type: none"> - Padronização dos pisos das calçadas externas, dando preferência à placa de concreto; - Continuação da pavimentação; - Manutenção dos pisos danificados; - Implementação contínua de piso tátil.
		RAMPAS, ESCADAS E CORRIMÃOS	<ul style="list-style-type: none"> - Rampas muito inclinadas ou ausência delas; - Falta de corrimão; - Escadas com degraus muito altos e sem manutenção; - Melhorar acesso aos blocos, muitos apenas com escadas; - Rotas sem conexão com rampas ou escadas acessíveis. 	<p>Todas as escadas estão irregulares. Muitas rampas irregulares. Falta de corrimão/guarda-corpo e quando tem, está irregular quanto à altura.</p>	Alto	<ul style="list-style-type: none"> - Ajustar inclinações de rampas irregulares; - Adicionar corrimão/guarda-corpo ou fazer ajustes nos irregulares; - Ajustar dimensionamento das escadas.
		ILUMINAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de iluminação ou com qualidade baixa; 	<p>Percursos bem iluminados nos arredores dos blocos, porém algumas lacunas de iluminação entre blocos.</p>	Médio	<ul style="list-style-type: none"> - Ajustes em pontos de luz sem funcionamento; - Implementação de novos pontos de luz em áreas que não estão bem iluminadas.

		<ul style="list-style-type: none"> - Falta de informação; - Falta de sinalização por meio de placas ou efeitos sonoros. 	Não há meios claros de orientação, mas há a presença de uma placa direcional. Apenas três blocos com identificação clara e objetiva, porém alguns necessitando de melhorias.	Alto	<ul style="list-style-type: none"> - Implementação de mais placas direcionais e de identificação dos blocos de forma clara e objetiva, além de placas/mapas com orientação tátil; - Manutenção das identificações que necessitam.
		<ul style="list-style-type: none"> - Muitos espaços de permanência não apresentam acessibilidade; - Incluir o acesso nos espaços de interação e convívio. 	Diminuição na presença de áreas de descanso e convivência. Falta de estrutura e manutenção em uma das áreas e necessidade de melhorias nos seus acessos.	Alto	<ul style="list-style-type: none"> - Buscar a melhoria na infraestrutura e acesso à algumas destas áreas; - Implementar outras áreas de descanso em espaços ociosos e com potencial.
		<ul style="list-style-type: none"> - Caminhos estreitos. 	Percursos com largura apropriadas.	Baixo	<ul style="list-style-type: none"> - Implementar continuação das calçadas nos percursos sem pavimentação.
		<ul style="list-style-type: none"> - Há barreiras para pedestres. 	Muita presença de desníveis nos acessos a calçadas e nos arredores dos percursos, causando insegurança. Sem obstáculos encontrados.	Médio	<ul style="list-style-type: none"> - Ajustar desníveis, para que o acesso ao percurso seja direto e sem dificuldades, além de manter os caminhos seguros.
		X	- 3 vagas preferenciais irregulares, sem estrutura e acesso. (Analisadas anteriormente)	Alto	<ul style="list-style-type: none"> - Buscar aplicar melhorias na vaga irregular, conectando melhor com os percursos e blocos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Para a complementação do quadro 10, a figura 50 traz as informações que foram sintetizadas, em forma de mapa esquemático (MDR), para que seja possível visualizar todos os problemas pontuados e quais as recomendações sugeridas para os percursos 12, 13 e 14.

Figura 50 - MDR dos Percursos 12, 13 e 14



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram analisadas as condições de acessibilidade no *Campus Sede da UFCG*, que mesmo com mais de 60 anos de história e várias mudanças durante os anos, nos revela que ainda existem lacunas nos seus ambientes. Em vários aspectos, os diagnósticos nos mostraram que, apesar das diretrizes estabelecidas pela Lei n.º 10.098/2000, ainda existem barreiras significativas que limitam o acesso de Pessoas com Deficiência (PcD) e com Mobilidade Reduzida (PMR), dessa forma, acaba não sendo inclusivo o suficiente para garantir o direito à educação.

Diante os diagnósticos analisados, foi possível notar a necessidade de readaptação de alguns espaços e da melhoria na infraestrutura, com foco principal no Setor C, onde há uma grande lacuna na acessibilidade, considerando todos os aspectos apresentados. As recomendações apresentadas visam não apenas essa melhoria dos problemas existentes, mas também a sensibilização da comunidade acadêmica para a importância do Desenho Universal e da execução correta dos projetos elaborados seguindo as normas atualizadas. Contudo, é importante reconhecer que este estudo tem limitações, por não ter como abranger mais áreas, além de não analisar de forma completa todas as normativas de forma mais minuciosa.

Sugere-se que futuras pesquisas explorem a área restante do Setor C ou outros setores do *campus*, podendo complementar com outros aspectos e abordando de forma mais detalhada, enriquecendo a discussão sobre acessibilidade dentro das Instituições de Ensino Superior. É fundamental que a busca por ambientes mais acessíveis e inclusivos continue, para garantir a todos o direito de aprender e participar plenamente da vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.* Rio de Janeiro: ABNT, 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 16537:2024 - Acessibilidade — Piso tátil — Requisitos e métodos de ensaio.* Rio de Janeiro: ABNT, 2024.

BERTAGLIA, Rosi. *Acessibilidade: exemplos práticos e a importância da inclusão.* HAND TALK. Disponível em: <<https://www.handtalk.me/br/blog/acessibilidade-exemplos>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

BRASIL. *Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Dispõe sobre a acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida e dá outras providências.* Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Seção 1, p. 33805.

BRASIL. *Portaria n.º 3.284, de 10 de dezembro de 2003. Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições.* Diário Oficial da União, Brasília, 11 dez. 2003.

BRASIL. *Decreto n.º 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis n.º 10.048/2000 e n.º 10.098/2000, e dá outras providências.* Diário Oficial da União, Brasília, 3 dez. 2004.

BRASIL. *Decreto n.º 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.* Diário Oficial da União, Brasília, 26 ago. 2009.

BRASIL. *Decreto n.º 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.* Diário Oficial da União, Brasília, 18 nov. 2011.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência).* Câmara dos Deputados. – Brasília, DF, 2015.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.* Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

BRITO, Joscélia Monteiro Santos de. LAUER-LEITE, Iani Dias. NOVAIS, Jáilson Santos de. *Discurso do sujeito coletivo na prática.* Porto Seguro: UFSB, 2021.

CAMBIAGHI, Silvana. *Desenho Universal.* 3. ed. rev. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi; ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe. *APO, desempenho e suas relações com normas e certificações.* In: **ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (Orgs.).** *Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática.* São Paulo: Oficina de Textos, 2018. p. 49-64.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MONTENEGRO, Rosilene Dias (Org.); SILVA, Fábio Ronaldo da (Org.); GUEDES, Raquel da Silva (Org.); RIBEIRO, Rafael Porto (Org.). *Escola Politécnica: memória do ensino superior em Campina Grande.* Campina Grande: EDUFCEG, 2018.

ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (Orgs.). *Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática.* São Paulo: Oficina de Textos, 2018.

ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe. *Método quantitativo para a aferição da percepção dos usuários - questionário.* In: **ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (Orgs.).** *Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática.* São Paulo: Oficina de Textos, 2018. p. 95-120.

ONO, Rosaria; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi; ORNSTEIN, Sheila Walbe. *Formas de apresentação dos resultados.* In: **ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (Orgs.).** *Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática.* São Paulo: Oficina de Textos, 2018. p. 135-146.

ONO, Rosaria; VILLA, Simone Barbosa; ABATE, Tania Pietzscheke; BARBOSA, Ana Beatriz Pestana; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi; ORNSTEIN, Sheila Walbe. *Métodos qualitativos para a aferição da percepção dos usuários.* In: **ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (Orgs.).** *Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática.* São Paulo: Oficina de Textos, 2018. p. 121-134.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos.* Paris: Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Convenção sobre os Direitos da Criança.* Nova York, 1989.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.* Nova York, 2006.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. *Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas com Deficiência.* Washington, D.C., 1999.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *XXIII Conferência Sanitária Panamericana.* Washington, D.C., 1990.

ORNSTEIN, Sheila Walbe; ONO, Rosaria; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi. *Avaliação pós-ocupação (APO) aplicada à realimentação do processo de projeto.* In: **ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (Orgs.).** *Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática.* São Paulo: Oficina de Textos, 2018. p. 19-48.

RIBEIRO, Rafael Porto. *Quem (e o quê) é a elite de Campina Grande?* In: **MONTENEGRO, Rosilene Dias et al. (Orgs.).** *Escola Politécnica: memória do ensino superior em Campina Grande.* Campina Grande: EDUFCEG, 2018. p. 47-73.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação.* Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SOUSA, Nilberto Gomes de; MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de. *Acessibilidade na UFRN: guia de orientações básicas.* Natal, RN. EDUFRN, 2012.

UNICEF. *Conferência Mundial de Educação para Todos.* Jomtien, 199

UNESCO. *Declaração de Cuenca.* Cuenca, 1981.

UNESCO. *Declaração de Sundberg.* Sundberg, 1981.

UNESCO. *Declaração de Salamanca sobre Princípios e Práticas de Educação Especial.* Salamanca, 1994.

UNESCO. *48ª Conferência Internacional de Educação.* Genebra, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. Resolução nº 11, de 20 de janeiro de 2016. Cria o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, como Órgão Suplementar vinculado à Reitoria, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 21 jan. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. *Conheça a UFCG.* Portal UFCG, 2024. Disponível em: <<https://portal.ufcg.edu.br/conheca-a-ufcg.html>>. Acesso em: 19 ago. 2024.

VILLA, Simone Barbosa; ONO, Rosaria; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi ORNSTEIN, Sheila Walbe. *Procedimentos metodológicos.* In: **ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila Walbe; VILLA, Simone Barbosa; FRANÇA, Ana Judite Galbiatti Limongi (Orgs.).** *Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design: da teoria à prática.* São Paulo: Oficina de Textos, 2018. p. 81-94.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário aplicado

Acessibilidade no Campus Sede da UFCG - análise de percursos do Setor C

Questionário anônimo elaborado para obter dados complementares ao Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Ingrid Araujo (discente do curso de Arquitetura e Urbanismo), com o intuito de analisar as **percepções dos usuários (alunos, professores, técnicos-administrativos e etc.)** que usufruem dos percursos internos do Campus Sede da Universidade Federal de Campina Grande, com enfoque **em parte** da área do **Setor C**.

O objetivo é compreender como os usuários, **sendo ou não** pessoas com deficiência, se sentem em relação à possíveis dificuldades de acesso dentro da UFCG, mas principalmente, na área dos blocos selecionados para estudo.

* Indica uma pergunta obrigatória

ÁREA DE ESTUDO



Para sua melhor compreensão, a imagem representa a área selecionada para esse presente trabalho, que **abrange os seguintes blocos:**

Blocos do Setor A:

AC - Restaurante Universitário

AD - Biblioteca Central

AF - Smart Campus

AF1 - Caixa Econômica

AI - Banco do Brasil

Blocos do Setor C:

CA e CA1

CAA - Central de Aulas

CD e CD1

CK

CL

CM

CN

CO

CP e CP1

CV, CV1 e CV2

CW e CW2

CT

CS e LABDES

Esse questionário tem como foco os percursos até parte do Setor C e as dificuldades que os usuários percebem nos mesmos, portando sua resposta vai ser de muita importância **caso faça uso de algum desses blocos ou transite por parte da área selecionada ou em toda ela.**

Parte 1 | Dados gerais

1. **01.** Qual das seguintes opções representa sua faixa etária? *

Marcar apenas uma oval.

18 anos ou menos

Entre 18 e 24 anos

Entre 25 e 30 anos

Entre 31 e 40 anos

Entre 41 e 50 anos

Entre 51 e 60 anos

61 anos ou mais

2. **02.** Qual é sua identidade de gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Mulher cis
- Homem cis
- Mulher trans
- Homem trans
- Não binário
- Prefiro não dizer
- Outro: _____

3. **03.** Faço parte da UFCG como... *

Marcar apenas uma oval.

- Estudante de graduação
- Estudante de pós-graduação
- Docente
- Técnico-administrativo
- Terceirizado
- Outro: _____

4. **04.** Você é de Campina Grande? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, nasci e sempre morei na cidade
- Sim, nasci em Campina Grande, mas morei fora, voltei e agora estudo/trabalho na UFCG
- Não, vim de outro estado/cidade para estudar/trabalhar na UFCG
- Outro: _____

5. **05.** Você **conhece** alguma pessoa com deficiência na UFCG? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

6. **06.** Você é uma pessoa com deficiência? *

Marcar apenas uma oval.

Sim *Pular para a pergunta 7*

Não *Pular para a pergunta 10*

Parte 1.1 | Específicas para pessoas com deficiência

7. **06. a)** Em qual categoria se encaixa? *

Marque todas que se aplicam.

Motora

Auditiva

Visual

Psicossocial

Intelectual

Outro: _____

8. **06. b)** De que maneira a falta de acessibilidade dentro do Campus te afeta? *

Marque todas que se aplicam.

Não consigo estar presente em todas as minhas aulas

Me atraso pela dificuldade de acesso

Não consigo ter minha própria autonomia

Tenho receio de não conseguir terminar o curso

Prefiro não responder

Outro: _____

9. **06. c) Uma questão que vai além da acessibilidade:** com quais pontos você * se identifica em relação à **inclusão**, dentro da UFCG?

Marque todas que se aplicam.

- Tenho auxílio do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão e com isso me sinto mais incluído no meio acadêmico
- O meu curso me auxilia em tudo que eu necessito
- As pessoas ao meu redor são solícitas
- Me sinto excluído
- Tenho dificuldade de interagir
- Prefiro não responder
- Outro: _____

Parte 2 | Percepção geral dentro da UFCG

Uma breve seção para entender inicialmente como você percebe de forma geral os espaços do *Campus SEDE* da UFCG.

10. **07.** Por quais setores você transita? *



Marque todas que se aplicam.

- Setor A
- Setor B
- Setor C
- Setor de esportes

11. **08.** Na sua opinião, qual o setor **mais acessível**? *

Marcar apenas uma oval.

- Setor A
- Setor B
- Setor C
- Setor de Esportes
- Não sei responder

12. **09.** Em relação à **acessibilidade***, o Campus Sede para você: *

Acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida.

Marcar apenas uma oval.

- Está perfeito, não tenho o que reclamar
- Está bom, tem poucas coisas a melhorar
- Não tenho opinião formada sobre
- Está ruim, tem muitas coisas a melhorar
- Está péssimo, tenho muito para reclamar

13. **10.** Se achar necessário complementar a última pergunta com algum ponto, sinta-se a vontade para descrever:

14. 11. Qual o seu nível de concordância com as afirmações abaixo, em relação ao **espaço físico e percursos** do Campus Sede da UFCG? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo	Neutro	Discordo	Discordo totalmente
O campus é acessível e todas as pessoas podem usufruir dos espaços.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É fácil chegar em todas as áreas do Campus Sede.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os percursos tem boa manutenção e são livres de barreiras físicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Há percursos que são descontinuados, dificultando o acesso em alguns blocos e áreas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É fácil se perder dentro do Campus.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Placas para identificar os blocos e caminhos auxiliariam na orientação dentro do Campus.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte 3 | Percursos até o Setor C

Agora vamos compreender como você se sente em relação aos percursos que levam até Setor C em específico.

15. **12.** Eu vou ao Setor C... *

Marcar apenas uma oval.

- Todos os dias
- Quase todos os dias
- Uma vez ou outra

16. **13.** Como você **costuma chegar** ao Setor C? *

Marcar apenas uma oval.

- Caminhando, sempre pelo mesmo caminho
- Caminhando, mas por caminhos diferentes
- De bicicleta, por dentro do Campus
- De bicicleta, por fora do Campus
- De automóvel, por algum dos estacionamentos mais próximos
- Outro: _____

17. **14. Para você,** quais destes problemas estão presentes no Setor C? *

Marque todas que se aplicam.

- Ladeira (topografia acentuada)
- Barreiras físicas (desníveis no piso, objetos no meio do caminho, entre outros...)
- Falta de rampas
- Falta de sinalização visual (placas direcionais/identificador do bloco)
- Falta de sinalização tátil (piso tátil ou mapas táteis)
- Pisos descontinuados e sem manutenção
- Falta de iluminação
- Falta de faixa de pedestres
- Caminhos estreitos
- Estacionamento sem acessibilidade
- Não sei responder
- Outro: _____

18. **15.** O bloco do Setor C em que **você passa mais tempo atualmente...** *

Marque todas que se aplicam.

- É de fácil acesso
- Tem elevador
- Tem acesso com rampas
- Tem banheiro acessível no térreo
- Tem sinalização externa (placas direcionais/identificador do bloco)
- Não tem nenhum dos pontos acima
- Não sei responder

19. **16. Observe as imagens e responda:** nestes espaços da área de estudo, quais são os problemas que você identifica? (é possível selecionar mais de uma opção).

*Pessoas com deficiência visual talvez precisem de auxílio para a descrição.



	1	2	3	4	5	6
Nenhum problema	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bloco sem acessibilidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Piso descontinuado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Piso desnivelado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Barreiras físicas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desníveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei responder	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte final

Agradeço imensamente a você que chegou até aqui, sua colaboração vai ser de grande aproveitamento!

Por uma UFCG mais acessível e inclusiva!

20. **17.** Por fim, caso queira acrescentar algo de forma mais livre, este é o momento:

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Apêndice B – Tabela com a relação de respostas da questão 10 (questionário aplicado)

R07	O calçamento das vias está ruim, muitas pedras saltando que dificultam a locomoção, as obras também causam transtorno no percurso, falta de corrimão em alguns pontos, principalmente no setor c, rampas muito inclinadas, falta de piso tátil, além da acessibilidade de locomoção acredito que é inacessível na questão de autonomia no <i>campus</i> , uma pessoa que vem de fora não conseguir obter informações ou se situar com facilidade, totens com o mapa do <i>campus</i> ajudaria nessa questão.
R12	Acessibilidade e sinalização.
R15	Teria que organizar muita coisa para acessibilidade, vejo que tem muitas pessoas que não finalizam o curso, justamente por falta disso.
R19	Pisos com muito relevo; sinalização tátil confusa e desatualizada; ausência de rampas em diversas partes; os percursos acessíveis são mais longos gerando uma separação ao invés de inclusão; escadas com degraus muito altos e degradados em algumas partes.
R23	Considerarei péssimo um espaço onde não há nenhum elemento de acessibilidade. Na UFCG eles existem, mas são insuficientes.
R25	Acredito que para falar de acessibilidade o mínimo que deveria ser feito com que o aluno chegue ao prédio que ele tem aula, e isso não acontece, pois o <i>campus</i> tem calçadas muito precárias e sem sinalização. Após o aluno enfrentar a chegada ao seu prédio que é onde ele terá aula, por vezes terá que enfrentar degraus já que a maioria dos blocos da universidade não possuem elevadores. Fazendo com que o aluno portador de deficiência (física por exemplo) tenha que se pôr em uma situação degradante, que será necessário ser ajudado por colegas para subir para sua sala.
R39	Melhorar os acessos aos blocos como exemplo (rampas acessíveis, iluminação, pisos táteis, placas de sinalização).
R40	Falta acessibilidade em muitos blocos do <i>campus</i> , como por exemplo no bloco CW.
R50	Acredito que a acessibilidade em muitos blocos, como o de arquitetura por exemplo, é escassa, além de muitas outras questões de inclusão e acessibilidade, como rampas, piso tátil adequado.
R60	Ainda tem muito o que fazer para melhorar a acessibilidade aqui do <i>campus</i> .
R62	Há muitas barreiras para o pedestre e em consequência mais ainda para pessoas com deficiência ou baixa mobilidade, os percursos são longos, ladeiras com muita inclinação, sem piso tátil e rampas em muitos lugares.
R63	Acessibilidade para cadeirantes.

R67	Acredito que ali no setor C, em específico no Bloco CAA, há o ponto positivo de ter elevadores (que facilitam o acesso àquele que necessita), porém infelizmente na maioria das vezes, está interditado. Vez ou outra um deles é liberado. Tendo isso em questão, acredito que se for melhorado, o setor C se tornará mais acessível.
R70	O calçamento e os buracos de estrada principalmente os que dão acesso ao setor C são simplesmente horríveis e precisam melhorar, além da estrutura dos blocos mais antigos que deixa demais a desejar, já escorreguei diversas vezes naquela estrada de terra, parece uma escola agrícola aquele setor C.
R74	Alguns blocos de laboratório não possuem nem elevador, nem rampas.
R76	A acessibilidade do Setor C é dificultada pela topografia íngreme, além da falta de investimentos adequados em urbanização.
R77	Existem poucas calçadas para pedestre e quando existem não tem uma altura adequada ou acesso para todas as pessoas.
R79	Pouca acessibilidade. Há um descompasso entre os percursos mais realizados e os percursos agenciados com piso e sombreamento. Em nenhum dos casos (rastros) ou percursos planejados são acessíveis.
R83	Os lugares que têm rampa não são conectados a uma rota acessível, a grande maioria dos blocos não têm rampas nem sinalizações necessárias. Até algumas passagens reformadas recentemente foram feitas apenas com escadas e sem nenhuma rampa.
R90	A UFCG, apesar de possuir pontuais rampas, elevadores e adaptações em algumas áreas do campus, ainda carece muito de infraestrutura e políticas adequadas para facilitar o acesso a pessoas com mobilidade reduzida, além de sinalização inadequada ou falta de manutenção dessas estruturas existentes. Esses problemas dificultam o acesso e a inclusão, impactando diretamente na participação e autonomia dos alunos com deficiência em atividades acadêmicas e sociais.
R92	Para mim, o ambiente é adequado, pois como não tenho nenhum tipo de deficiência não necessito de recursos para isso. No entanto, tendo uma perspectiva de alguém que possa ter alguma deficiência motora, os prédios não apresentam uma acessibilidade adequada. Como podemos observar, a maioria dos prédios possui apenas escadas para estarem tendo acesso os andares, o que acaba ficando inviável a quem tem alguma dificuldade para se locomover.
R95	A universidade deveria ser exemplo onde, possui os cursos de arquitetura, Eng. Civil Design, para fazer os melhores projetos de acessibilidade e informações setoriais.
R98	A UFCG não possui acessibilidade. Quando eu fazia graduação, tinha umas disciplinas com um amigo cadeirante de Eng. Civil, eu acompanhava a dificuldade

	dele em ir de um bloco para outro, ou de um bloco para o carro do pai dele. Ele não tinha nem como ir aos blocos de aula, nem a biblioteca, nem as lanchonetes.
R99	Um cadeirante tem autonomia ZERO para circular no interior da UFCG. É realmente vergonhoso.
R100	Não tem sinalização, as vezes só existe um acesso para o local, não tem placas, iluminação péssima, cachorros soltos pela universidade mordendo as pessoas.
R105	Praticamente não há rampas, nem elevadores. Há pouquíssimas calçadas com piso tátil. Não há nenhum tipo de sinalização por meio de placas ou efeitos sonoros.
R107	A estrutura da UFCG não proporciona nenhum tipo de acessibilidade para pessoas deficientes.

Apêndice C – Tabela com a relação de respostas da questão 17 (questionário aplicado)

R03	Um problema grave é a falta de sinalização. Um recurso mínimo que auxiliaria todos os usuários, principalmente aos novatos, e não é aplicado em quase nenhuma área da UFCG.
R07	Hoje, o percurso de quem vem da entrada principal é muito longo, poderia haver um caminho que ligasse a biblioteca até o setor esportivo, existem caminhos de desejos que merecem ser cuidados.
R19	Para além dos percursos, muitos espaços de permanência não apresentam acessibilidade. É o caso dos coretos que nem sempre possuem rampas e quando apresentam não estão de acordo com a norma, o espaço do Nubank não tem acesso por piso cimentado apenas cobograma e solo natural, bem como a praça de humanas que, apesar da inserção recente de rampas ainda tem muito a melhorar. Promover o acesso a todos também deve incluir os espaços de interação e convívio para uma experiência universitária completa.
R23	Na última questão acredito que a acessibilidade foi pensada mais em relação a pessoas com mobilidade reduzida, mas vale destacar a falta de piso tátil e placas informativas em todos esses ambientes.
R31	Os maiores problemas são a falta de caminhos relativamente tranquilos de seguir o que por muitas vezes leva a desvios e a falta de sinalização o que faz com que pessoas que não tem costume com a área fiquem perdidos.
R54	Tem muitos pontos a serem melhorados nesta universidade tem como objetivo assegurar a acessibilidade a pessoas PcD, o CAA é um dos maiores problemas com as quebras dos elevadores.

- R70** A infraestrutura da universidade é espetacular, porém o excesso de vegetação, a falta de manutenção de banheiros do CAA, e de coisas como uma simples pintura em blocos antigos como o Reenge, o CA ou o Laboratório de análises minerais, já daria outra cara para a faculdade, a manutenção de estradas e criação de caminhos e placas, seriam simples atitudes que deixariam a UFCG em outro patamar, aquele lugar é lindo e merece um pouco mais de cuidado e manutenção!
- R78** Não vejo na UFCG nenhuma obrigação em prédios até recentemente em construção/reforma a preocupação efetiva com acessibilidade. Para deficientes físicos com dificuldade de locomoção, acredito que só o CAA (quando o elevador funciona) consegue suprir algumas necessidades. No meu departamento, apenas as aulas realizadas no bloco CD conseguiriam suprir necessidades de um possível estudante de meteorologia com essas necessidades. O bloco CL, principal bloco de aulas/auditório/professores tem apenas escadas como a maioria dos blocos C. Além de que com as reformas, transtornos, desníveis e descontinuações até pessoas sem necessidades encontram dificuldades de locomoção dentro da UFCG. A universidade tem iniciativas como monitoria inclusiva que ajudam pessoas com diversas necessidades, porém passa longe da acessibilidade de independência de qualquer pessoa em locomoção principalmente em cursos de exatas (CTRN/CCT).
- R92** Ao ver as fotos da questão anterior, notei uma coisa na qual nunca percebi: creio que uma pessoa que tenha uma deficiência visual, os ambientes do *Campus* deve ser um grande desafio para se locomover, pois em sua maioria não tem uma indicação de onde ir.
- R98** Creio que será muito bom adequar nossa universidade, para que a acessibilidade seja garantida em toda suas áreas. Eu acompanhei meu amigo cadeirante no curso e vi de perto a dificuldade dele se locomover para assistir aula. Muitas vezes o pai dele tinha que ficar na UFCG esperando ele assistir uma aula, para depois ir com ele de carro até outro bloco. Ele não podia usar a biblioteca como nós usávamos e nem lanchar caso quisesse, pois não tem acessibilidade nenhuma. Eu acho que isso é muito triste. O termo universidade (*universitas*-latim) não possui aqui na UFCG seu sentido e significado literal, pois a comunidade aqui, é apenas a das pessoas que não possuem deficiência.
- R105** A acessibilidade é imprescindível para que o acesso universal ao ensino de nível superior, proposto pelo caráter público da universidade, seja assegurado, e, no momento, isso não é uma realidade dentro da UFCG. Esse estudo é de muita importância e é necessário que existam mudanças o mais cedo possível no cenário atual.